



UFMA

Vol. 7 N. 1
ISSN 1677-7220
Julho a Dezembro de 2008

Revista
BIBLIOMAR



Um novo olhar para o conhecimento

Publicação Semestral do Curso de Biblioteconomia
Universidade Federal do Maranhão

Editor
Rita Gonçalves Marques Portella Ferreira

Editor Assistente
Belijane Santos Vale

Comissão de Captação de Originais
Elany Lopes (Coordenadora)
Analina de Jesus
Camila de Sousa
Mária das Graças Farias
Rafaela Soares
Vivian Oliveira

Comissão de Comercialização
Lúcio Lago (Coordenador)
Andréa Maia
Lais Dalane
Mária Leonildes Dutra
Reyjane Mendes
Sabrina Pereira

Comissão de Comunicação e Divulgação
Larissa Moreira (Coordenadora)
Belijane Santos
Cristiane Rocha
Janaina Itapotiara
Khadya Costa
Nilza
Solange Silva

Comissão Editorial
Erika Maia (Coordenadora)
Byanca Viana
Denise de Carvalho
Hildneia Moraes
Josimary Costa
Luciana Araújo
Marcela Coêlho
Neurimar Santos
Rita de Cássia Silva
Solange Silva

Comissão de Patrocínio
Anderson Machado (Coordenador)
Cristiane Rocha
Ellen Couto
Leonardo Junior
Marcela Coêlho
Marcelino Veiga
Renata Sarges

Comissão de Finanças
Ramyza da Silva (Coordenadora)
Amanda Belfort
Livia Ribeiro
Marília Durans



Um novo olhar para o conhecimento

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Prof. Dr. Natalino Saigado Filho
Reitor

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

Prof. Dr. César Augusto Castro
Diretor

CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Profa. Ms. Maria da Glória Serra Pinto de Alencar
Chefe do Departamento

Profa. Dra. Cenidaiva Miranda de Sousa Teixeira
Coordenadora

Profa. Ms. Rita Gonçalves Marques Portella Ferreira
Professora da Disciplina Política Editorial

End. Av. dos Portugueses, s/n
Campus Universitário do Bacanga
São Luís - Maranhão
CEP: 65 080-040

EDITORIAL 5

ARTIGOS

**A EDUCAÇÃO BRASILEIRA NO CONTEXTO DA SOCIEDADE DA
INFORMAÇÃO** 7

Julene Fonseca Costa, Marihette Sousa Martins, Nádia Maria dos
Santos Moreira; Nayara Costa Pinheiro e Soraya Vieira de Albuquerque

A TRAJETÓRIA DAS BIBLIOTECAS BRASILEIRAS: alguns apontamentos 34

Francisca Elany R. S. Lopes, Lais Dayane Lima Pereira e
Vivian Oliveira da Silva

**FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS DO ENSINO DE BIBLIOTECONOMIA
NO MARANHÃO** 51

Camila Souza Moura, Neurimar D'ávila Pereira Santos, Marcio Jorge Souza
Mendes, Solange de Jesus Rodrigues Silva, Cecilia de Jesus Rodrigues;
Jonatas Jôny Furtado Neves; Luciana de Jesus Botelho Sodre e Marília do
Socorro Trindade Carneiro

**O SERVIÇO DE REFERÊNCIA E O PROCESSO EDUCATIVO DO
USUÁRIO** 65

Denise Sousa de Carvalho; Hildneia Araujo Moraes; José Marcelino
Nascimento Veiga Junior e Josimary Lira Costa

A PROMOÇÃO DO COMPOSTO DE MARKETING EM EMPRESAS E UNIDADES DE INFORMAÇÃO	79
Denise Sousa de Carvalho; José Marcelino Nascimento Veiga Júnior Josimary Lira Costa e Luciana Maria Ribeiro de Araujo	
ASPECTOS COGNITIVOS DA LEITURA E DO LEITOR	96
Eliclene Fonseca Costa; Marthlette Martins Sousa; Nádia Maria dos Santos Moreira; Nayera Costa Pinheiro e Soraya Vieira de Albuquerque	
A QUESTÃO ÉTICA DO PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO NO SERVIÇO DE REFERÊNCIA	114
Leonardo Pinto Araujo; Neurimar D'ávila Pereira Santos; Rita de Cássia Santos Silva e Shirlene Marcela Azevedo Coelho	
BIBLIOTERAPIA: cura, lazer e estímulo à leitura	129
Anderson de Araujo Machado; Érika de Jesus Coutinho Maia; José Marcelino N. Veiga Júnior e Solange de Jesus Rodrigues Silva	
A TECNOLOGIA DE INFORMAÇÃO: e seus impactos na sociedade da informação	139
Nádia Maria dos Santos Moreira e Eliclene Fonseca Costa	
LEITURA E MOTIVAÇÃO INFANTIL	162
Cecília de Jesus Rodrigues; Creusa Madeira Abreu; Leididaina Araújo e Silva e Célia Regina Bertulucci	
PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO: uma perspectiva para a Unidade de Informação	172
Analina de Jesus Rodrigues e Rafaela Soares	
O FUTURO DO LIVRO IMPRESSO VERSUS A REALIDADE VIRTUAL	182
Denise Sousa de Carvalho; José Marcelino Nascimento Veiga Júnior; Josimary Lira Costa e Ellen Marlene Costa Couto	
ENTREVISTA	195
EVENTOS	201
NORMAS PARA PUBLICAÇÃO NA BIBLIOMAR	203

FICHA TÉCNICA

Editora Chefe:

Prof.^a Ms. Rita Gonçalves Marques Portella Ferreira

Editoração Eletrônica e Capa:

Roberto Carvalho

Rogério Viana

Revisão de normalização:

Denise Sousa de Carvalho

Neurimar D'ávila Pereira Santos

Josimary Lira Costa

Revisão de Editoração:

Érika de Jesus Coutinho Maia

Rita de Cássia Santos Silva

Luciana Maria Ribeiro de Araujo.

Impressão:

Gráfica JK

Tiragem:

150 exemplares

Consultores Ad Hoc:

Prof.^a Ms. Cláudia Marinho P. de Abreu Pecegueiro

Prof.^a Ms. Márcia Tereza da Rocha Pimenta

Prof.^a Esp. Maria Cléa Nunes

Prof.^a Dr.^a Maria Mary Ferreira

Prof. Dr. César Augusto Castro

Prof.^a Ms. Rita Gonçalves Marques Portella Ferreira

Prof.^a Dr.^a Cenidalva Teixeira de Miranda

Prof.^a Ms. Valdirene Pereira da Conceição

Prof.^a Ms. Silvana Maria de Jesus Vetter

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte

Distribuição: Comissão de Comunicação e Divulgação
Universidade Federal do Maranhão - Centro de Ciências Sociais
Coordenação Curso de Biblioteconomia
End. Av. dos Portugueses, S/N
Campus Universitário do Bacanga
São Luis - Maranhão - CEP: 65 080-040

As informações expressas na Revista Bibliomar
são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

Revista Bibliomar / Curso de Biblioteconomia. - v. 1, n. 1 (2002). - São
Luis: UFMA, 2008.-

v. 7; 15 x 21cm.

Semestral

ISSN 1677-7220

1. Biblioteconomia - Periódicos I. Universidade Federal do Maranhão.
Curso de Biblioteconomia

CDD 020.5
CDD 02 (05)



Editorial

É com muito orgulho que, nós, profes-
sora e alunos da Disciplina Política Editorial do
sexto período do curso de Biblioteconomia da
Universidade Federal do Maranhão, estamos
disponibilizando aos usuários mais um novo nú-
mero, v. 7, n. 1 da Revista BIBLIOMAR.

Com muito sucesso chegamos a 7ª edição, periodicamente regular na sua
semestralidade. A BIBLIOMAR como pratica laboratorial dessa disciplina e tam-
bem considerada mais um produto da disciplina Marketing em Unidades de Infor-
mação, ministrada no mesmo período e pela mesma professora, em consonância
com os objetivos de atuar como canal de divulgação da produção acadêmica do
alunado do Curso.

Esta edição homenageia o curso de Biblioteconomia pelos seus quaren-
ta anos de criação, pois ao longo desse tempo, a ser comemorado em 10 de
março de 2009, vêm prestando relevante contribuição para o Estado, formando
profissionais bacharéis em biblioteconomia capacitados para o atendimento das
necessidades informacionais dos segmentos constitutivos da sociedade em geral,
proporcionando dessa forma o aceleramento dos desenvolvimentos científicos,
tecnológicos, sociais, culturais e econômicos do nosso Estado, e porque não dizer,
do País.

Esta afirmação tem como referência a consubstanciação da sua materia
prima, principal ferramenta de trabalho, "a informação", traduzida como principal
munição para a capacitação do exercício do poder de todas as esferas.

E desde então o Curso tem estado sempre atento às mudanças que ocor-
rem nos âmbitos das esferas citadas, cujos reflexos acabam atingindo um fluxo

que percorre em direção do coletivo para o individual e vice-versa, vem ajustando a sua estrutura curricular, submetendo-se a estudos, pesquisas e avaliação com vistas de manter o perfil de um curso moderno e inovador para o mercado de trabalho.

Sentimo-nos orgulhosos pelo curso de Biblioteconomia da UFMA não medir esforços para ser um curso aberto e ajustável à realidade em que se insere, e por fazermos parte do seu corpo docente. Parabéns!

A BIBLIOMAR traz para seus leitores neste número doze artigos de autoria dos acadêmicos do Curso e oriundos das mais diversas disciplinas integrantes do seu currículo, além de uma entrevista com o professor mestre, aposentado, Rubem Rodrigues Ferro, pioneiro do primeiro corpo docente que, dentre outros, teve um papel de grande relevância e importância, tanto nas fases de criação quanto na trajetória das suas três primeiras décadas de existência. O professor Rubem foi convidado da BIBLIOMAR para ser homenageado, nesta edição, representando todos os pioneiros. A todos eles nosso reconhecimento e gratidão pela grande obra.

Meu reconhecimento, também, aos alunos autores e aos alunos editores desse número, alunos coordenadores das comissões pelo esforço e brilhantismo com que venceram todas as barreiras para a consecução da publicação de mais um número da BIBLIOMAR, o que denota a prática do aprendizado e da construção do conhecimento propostos.

Prof.^a Ms. Rita Gonçalves M. Portella Ferreira

A EDUCAÇÃO BRASILEIRA NO CONTEXTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO*

Elcilene Fonseca Costa[†]
Marrhiette Sousa Martins^{**}
Nádia Maria dos Santos Moreira^{**}
Nayara Costa Pinheiro^{**}
Soraya Vieira de Albuquerque^{**}

RESUMO

O estudo apresenta a educação no contexto da sociedade da informação abrangendo a evolução da sociedade e o contexto histórico e atual da educação. Resulta de pesquisa bibliográfica e documental fundamentada em textos impressos e eletrônicos. Tem a finalidade de compreender a partir da evolução educacional os novos paradigmas no campo da chamada sociedade da informação. Aborda a sociedade industrial e a sociedade da informação, mostrando os aspectos característicos e a forma que a educação é enfatizada. Enfoca a educação no contexto histórico e atual, demonstrando o cenário pertinente a esse processo evolutivo. Enfatiza os novos paradigmas da educação na Sociedade da Informação, a fim de evidenciar as mudanças e a conservação de conceitos tradicionais, abordando também o papel do professor, do aluno e da escola nesse contexto. Finaliza destacando a importância da educação para o âmbito social, para o desenvolvimento da humanidade e para o crescimento da era informacional.

Palavras-chave: Sociedade da Informação. Educação. Paradigmas da Educação.

* Artigo apresentado a disciplina Serviço em Unidades de Informação Pública e Escolar do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão.

** Alunas do 8º período do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão.

2.1 Sociedade Industrial brasileira

É constituída no Brasil a partir do período de 1900 a 1950 com o início da Revolução Industrial que "[...] consistiu em um conjunto de mudanças tecnológicas com impacto profundo no processo produtivo em nível econômico e social" (REVOLUÇÃO..., [200-?]), a qual acarretou novas perspectivas para a sociedade. Ressalta-se que o início original da sociedade industrial foi em 1750 com o começo da Revolução Industrial na Grã-Bretanha.

Esta sociedade teve como características o foco na individualidade do homem, tornando-o conservador, predominância da razão técnica e o objetivo de finalizar em menor tempo uma produção. Portanto, a sociedade era voltada economicamente à indústria, tendo em vista o fortalecimento do capitalismo, que é o sistema base para as eras econômicas.

Com a Revolução Industrial os trabalhadores perderam o controle do processo produtivo, uma vez que passaram a trabalhar para um patrão (na qualidade de empregados ou operários) perdendo a posse da matéria-prima, do produto final e do lucro. (REVOLUÇÃO..., [200-?])

Nesse cenário industrial a educação atuou através do surgimento das primeiras escolas públicas devido à necessidade sentida pela própria sociedade industrial, pois precisava de pessoas estruturadas e qualificadas, cujo propósito era formar pessoas de acordo com os parâmetros da sociedade. Nesse contexto, o aluno era um indivíduo que atuava como telespectador, destacando assim a falta de feedback entre o aluno e o professor, isto é, o aluno era apenas o receptor das mensagens dadas.

No setor econômico a produção em massa dessa sociedade integrava alguns que tinham sido contrários ao sistema, tornando o mesmo cada vez mais crescente. Com isso, a sociedade industrial foi modificando cada vez mais e

tornando-se a base histórica da atual sociedade da informação, pois a partir de algumas falhas e formas distorcidas de ver o homem, foi o que deu margem aos aspectos que caracterizam a atual sociedade referida.

2.2 A Sociedade da Informação

O termo sociedade da informação ou do conhecimento é na verdade antigo, datando da época em que se tentou reunir todo o conhecimento da humanidade na Biblioteca de Alexandria. De acordo com Guedes (2006, p. 1) "[...] O conceito de sociedade do conhecimento transita por diferentes cenários da cultura mundializada, cujas características principais são as habilidades e as possibilidades de acesso, de controle e de armazenamento de informação [...]".

Assim, como as demais sociedades, ela traz consigo algumas características: a informação é o insumo de fundamental importância de geração do conhecimento, o fluxo informacional é constante e a demanda de informação é assustadora. Neste contexto Amaral (1995, p. 01) afirma que:

A informação é um fator imprescindível para impulsionar o desenvolvimento da sociedade, constituindo-se em um insumo de fundamental importância de geração do conhecimento que, por sua vez, possibilitará de modo eficiente a satisfação das diversas demandas da população.

Nesta sociedade, as tecnologias de informação estão presentes, definindo um novo modo de pensar, falar e de trabalhar, sendo que os principais instrumentos de trabalho são as informações e o conhecimento. É importante dizer que a informação e o conhecimento sempre estiveram presentes, porém, hoje têm seu valor reconhecido como fonte principal de emprego, renda e desenvolvimento. Esse reconhecimento é tão presente na atualidade que Amaral (1995, p. 1-2) relata que:

[...] os países avançados encaram a informação como [...] imprescindível para o desenvolvimento tecnológico e econômico, considerando-se uma mercadoria negociável, que deve fluir nos mercados internacionais. [...] Nos países avançados, a indústria da informação é hoje o setor que mais emprega mão-de-obra, enquanto a informática vem dando a sustentação tecnológica necessária à expansão e consolidação da referida indústria.

A sociedade da informação é na verdade a sociedade que atualmente está se constituindo. Nela são amplamente usadas tecnologias de armazenamento e transmissão de dados e informações. A informação ajuda a superar as desigualdades existentes. Tem como criar mão-de-obra qualificada. No acesso a esta sociedade, as políticas públicas podem e devem fazer a diferença para "[...] que sejam aproveitadas todas as vantagens econômicas e sociais do progresso tecnológico e melhorada a qualidade de vida dos cidadãos [...]". (ASSMANN, 2000, p. 9).

No entanto, não podemos nos esquecer que ao lado da sociedade da informação, figura outra sociedade que alguns teóricos assim como Castro e Ribeiro chamam de sociedade da desinformação, do excluídos de acesso aos vários tipos de bens culturais sem falar no analfabetismo, que infelizmente, persiste até hoje. Entre estas duas sociedades existe uma relação de contradição, como ressalta Castro e Ribeiro (2004, p. 47):

A relação sociedade da informação/desinformação nos alcança cotidianamente, nas ruas, nas praças públicas, nas conversas de bar e contraditoriamente nas Universidades. De um lado encontramos cientistas que descrevem com propriedade as mais recentes descobertas nos campos da biogenética, da física, da cibernética e em direção contrária pessoas que não sabem decifrar o código escrito [...].

Esta nova era pressupõe uma imensa oportunidade para disseminar de forma democrática as informações, utilizá-las para gerar conhecimento em direção

a uma sociedade mais justa. Para que isso ocorra, é necessário a transferência do conhecimento; este é um processo social que ocorre entre os indivíduos e não confinado dentro de um só, afim de assegurar os princípios de igualdade, de oportunidade, de integração e participação de todos, sendo este, possível se todos possuírem acesso a uma parcela mínima dos serviços oferecidos pela sociedade da informação. Portanto, a sociedade da informação possui um cenário promissor ao desenvolvimento e evolução da educação, pois objetiva o enriquecimento e abrangência do nível de conhecimento do indivíduo e norteia a metodologia de ensino e aprendizagem, formando indivíduos mais exigentes, no que se refere à busca pela informação.

3 UM PERCURSO HISTÓRICO E ATUAL SOBRE A EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Educação é o Processo, no qual, se desenvolve a capacidade intelectual e moral do ser humano, com o objetivo de melhorar a integração individual e social. E para Luzuriaga (1980, p. 1-2) educação é a "[...] influência intencional e sistematizada sobre o ser juvenil, com propósito de formá-lo e desenvolvê-lo [...] [sendo também a] parte integrante, essencial da vida do homem e da sociedade [...]".

Nessa perspectiva, tem-se que a educação é imprescindível para o desenvolvimento e formação do homem, sendo ela a parte fundamental do mesmo, pois influencia de forma intencional e organizada o jovem para a vida e convívio social, preparando-o para superar de maneira sábia os obstáculos presentes no percurso da vida.

3.1 Histórico da educação brasileira

A sociedade vem evoluindo ao longo do tempo e juntamente com ele a educação brasileira apresenta a sua evolução, porém no decorrer de sua história

manifestou algumas interrupções, que se caracterizou desde a chegada dos jesuítas.

Com a vinda dos primeiros **jesuítas** ao território brasileiro, em março de 1549, a educação dos índios foi interrompida. De acordo com Bello (2001) os jesuítas

[eram] [...] comandados pelo padre Manoel de Nóbrega, quinze dias após a chegada edificaram a primeira escola elementar brasileira em Salvador, tendo como mestre o irmão Vicente Rodrigues, contando apenas 21 anos. Irmão Vicente tornou-se o primeiro professor nos moldes europeus, em terras brasileiras, e durante mais de 50 anos dedicou-se ao ensino e a propagação da fé religiosa.

Os jesuítas tinham tanto a preocupação de propagar a fé católica quanto em propagar o trabalho educativo, pois perceberam que precisariam ensinar os índios a ler e escrever para depois converterem a fé católica. Desse modo, Luzuriaga (1980, p. 118) descreve que "A ordem dos jesuítas não foi, entretanto, criada só com fins educacionais, ademais, parece que no começo não figuravam esse entre os propósitos [...]", pois a ordem dos jesuítas tinha como finalidade essencial a propagação da fé católica.

Com vinte e um anos de atuação no Brasil, estes possuíam cinco escolas de instrução elementar e três colégios, pois estes trouxeram além da moral, costumes e religiosidades, trouxeram também métodos pedagógicos. E todas as escolas eram regulamentadas, pois possuíam o documento **Ratio Studiorum**, propagado em 1599 e escrito por Inácio de Loyola. (BELLO, 2001).

A educação jesuítica não se baseava apenas no ensino das primeiras letras, ou seja, apresentava Curso Elementar, os Cursos Secundários de Letras que abordava Gramática Latina, Humanidade e Retórica e de Filosofia abrangia Lógi-

ca, Metafísica, Moral, Matemática, Ciências Físicas e Naturais e o Nível Superior que eram os cursos de Teologia e Ciência Sagradas para os sacerdotes.

Esse modelo educacional durou 210 anos, até a expulsão dos jesuítas, em 1759 por Marquês de Pombal. A sua expulsão foi ocasionada pela distinção de seus objetivos com os da corte de Portugal e causou uma nova interrupção no sistema educacional.

Pombal objetivava tirar Portugal da situação difícil que se encontrava, junto às potências europeias. Logo, ao invés de escolas voltadas para fé, Pombal pretendia que fossem direcionadas aos interesses do Estado. E em 28 de junho de 1759, Pombal criou as aulas régias de Latim, Grego e Retórica, sendo que essas aulas eram autônoma e isolada, com um professor único, ele criou também a Diretoria de Estado (BELLO, 2001, p.?).

Portugal percebeu que a educação não estava progredindo e resolveu dar a solução para esse problema criando o Subsídio Literário, em 1772, para manter os Ensinos Primário e Médio. Este subsídio baseava em uma cobrança sobre os alimentos. Porém, essa cobrança não era realizada com frequência e como consequência disso, os professores não eram pagos constantemente. Esses professores não eram qualificados para exercerem a função, pois eram pessoas improvisadas, aprovadas por Bispos, e passavam a ser vitalícios nas suas aulas régias a quem lecionavam.

Uma nova interrupção aconteceu com a vinda da Família real ao Brasil, em 1808. D. João VI criou escolas de Direito e Medicina, abriu Academias Militares, Biblioteca Real, fez o Jardim Botânico, mas o que marcou dentre suas obras foi a Imprensa Régia, tudo isso foi criado para suprir as próprias necessidades de D. João. Enquanto, a educação continuava sem a sua devida importância.

dárias. Esse período marca a diferença do trabalho intelectual para o manual, onde o intelectual era voltado para os mais favorecidos e o manual para os menos favorecidos.

Em 1942, parte do ensino foi reformulado pelo Ministro Gustavo Capanema, sendo que essas reformas ficaram conhecidas como Leis Orgânicas do Ensino e elas foram compostas por Decretos-lei que deram origem ao Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI, estimulando com isso, o ensino profissionalizante.

Nesse período o ensino foi dividido da seguinte forma: o curso primário de cinco anos, o ginásio em quatro anos e o colegial em três anos. Depois dessa divisão, o colegial passou a ter a preocupação em formação geral e não mais em preparar para o ensino superior.

Uma nova Constituição surgiu no período da Nova República, período este que vai de 1946 a 1963. Nesta tornou-se obrigatório o ensino primário e ainda transferia a capacidade da União para estabelecer os procedimentos e bases da educação nacional. A educação continuou sendo um direito para todos.

O Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC foi criado em 1946 pelo Ministro Raul Leitão da Cunha. E ainda neste mesmo ano, com base no ensino da Carta Magna, houve a formação de uma comissão pelo Ministro Clemente Mariani, com o objetivo de criar um anteprojeto de reforma geral da educação nacional. Porém esta comissão dirigida pelo educador Lourenço Filho foi organizada em três subcomissões, uma para o ensino primário, outra para o ensino médio e a última para o ensino superior.

Em 1953, cabe ao Ministério da Educação e Cultura gerir a educação. Já em 1962 criou-se o Conselho Federal de Educação que substituiu o Conselho Nacional de Educação e os conselhos estaduais de educação, isto ocorreu com

inupração no método Paulo Freire, o criador do Plano Nacional de Educação e o programa nacional de alfabetização pelo Mec.

No período do Regime Militar, o caráter de ensino tornou-se antidemocrático, o que Bello (2001) descreve com clareza, quando afirma:

[...] professores foram presos e demitidos; universidades foram invadidas; estudantes foram presos e feridos, nos confrontos com a polícia, e alguns foram mortos; os estudantes foram calados e a União Nacional dos Estudantes proibida de funcionar; o Decreto-Lei 477 calou a boca de alunos e professores.

Com base no método Paulo Freire surgiu o movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAF, com o objetivo de propor a erradicação do analfabetismo no Brasil, porém isso não aconteceu. Com a extinção do MOBRAF criou-se a Fundação Educar.

E mesmo num momento de grande violência e censura foi instituída a Lei 5.692, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, esta lei propôs uma formação profissionalizante.

Com o fim da Ditadura Militar, teve-se período da Abertura Política, a partir de 1986, onde a educação passou a ser vista por pensadores de outras áreas do conhecimento, no sentido mais amplo, e não somente no âmbito de escola, sala de aula, professor e estudante por pensadores de outras áreas do conhecimento.

O Ministro da Educação Paulo Renato de Sousa teve a iniciativa marcante na educação. Logo no início de sua gestão, ele dissipou o Conselho Federal de Educação e formulou o Conselho Nacional de Educação, depois criou o Exame Nacional de cursos, ou seja, os alunos das universidades, onde estes eram obrigados a fazer uma prova quando encerravam o curso.

A história educacional brasileira foi marcada por grandes interrupções, o que contribuiu para que não obtivéssemos uma educação de qualidade. Deveria

1 INTRODUÇÃO

A sociedade perpassa por constantes mudanças e avanços tecnológicos, que refletem em vários setores do campo social e dentre estes se tem a educação. Ainda nesse contexto a educação é vislumbrada como algo imprescindível ao desenvolvimento cognitivo da humanidade e da própria sociedade, sendo ela comparada à luz que ilumina o que antes era desconhecido e passa a ser descoberto para atualizar e evolui o âmbito social.

Desse modo, Belluzzo (2005) ressalta que:

[...] [no] processo de evolução da humanidade, constata-se a presença marcante das descobertas, inovações e os avanços, estreitamente relacionados ao espírito aventureiro, à inquietude, ao inconformismo e à capacidade inquisitiva dos seres humanos. Assim, o anseio pela busca do desconhecido, pela descoberta de novas fronteiras e produção de novos conhecimentos impulsionaram e continuam a projetar a sociedade em direção ao desenvolvimento.

A educação possui duas vertentes: a tradicional e a moderna, a primeira vertente está atrelada aos aspectos remotos que caracterizaram a educação e a segunda refere-se aos novos paradigmas que permeiam as mudanças no campo educacional. Mesmo com estas duas vertentes Delors (1999, p. 89) enfatiza o seguinte: "[...] A educação deve transmitir, de fato, de forma maciça e eficaz, cada vez mais saberes e saber-fazer evolutivos, adaptados à civilização cognitiva, pois são as bases das competências do futuro".

O estudo propõe-se atender a uma atividade acadêmica da disciplina Serviço em Unidades de Informação Pública e Escolar do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão. Tem por finalidade abordar os novos pa-

radigmas da educação no âmbito da sociedade da informação e a promoção de conhecimento acerca do referido contexto.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental, de modo descritivo, fundamentada teoricamente por autores como Gadotti (2000), Castro (2004), Delors (1999), Belluzzo ([200-?]), Bello (2001), Furtado ([200-?]) e dentre outros que contribuíram para atribuição de informações no estudo.

Mediante o exposto, o referido estudo encontra-se dividido da seguinte forma: inicialmente destaca-se a justificativa, a finalidade e a metodologia aplicada ao estudo, bem como a apresentação das seções que compõe o mesmo. A seção dois refere-se aos aspectos da sociedade brasileira nas eras da indústria e da informação, enfatizando aspectos característicos que retratem as duas eras. Na seção três tem-se um percurso histórico e atual sobre a educação brasileira. Na quarta seção faz-se a relação entre os novos paradigmas da educação e a sociedade da informação e a quinta seção compreende as reflexões e as considerações finais acerca do estudo.

2 ASPECTOS DA SOCIEDADE BRASILEIRA NAS ERAS DA INDÚSTRIA E DA INFORMAÇÃO

A sociedade brasileira passou por fortes mudanças e transformações de cunho político, econômico e social e a cada dia que passa sofre mais alterações. Desse modo, para que o estudo contemple os novos paradigmas da educação na sociedade da informação é necessário descrever duas eras da sociedade brasileira, para que sejam percebidas as transformações que perpassaram a mesma, tendo como intuito, demonstrar o cenário no qual está inserida a educação.

No decorrer do século XX, a sociedade brasileira passou por duas eras relevantes, tais como: era industrial e era da informação.

Em 1821, D. João volta a Portugal e deixa seu filho D. Pedro I em seu lugar. Este, em 1824 proclama a Independência da República e aprova a primeira Constituição Brasileira. Nesta Constituição contém que o Ensino Primário deve ser gratuito para todos, como afirma Bello (2001) "o Art. 179 desta Lei Magna dizia que a "instrução primária é gratuita para todos os cidadãos[...]".

Bello (2001) aborda algumas contribuições para a educação no período Imperial de 1822 a 1888, como:

- a) Em 1823, foi instituído o Método Lancaster ou do ensino mútuo. Este método era para prover a falta de professores, e acontecia que cada aluno era treinado para ensinar um grupo de dez alunos sob a fiscalização de um inspetor;
- b) Em 1826, um Decreto institui quatro graus de instrução: Pedagogias (escolas primárias), Liceus, Ginásios e Academias;
- c) Em 1827, um projeto de lei sugeriu a criação de pedagogias em todas as cidades e vilas, além de prever o exame na escolha dos professores. Propôs a abertura de escolas para meninas;
- d) Em 1834, o Ato Adicional à Constituição propôs que a província passaria a ser responsáveis pela administração do ensino primário e secundário;
- e) Em 1835, surge a primeira Escola Normal, em Niterói;
- f) Em 1837, foi criado o Colégio Pedro II, que objetivou transformar um modelo pedagógico para o curso secundário, porém não conseguiu atingir seu objetivo.

Mesmo com essas contribuições, no período Imperial, D. Pedro I não colheu o suficiente para formar no Brasil um sistema educacional.

No período da Primeira República que vai de 1889 a 1929 foram realizadas algumas reformas na educação, como: A reforma de Benjamin Constante que se baseava na liberdade de ensino e também a escola primária gratuita. Tinha dois

propósitos, a de formar os alunos para o ensino superior e de ter o ensino com predominância científica e não literária.

Por outro lado, o Código de Eitácio Pessoa de 1901, deu ênfase à parte literária, ao colocar lógica entre as matérias e ao retirar biologia, sociologia e a moral. A reforma Rivadávia Correa, em 1911, propôs que o curso secundário fosse capaz de formar cidadão, aboliu o diploma e criou o certificado de assistência e aproveitamento.

Na Segunda República que abrange o período de 1930 a 1936, o Brasil teve uma abertura para o mundo capitalista de produção, com isso, o mercado passou a requerer mão-de-obra especializada. E para que isso acontecesse era necessário melhorar a educação. Então, em 1930 criaram o Ministério da Educação e o governo provisório aprovou decretos que ficou conhecido como Reforma Francisco Campos que possuía o objetivo de organizar o ensino secundário e as universidades que ainda não existia, em 1931.

A nova Constituição, em 1934, tornou a educação como um direito de todos. E nesse mesmo ano o governador Armando Salles Oliveira criou a Universidade de São Paulo e depois de um ano Anísio Teixeira, secretário de Educação de Distrito Federal. Criou a Universidade do Distrito Federal, no atual município do Rio de Janeiro.

No período do Estado Novo, em 1937 foi aprovada a nova Constituição, e nela foi aguçado o ensino pré-vocacional e profissional. A citada Constituição tirou a responsabilidade do Estado pela educação. Sobre isso, Bello (2001) "[...] propõe que a arte, a ciência e o ensino sejam livres à iniciativa individual e à associação ou pessoas coletivas públicas e particulares, tirando do Estado o dever da educação".

O ensino primário continuava obrigatório e gratuito e também tornava obrigatório o ensino de trabalhos manuais nas escolas normais, primárias e secundárias.

dárias. Esse período marca a diferença do trabalho intelectual para o manual, onde o intelectual era voltado para os mais favorecidos e o manual para os menos favorecidos.

Em 1942, parte do ensino foi reformulado pelo Ministro Gustavo Capanema, sendo que essas reformas ficaram conhecidas como Leis Orgânicas do Ensino e elas foram compostas por Decretos-lei que deram origem ao Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI, estimulando com isso, o ensino profissionalizante.

Nesse período o ensino foi dividido da seguinte forma: o curso primário de cinco anos, o ginásio em quatro anos e o colegial em três anos. Depois dessa divisão, o colegial passou a ter a preocupação em formação geral e não mais em preparar para o ensino superior.

Uma nova Constituição surgiu no período da Nova República, período este que vai de 1946 a 1963. Nesta tornou-se obrigatório o ensino primário e ainda transferia a capacidade da União para estabelecer os procedimentos e bases da educação nacional. A educação continuou sendo um direito para todos.

O Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – SENAC foi criado em 1946 pelo Ministro Raul Leitão da Cunha. E ainda neste mesmo ano, com base no ensino da Carta Magna, houve a formação de uma comissão pelo Ministro Clemente Mariani, com o objetivo de criar um anteprojeto de reforma geral da educação nacional. Porém esta comissão dirigida pelo educador Lourenço Filho foi organizada em três subcomissões, uma para o ensino primário, outra para o ensino médio e a última para o ensino superior.

Em 1953, cabe ao Ministério da Educação e Cultura gerir a educação. Já em 1962 criou-se o Conselho Federal de Educação que substituiu o Conselho Nacional de Educação e os conselhos estaduais de educação, isto ocorreu com

inspiração no método Paulo Freire, o criador do Plano Nacional de Educação e o programa nacional de alfabetização pelo Mec.

No período do Regime Militar, o caráter de ensino tornou-se antidemocrático, o que Bello (2001) descreve com clareza, quando afirma:

[...] professores foram presos e demitidos; universidades foram invadidas; estudantes foram presos e feridos, nos confrontos com a polícia, e alguns foram mortos; os estudantes foram calados e a União Nacional dos Estudantes proibida de funcionar; o Decreto-Lei 477 calou a boca de alunos e professores.

Com base no método Paulo Freire surgiu o movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL, com o objetivo de propor a erradicação do analfabetismo no Brasil, porém isso não aconteceu. Com a extinção do MOBRAL criou-se a Fundação Educara.

E mesmo num momento de grande violência e censura foi instituída a Lei 5.692, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, esta lei propôs uma formação profissionalizante.

Com o fim da Ditadura Militar, teve-se período da Abertura Política, a partir de 1986, onde a educação passou a ser vista por pensadores de outras áreas do conhecimento, no sentido mais amplo, e não somente no âmbito de escola, sala de aula, professor e estudante por pensadores de outras áreas do conhecimento.

O Ministro da Educação Paulo Renato de Sousa teve a iniciativa marcante na educação. Logo no início de sua gestão, ele dissipou o Conselho Federal de Educação e formulou o Conselho Nacional de Educação, depois criou o Exame Nacional de cursos, ou seja, os alunos das universidades, onde estes eram obrigados a fazer uma prova quando encerravam o curso.

A história Educacional brasileira foi marcada por grandes interrupções, o que contribuiu para que não obtivéssemos uma educação de qualidade. Deveria

ser implantado um modelo único de educação no qual preenchessem as necessidades de todos os cidadãos.

3.2 A educação no contexto atual

A educação, nas últimas décadas, passou por mudanças significativas devido às transformações tecnológicas ocorridas, ampliação dos meios de comunicações para os dois indivíduos se comunicarem entre si, o que resultou na difusão de conhecimento de forma mais rápida e eficaz.

O advento da Internet proporcionou a aprendizagem à distância que é a grande inovação do Sistema Educacional neste novo milênio, portanto é necessário dominar a linguagem eletrônica para que todos obtenham o que está disponível nas redes de computadores interligados para ocorrer à democratização da informação.

Os educadores atualmente têm a visão de formar pessoas com consciência crítica, voltando-se para a transformação social. Com fundamento nesta visão, a Unesco constituiu os quatro pilares da educação que são eles: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser.

- a) **aprender a conhecer** é um pilar que está ligado ao prazer de compreender, de conhecer e de descobrir, o que se supõe uma cultura geral.
- b) **aprender a fazer** refere-se à qualificação profissional, habilidades e características que torna a pessoa apta para enfrentar as dificuldades encontradas no ambiente de trabalho e saber trabalhar em equipe é fundamental.
- c) **aprender a ser** é um pilar que está ligado ao desenvolvimento da personalidade, responsabilidade social, imaginação, que são fatores que interferem na coletividade.

- d) **aprender a viver juntos** significa aprender a compreender os outros, vivência harmoniosa com o próximo.

Além disso, o novo Sistema Educacional reflete o paradigma holonômico que sustenta um princípio unificado do saber, em torno do ser humano, destacando a sua vivência, o cotidiano do ser humano.

4 NOVOS PARADIGMAS DA EDUCAÇÃO NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

O mundo contemporâneo, baseado em um modelo de sociedade onde a informação é recurso de poder, proporcionando a sociedade à capacidade de desenvolvimento, uma vez que torna possível a geração e aplicação do conhecimento em sociedade, apresenta mudanças que afetam todos os setores da sociedade, inclusive a educação. Mudanças essas provocadas por diferentes fatores dentre os quais se destacam os acelerados desenvolvimentos da tecnologia, as mudanças nas relações de poder e política, a globalização dos mercados, os novos padrões de competição internacional, a reorientação do mercado consumidor, em que hoje em dia, demandam e estimulam muito em certas áreas da ciência, a tão falada mudança de paradigmas por força da existência de numerosos problemas no cenário do conhecimento humano que não conseguem mais ser resolvido com base no velho modelo dominante.

Compreendemos que passamos de uma sociedade cuja base tecnológica era analógica para uma vida digital. Com base em Belluzo, ([200_?], p. 2) "[...] essa desafiadora situação exige novas capacidades mentais, habilidades gerais de comunicação e maior capacidade de abstração, num reduzido espaço de tempo". As pessoas e as instituições devem adaptar-se a esta nova situação, passando a rever, os verdadeiros papéis, métodos de ensinar e aprender, tanto na

escola como no trabalho. A sociedade global, que nos é imposta, objetiva um agir e pensar padronizados.

Na nova economia não basta dispor de uma infra-estrutura moderna de comunicação; é preciso competência para transformar informação em conhecimento. É a educação o elemento chave para a construção de uma sociedade da informação e condição essencial para que pessoas e organizações estejam aptas a lidar com o novo, a criar e, assim, a garantir seu espaço de liberdade e autonomia. A dinâmica da sociedade da informação requer educação continuada ao longo da vida, que permita ao indivíduo não apenas acompanhar as mudanças tecnológicas, mas, sobretudo inovar.

Seria indispensável identificar o papel, desses três componentes (a escola, o professor e o aluno), nas condições ideais, seriam capazes de muitas mudanças na sociedade. Refletir acerca do papel da escola na sociedade em que vivemos, uma vez que ela é o local a partir do qual a maioria das pessoas começa a questionar essa sociedade, seja de dentro para fora ou de fora para dentro. Para mudar a sociedade é preciso mudar a escola e vice-versa. O próximo passo foi trazer o professor para debate, componente fundamental em qualquer mudança que se possa imaginar na educação. Procurei saber o que direciona sua prática de ensino: transformar o aluno em um cidadão crítico ou prepará-lo para o ingresso na universidade? E o aluno? É um ser passivo nesse processo? Certamente não, pois juntamente com o professor ele deve ter voz no processo educativo.

4.1 O papel da escola

O papel da escola tem sido muito discutido e questionado: um lugar para se doutrinar, se adestrar, se disciplinar para ser o mais eficiente possível ou um lugar para formar indivíduos críticos, com uma visão do homem e do mundo, conscientes da realidade e de como ela foi construída? Para muitos, a segunda opção

« a verdadeira, mas para outros a escola tem sido um espaço de doutrinação, utilizada pelo Estado para impor a sua ideologia e subordinar a todos que por ela passam.

Como diz Gadotti, (2000, p. 9),

[...] cabe a escola: amar o conhecimento como espaço de realização humana, de alegria e de contentamento cultural; selecionar e rever criticamente a informação; formular hipóteses; ser criativa e inventiva (inovar); ser provocadora de mensagens e não pura receptora; produzir, construir e reconstruir conhecimento elaborado. E mais: numa perspectiva emancipadora da educação, a escola tem que fazer tudo isso em favor dos excluídos, não discriminado o pobre. Ela não pode distribuir poder, mas pode construir e reconstruir conhecimentos, saber, que é poder. Numa perspectiva emancipadora da educação, a tecnologia contribui muito pouco para a emancipação dos excluídos se não for associada ao exercício da cidadania.

Assim, se é a pretensão da instituição de ensino formar alunos leitores críticos e autônomos na busca e uso da informação deve primeiramente, assegurar que exista um ambiente propício para que tais atividades possam ser desenvolvidas. Cabe também ao sistema educacional vencer o desafio de reaproximar a família do processo educacional devolvendo a elas suas competências e obrigações na educação do aluno.

Tornou-se urgente fazer com que a escola seja parte integrante do futuro que por agora se configura, resignificando o seu papel, estabelecendo uma relação prazerosa entre o conhecimento e o saber, desenvolvendo a comunicação, o pensamento crítico e trabalhando no sentido de levar o educando a resolver situações problemas, num processo dinâmico de construção do conhecimento.

De acordo com Dudziak (apud SILVA, 2005, p. 12, grifo do autor),

A escola, consciente de seu papel deve formar sujeitos capazes de promover sua auto-aprendizagem ao longo da vida, deve estar atenta às mudanças informacionais de nossa sociedade, adaptando métodos de ensino e conteúdos às suas novas necessidades. E cabe principalmente aos serviços de informação presentes em instituições de ensino fazer a inserção das crianças na *sociedade informacional* em que vivemos.

Portanto, a escola possui papel fundamental na formação de indivíduos, pois capacita e promove a aprendizagem dos mesmos durante a vida. Desse modo, a escola tem a responsabilidade de acompanhar as transformações informacionais, a fim de adequar o ensino e os conteúdos às novas necessidades de informação e integrar o indivíduo no âmbito da sociedade em que se encontra inserido.

4.2 O papel do professor

Quanto ao profissional da educação é indispensável desenvolver novas competência e reconfigurar outras, onde competência é a capacidade de mobilizar um conjunto de recursos, conhecimentos, esquemas de avaliação e de ação, ferramenta e atitudes a fim de enfrentar com eficácia situações complexas e inéditas e para que essas competências ocorram é necessário primeiramente que o educador reconheça a escola que tem e o nível de competência que possui.

Diante disso Gadotti (2000, p. 7) elenca as competências que o educador deve assumir na sala de aula:

A primeira é a competência teórica, a qual se dá através da formação continuada contínua, sistemática e assistemática. A competência aplicada trata-se aqui da capacidade de transformar a teoria aprendida em problematização significativas para a vida dos alunos. A competência institu-

cional a qual permitira delimitar suas práticas pedagógicas à ordem do discurso institucional. E por fim a competência afetiva onde não é preciso ser autoritário para ter autoridade e nem licencioso para ter liberdade. Autoridade e liberdade devem andar de mãos dadas.

O professor da era da informação precisa exercitar com o aluno a elaboração do saber, numa educação menos massificada e mais personalizada, respeitando o ritmo individual de cada estudante.

4.3 O papel do aluno

Outro papel que se tem discutido no processo educacional é o papel do aluno, uma vez que a caracterização desse papel, no entanto, podera sofrer alguma variação dependendo das relações estabelecidas entre o professor-aluno. Onde o segundo Demo (1996, p. 47), o professor desempenha um papel compreendido como um mero repassador de conhecimento alheio, exercendo assim uma função extremamente limitada e um papel tipicamente burocrático em sala de aula se limitando a ser um instrutor que acredita passar o conteúdo para seus alunos esquecendo que nenhum conhecimento é passado ou transmitido, acabando por delimitar severamente o papel do aluno, tolhendo suas possíveis contribuições, impedindo-o de estabelecer um raciocínio mais crítico e autônomo. Portanto ao lado do simples ministrador encontrar-se o aluno passivo e domesticado que apenas decora e nada mais faz do que compactuar com a atitude de seu professor - instrutor.

O professor precisa adotar uma postura de pesquisador, podendo assim alcançar uma emancipação e autonomia, o professor adotando esta postura estará trazendo benefícios aos alunos uma vez que professor e aluno tornam sujeitos ativos na construção do saber, a noção de conhecimento também é reestruturada. Assim, o papel do aluno também passara por um processo de transformação ele

deixara de ser subestimado e considerado apenas um sujeito passivo, para se tornar um aluno questionador e participativo nos processos de construção de conhecimento.

Os sistemas educacionais ainda não conseguiram avaliar suficientemente os impactos das novas teorias sugeridas nesses últimos anos, entre os mais novos paradigmas da educação está o termo tão amplamente usado pelos pedagogos "aprender a aprender", que quer dizer antes de a criança tentar compreender como ocorre o processo de aprendizagem, a criança deverá aprender através de sua vivência cotidiana, seus erros e acertos. Como diz Furtado ([200-?], p. 1):

[...] aprender a aprender é, adquirir habilidade para aprender, saber, obter, utilizar e gerar nova informação; os sistemas de informação tornaram-se extremamente importantes, pois podem contribuir para a sua democratização, ou seja, facilitar e aumentar o seu acesso e, mais ainda, contribuir para que a informação recebida transforme-se em conhecimento, melhorando a qualidade de vida dos cidadãos.

A sociedade da informação está constantemente em processo de mudanças, exigindo assim dos cidadãos a habilidade de aprender, num processo contínuo de aprendizagem, onde a informação é cada vez mais o principal meio de interação com o mundo, seja ela por livro, revista, televisão, vídeo, jornal internet, etc.

Além dos paradigmas já citados fala-se também em confinamento cultural e educação construtivista. O confinamento cultural refere-se ao fato de que a escola não representa mais o único local de aprendizagem, ou seja, a criança está perdendo a sua autonomia de aprendizagem, perdendo lugares onde espontaneamente elas produzem uma cultura própria através do relacionamento com as demais (SILVA, 2005, p. 5).

Por outro lado tem-se a educação construtivista que é uma das pesquisas de ação pedagógica desenvolvidas por Piaget, em que a escola defende e valoriza a aprendizagem do aluno e não o seu método de ensino é a construção do conhecimento das crianças por meio de suas experiências. (SILVA, 2005, p. 8)

Nessa perspectiva, Rosas (2000, p. 2-3) elenca os principais paradigmas da educação referentes aos três componentes do sistema educacional (a escola, o professor e o aluno):

a) Os Novos Paradigmas do Aluno

- 1 O aluno constrói o seu conhecimento, manifestando o individualismo presente na sociedade.
- 2 O aluno é considerado com um cliente em formação continuada.
- 3 O aluno é responsável pela aquisição de novos conhecimentos.

b) Os Novos Paradigmas do Professor

- 1 O Professor, mais do que nunca, precisa ser visto e atuar como um guia - conselheiro: Um facilitador do processo ensino-aprendizagem.
- 2 O professor precisa estar em atualização continuada. O aperfeiçoamento da prática docente é vital para o exercício do magistério.
- 3 O professor precisa realizar uma mudança constante na seleção de conteúdos, a partir da realidade vivencial em que se encontra com seus alunos.
- 4 O professor precisa estar se aperfeiçoando e se habilitando nos usos dos diversos usos de instrumento modernos, procurando sempre não cair nos erros do tecnicismo da década de 70.

c) Os Novos Paradigmas da Escola

- 1 O mundo contemporâneo é cada vez mais complexo e exigente, portanto as mudanças são cada vez mais pro-

fundas, e assim deve proceder a escola, não por fora, por nomenclatura ou somente de comportamento, mas mudanças de mentalidade.

- 2 A Escola precisa estar equipada para atender as diversas exigências da modernidade e promover capacitações diferentes para toda a comunidade escolar.
- 3 A escola precisa assumir o seu papel de adquirir e desenvolver o espírito crítico e a auto-estima do aluno. A escola não pode em hipótese alguma servir como Aparelho Ideológico do Estado.
- 4 A Escola precisa criar ambientes físicos que favoreçam trabalhos de grupo, diferenciados e simultâneos.
- 5 Na era da Cibernética, a escola não pode estar de fora. A Escola precisa investir em ambientes informatizados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo foi de suma importância para a abrangência de conhecimento acerca da educação brasileira no âmbito da sociedade da informação, configurando o percurso histórico que a mesma perpassou. No decorrer da abordagem percebeu-se que a sociedade brasileira passou por diversas transformações, dentre estas o contexto abordou a sociedade no âmbito industrial e informacional.

Observou-se que a era da sociedade industrial brasileira tem como foco a fundação da escola pública que foi um marco relevante, no que diz respeito à educação brasileira. Nessa fase a educação era vista como mero apoio à necessidade que a indústria impunha para educar pessoas que caracterizassem o ritmo dessa sociedade, visando o trabalho das mesmas na indústria. Compreendeu-se que o aluno era visto como um ser passivo e que não interferia na aula dada pelo seu professor porque o mesmo estava em certo "grau de superioridade" aos olhos do cenário social da época.

Já na era da sociedade da informação compreende a sociedade que se esta constituindo, onde a informação e o conhecimento são base e insumo de vital importância para o crescimento e desenvolvimento. Relata ainda que as tecnologias de informação existentes acabem por criar um novo modo de pensar, falar e agir de cada cidadão, sendo que estas tecnologias quando bem utilizadas contribuem na disseminação da informação e geração de conhecimento. Paralelo a isso tem outra sociedade que vive no mesmo espaço – a da desinformação onde se tem uma pequena elite detentora do conhecimento e uma massa de pessoas que ao menos sabem ler e escrever.

Com base nisso acredita-se que esta nova era – a da informação oferece inúmeras oportunidades para a disseminação da informação, desde que essa ocorra de modo democrático, proporcionando por sua vez igualdade de oportunidade, integração e participação de todos, a fim de assegurar que o cidadão tenha acesso ao mínimo dos serviços oferecidos por esta atual sociedade.

É nesse cenário referenciado anteriormente que se encontra a educação atual, no entanto vale ressaltar a importância de se conhecer o contexto histórico para se compreender as mudanças e falhas decorrentes. Destacou-se que a educação iniciou na época do descobrimento do Brasil através dos jesuítas com o ensino baseado na fé católica, tendo como finalidade moldar os índios com a cultura europeia, a fim de domesticar os mesmos para tê-los como aliados num momento de conflito com outros povos e para a exploração da terra. No entanto, esse percurso histórico da educação foi marcado por interrupções e desenvolvimento, tendo como fatos marcantes o posicionamento do Marquês de Pombal, no que diz respeito a educação, a vinda da família real, o período da primeira e da segunda República, a constituição de 1934, o período do Estado Novo, a origem do SENAI e do SENAC e dentre outros fatos que contribuíram historicamente para a educação brasileira. Percebe-se que o processo de desenvolvimento educacional

foi relevante para a evolução da educação brasileira, no entanto as dificuldades e desafios que perpassou a mesma desde a sua origem refletiram uma parte negativa, constituindo a fragilidade educacional que permeia a educação brasileira nos dias de hoje.

No decorrer do desenvolvimento educacional, o contexto destaca que na sociedade da informação, a qual estamos inseridos, a educação tem sofrido profundas mudanças em decorrência das novas tecnologias, como a educação a distância que é uma nova tendência de ensino. Além, disso, os educadores adquirem a visão de que através da informação desenvolvem pessoas com consciência crítica, voltando-se para a transformação social. Então, com esta visão a UNESCO forma os quatro pilares da educação que são: aprender a fazer, a aprender a conhecer, a viver juntos.

No entanto diante de tantas mudanças provenientes das novas tecnologias, cabe ao sistema educacional buscar atender às necessidades emergentes e decorrentes da sociedade da informação, adotando de forma integrada conduta de gestão com foco no cliente, onde o ensino-aprendizagem deve oferecer condições para que o aluno possa "aprender a aprender" e estimular a articulação entre saberes e competências, considerando competências essas em que o professor, enquanto um processo de busca da informação para a construção do conhecimento e não uma relação unilateral em que o professor é considerado o mestre do conhecimento, mas sim numa integração entre o aluno, em decorrência de um processo de aprendizagem.

Portanto os novos paradigmas emergentes da educação se constituem em muitos outros desafios para educação, em que um grande educador deve estar atento a esse panorama existente na educação contemporânea, principalmente porque muito já se sabe sobre o que se teorizam sobre uma prática profissional e o que verdadeiramente acontece na sala de aula, então compreender as relações

estabelecidas no contexto da sala de aula é superar possíveis dificuldades e construir uma prática mais consciente, crítica e reflexiva.

THE EDUCATION IN THE CONTEXT OF THE SOCIETY OF THE INFORMATION

ABSTRACT

The study it presents the education in the context of the society of the information enclosing the evolution of the society and the historical and current context of the education. It results of documentary bibliographical research and based on texts printed matters and electronic. It has the purpose to understand from the educational evolution the new paradigms in the field of call society of the information. It approaches the industrial society and the society of the information, showing the characteristic aspects and the form that the education is emphasized. It focuses the education in the historical and current context, demonstrating the pertinent scene to this evolution process. It emphasizes the new paradigms of the education in the Society of the Information, in order to evidence the changes and the conservation the traditional concepts, also approaching the paper of the professor, the pupil and the school in the context. It finishes detaching the importance of the education for the social scope, the development of the humanity and the growth of the informational age.

Keywords: Society of the Information. Education. Paradigms of the Education.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Sueli Angelica do. Serviços bibliotecários e desenvolvimento social: um desafio profissional. **Ciência da Informação**, v. 24, n. 2, 1995.
- ASSMANN, Hugo. A metamorfose do aprender na sociedade da informação.

Ciência da Informação, Brasília, v. 29, n. 2, p. 7-15, maio/ago. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&p>. Acesso em: 25 set. 2007.

BELLO, José Luiz de Paiva. **Educação no Brasil: a história das rupturas**. [s.l., 2001]. Disponível em: <<http://www.educacaofisicaescolar.com/2008/06/educacao-no-brasil-historia-das-rupturas.html>>. Acesso em: 22 Set. 2007.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. **A competência em informação: um fator de integração entre a biblioteca e a escola**. [s.l., 200-?]. Disponível em: <www.febab.org.br/CBBD/trabalhos/regina.pps>. Acesso em: 21 set. 2007.

BELLUZZO, Regina Célia Baptista. **A Educação na sociedade do conhecimento**. [s.l.], 2005. Disponível em: <<http://www.serprofessoruniversitario.pro.br/br.php?modulo=10&texto=559>>. Acesso em: 24 set. 2007.

CASTRO, César Augusto; RIBEIRO, Maria Solange Pereira. **As contradições da Sociedade da Informação e a Formação do Bibliotecário. Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 1, n. 2, p. 41-52, jan./jun.2004.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. In: __. **Os quatro pilares da educação**. Brasília: Cortez, 1999. p. 89-102.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1996.

FURTADO, Cassia. **A biblioteca escolar no sistema educacional da sociedade da informação**. Belo Horizonte, [200-?]. Disponível em: <www.eci.ufmg.br/gebe/downloads/317.pdf>. Acesso em: 21 set. 2007.

GADOTTI, Moacir. **Perspectivas atuais da educação. São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v.14, n. 2, apr./june. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9782.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2007.

GUEDES, Sandra. **Sociedade do Conhecimento: a exclusão como herança histórica?**. Disponível em: <http://www.miniweb.com.br/servvicos/artigos_home/e-learning.html>. Acesso em: 18 abr. 2006.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da Educação e da pedagogia**. In: __. História da Educação e da pedagogia. 12. ed. Buenos Aires: Companhia Editora Nacional, 1980. p. 1-10. cap.1.

LUZURIAGA, Lorenzo. **Educação Religiosa Reformada**. In: __. A Educação dos Jesuítas. 12. ed. Buenos Aires: Companhia Editora Nacional, 1980. p. 118. cap.11.

REVOLUÇÃO Industrial. In: Wikipedia. [s.l. 200-?]. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Revolu%C3%A7%C3%A3o_Industrial>. Acesso em: 25 Set. 2007.

ROSAS, Vanderlei de Barros. **Os novos paradigmas da educação**. Disponível em: <<http://www.mundodosfilosofos.com.br/vanderlei.htm>>. Acesso em: 21 set. 2007.

SILVA, Lucila Borges da. **Biblioteca escolar educação infantil: desenvolvendo a autonomia no uso da informação**. São Paulo, 2005. Disponível em: <www.orebd.ced.usf.br/portal/texto_anais/biblioteca_escolar_educacao_infantil.pdf>. Acesso em: 21 set. 2007.

A TRAJETÓRIA DAS BIBLIOTECAS BRASILEIRAS: alguns apontamentos¹

Francisca Elany R. S. Lopes**
Lais Dayane Lima Pereira**
Vivian Oliveira da Silva**

RESUMO

Apresenta a evolução das bibliotecas no Brasil partindo do início de sua história até o tempo atual com o surgimento da biblioteca eletrônica, decorrente da inclusão das novas tecnologias de informação. Aborda-se a existência de bibliotecas no Brasil, desde a época dos jesuítas que serviam de suporte às atividades docentes e catequéticas. Enfoca a utilização das NITIC's, especialmente no que se refere à informação impressa e digital, assim como sua influência na evolução das bibliotecas eletrônicas. Mostra a importância das tecnologias de informação das bibliotecas como forma de atender às necessidades dos usuários em meio ao cenário tecnológico.

Palavras-chave: História da biblioteca no Brasil. Evolução das Bibliotecas. Novas tecnologias da Informação.

1 INTRODUÇÃO

A história das bibliotecas representa uma verdadeira transformação socioeconômica e cultural para a humanidade. A biblioteca surgiu em virtude da necessidade do homem de armazenar sua história, experiências, conhecimentos, sentimentos e suas emoções.

¹ Trabalho apresentado à disciplina História do Livro e das Bibliotecas

² Alunas do 5º período do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão

No entanto, as atuais tecnologias incorporaram uma nova forma de circular e sistematizar informações, pois o uso dessas tecnologias na sociedade contemporânea mostra que a informação é a mola propulsora para o desenvolvimento de uma sociedade.

Para melhor compreender essas transformações, são apresentados os aspectos históricos da trajetória da biblioteca, passando pelo Brasil desde os jesuítas até a atualidade com o surgimento das bibliotecas virtuais, as bibliotecas digitais, as bibliotecas eletrônicas e as bibliotecas híbridas, das quais destacamos o papel de construir-se um novo veículo que possibilita o acesso a informações digitais, disponibilizando uma vasta quantidade de informações através da Internet, podendo ser consultada de forma gratuita. Não esquecendo também de mencionar as categorias das bibliotecas quanto à faixa etária dos respectivos usuários.

Este artigo tem por objetivo abordar de forma preliminar a história das bibliotecas no Brasil, desde os jesuítas até a atualidade levando em consideração as mudanças ocorridas na "sociedade da informação" em decorrência das novas tecnologias no que se refere ao acesso à informação através das bibliotecas e da internet.

2 HISTÓRICO DAS BIBLIOTECAS

Ha séculos, pessoas especializadas buscaram registrar a memória da humanidade para que não fosse perdida, através da atividade de buscar o que foi guardado e guardar o que foi registrado (e de registrar o que foi imaginado), atividade essa em constante aperfeiçoamento. (MILANESI, 2002)

Num determinado momento da história os registros eram raros, sendo arduamente procurado pelos homens mais inquietos, num outro momento o jogo inverteu-se: houve excesso de registros, tornando o homem pequeno e perplexo diante de sua própria produção.

Para facilitar a ordenação e o acesso aos registrados, os homens, as cidades e os países durante séculos de história, consideraram melhor junta-los em um único lugar, formando coleções e criando serviços a elas vinculados.

As coleções, com o tempo passaram a ser referências, e algumas foram importantes elos entre etapas da história, cada uma guardava parte da produção intelectual de um período histórico, um povo. Estas passaram a indicar o grau de riqueza de uma sociedade, e o número de unidades espalhadas por um determinado território revelava seu grau de desenvolvimento social.

Os países mais ricos criaram espantosos acervos, minuciosamente organizados e conservados em gigantescas construções. O exemplo é a Biblioteca do Congresso, em Washington, e a sociedade que a construiu é, a partir do século XX, a mais poderosa do planeta e isso não é mera coincidência.

2.1 As Primeiras Coleções

A base de registros que mais se desenvolveu na Antiguidade foi o papiro, cuja existência foi simultânea a outras formas de suportes. Egípcios, gregos e romanos usaram esse primitivo papel feito com as fibras do *Cyperus papyrus*, abundante nas margens do Nilo, no qual o texto era escrito em colunas, formando faixas de vários metros, enroladas em torno de uma haste e o rolo de papiro também se denominava volumen.

Uma vasta coleção de rolos de papiro existia na mais conhecida biblioteca da Antiguidade: a de Alexandria, no Egito. Segundo Milanesi (2002) existia lá cerca de 700.000 rolos e foi destruída inteiramente durante uma guerra, provavelmente no século VII depois de Cristo, eliminando-se o maior acervo existente até então.

2.2 As Coleções Monásticas

Nos mosteiros, onde monges calígrafos, especialmente os beneditinos rezavam, copiavam e ilustravam textos, preservavam-se as grandes coleções de códices: as coleções monásticas.

Na cidade de Pérgamo por questões econômicas, os habitantes impossibilitados de obter o papiro egípcio, passaram a usar a pele curtida de animais como suporte da escrita. O pergaminho, quase sempre produzido nos mosteiros, por cerca de seis mil anos foi o material mais utilizado para a escrita, apesar de caro. De início, seguiam o formato dos papiros, posteriormente, o rolo deu lugar a folhas presas por costura e encadernadas. Esses livros artesanais, aos poucos, foram se impondo como bens exclusivos da realeza, no qual o pergaminho foi a ponte entre o papiro e a imprensa (MILANESI, 2002).

O acesso a esses acervos guardados nos mosteiros limitava-se aos que pertenciam a ordens religiosas ou eram aceitos por elas. Ler e escrever eram habilidades quase exclusivas dos religiosos e não se destinavam a leigos.

Ainda na Idade Média, caminhando para a Renascença, surgiram as primeiras universidades, ainda sob a tutela de ordens religiosas, mas a caminho da laicização. Os livros alcançaram outros territórios temáticos, em paralelo ao desenvolvimento dessas primitivas universidades.

2.3 A Imprensa

Depois do papiro e do pergaminho, o papel se fixou como o novo suporte para a escrita. Já existia na China desde o século II d.C., e entrou na Europa no final da Idade Média. Os europeus, portanto, durante séculos, ficaram sem conhecer a possibilidade de transformar panos e vegetais em folhas capazes de substituir o pergaminho. O papel só passou a ser fabricado na Europa no século

XII, e sendo mais barato que o pergaminho, permitiu a ampliação do uso da escrita deixando a exclusividade monástica, e então, passou a ser usado por outras categorias sociais que produziam a própria cópia de textos. O livro tornou-se um instrumento fundamental para a circulação de idéias.

A imprensa de Gutenberg de acordo com Milanesi (2002) surgiu para incrementar o barateamento da produção de livros e a disseminação do conhecimento. Talvez tenha sido ela que conferiu ao papel a sua importância, o raro e caro tornou-se acessível e o que era particular ao clero e nobres passou a ser utilizado por segmentos mais amplos da população.

Essa nova situação de acessibilidade do livro – de papel e impresso – acabou sendo um estímulo ao conhecimento das letras e à absorção de conhecimento.

3 HISTÓRIA DAS BIBLIOTECAS NO BRASIL

A história das bibliotecas no Brasil está intimamente ligada com a vinda da Família Real para este território, onde em 1808, a Corte portuguesa estabeleceu-se no Brasil fugindo da invasão de Portugal pelos franceses. Os treze anos de sua permanência no Brasil provocaram importantes transformações políticas, sociais, econômicas e culturais na Colônia que marcariam os últimos anos do domínio lusitano, rompido formalmente pelo movimento de independência política de 1822, porém neste interim estes influenciaram as mais diversas áreas possíveis, como por exemplo, o que comiam e a forma como estes comiam os alimentos, suas vestimentas, maneira de se comportar, até mesmo na vida cultural diante da criação do teatro São João, assim também falando da criação da biblioteca, onde os jesuítas auxiliaram na sua criação sendo esta primeiramente chamada de Biblioteca Real e posteriormente chamada de Biblioteca Nacional.

Contudo no reinado de D. João o Rio de Janeiro seria outro, convertendo-se em ponto de estrangeiros:

Na verdade, a entrada de cientistas e estudiosos completava a política cultural joanina que driblava a distância da Europa servindo-se de ícones da civilização: a Real biblioteca com seus livros, os artistas franceses com uma iconografia nacional e muitos cientistas com seu brilho intelectual (SCHWARCZ, 2002, p. 332).

3.1 Os jesuítas

No Brasil, foram os jesuítas que instituíram os primeiros sistemas de ensino, devido a isso se têm notícias de bibliotecas que serviam de suporte às atividades docentes e catequéticas onde os impressos, o material básico no processo ensino/docente da Ordem, atendiam às necessidades de leitura e escrita sendo as primeiras obras de cunho didático que possuíram os estudantes brasileiros.

Escasseavam mais os livros de texto para as escolas. Ao começar o Colégio de São Paulo de Piratininga, não existiam artes nem livros, pelos menos para todos. Via-se obrigado Anchieta a escrever os indispensáveis apontamentos e a distribuí-los pelos alunos. Na Bata, pedia o P. Grão, em 1555, livros de textos, tanto para os que principiavam como para os mais adelantados (MORAES, 1979, p. 34 apud CASTRO, 2005).

As primeiras bibliotecas brasileiras foram organizadas pelos jesuítas em seus colégios na Bahia, foi também lá que surgiu a primeira biblioteca monástica, com a fundação, em 1582, de um mosteiro beneditino, elevado à categoria de abadia em 1584: a primeira do Brasil. (FONSECA, 2007)

Ha de se destacar também a contribuição de outras ordens religiosas vi-
gentes no Brasil durante a época em destaque como a ordem dos carmelitas, fran-

ciscanos, mercenários etc reivindicando livros da metrópole e contribuindo assim de forma significativa na criação de escolas, bibliotecas e, por conseguinte na vida educacional dos que ali habitavam.

[...] os livros, se não vinham de esmola, compravam-se. Marçal Beliarte, benemérito das letras, comprou de uma só assentada, 15\$000 réis deles, e enviou, por outro âmbar que rendeu 40\$00 réis. Os livros que se comprovam com o âmbar valeriam na Baía 89\$00 réis [...] (LEITE, 1938, p.54 apud CASTRO, 2005).

Os livros eram em Latim, de modo que, em 1553, o Padre Correia os pedia em linguagem, ou seja, em outro idioma que não fosse este, cuja justificativa era "[...] por que não sou latino, isto é, porque não posso utilizar livros em latim que não compreendo" (LEITE, 1938, p. 54 apud CASTRO, 2005). Em 1593, o padre João Vicente Yate os solicitava a Lisboa em outro idioma, principalmente em Inglês e Espanhol.

Uma forma de ampliação dos acervos das bibliotecas, além das doações e compras, ocorria quando da morte de um jesuíta que tinha seus livros inventariados e recolhidos à biblioteca dos colégios. Além de restritos, os livros das bibliotecas eram levados para fora das Capitânicas, quando padres se deslocavam para fundar outras missões, ocorrendo, algumas vezes, ataque dos piratas ingleses que roubavam os livros e os vendiam a preços aviltados em outras localidades do país, pois eram objetos raros e de alto valor. (MORAES, 1979 apud CASTRO, 2005).

O controle dos livros se dava com a enumeração da banda de fora destes, fazendo com que facilmente se descobrisse à falta de algum, porém esta medida não era usada somente para evitar furtos, mas também o empréstimo dessas obras e assim uma forma utilizada para controlar o que deveria ser lido pelos alunos, na verdade isso era usado para controlar estudantes perante uma leitura

condizente com que a Igreja pregava de maneira que obras obscenas e heréticas, pelas quais fossem prejudiciais a edificação e aos bons costumes leriam que ser eliminadas ou corrigidas "isto era em 1595, mas já estavam em vigor, desde o tempo de Santo Inácio a legislação geral no tocante aos livros obscenos e heréticos, aqueles totalmente proibidos, os segundos admitidos com as devidas cautelas" (MORAES, 1979 apud CASTRO, 2005).

3.2 A criação da Biblioteca Nacional

A Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro foi o primeiro estabelecimento oficial desse gênero a ser instalado no Brasil, no período colonial, onde havia a priori bibliotecas particulares e a dos conventos, quase todas mantidas pessimamente e sem proporcionar nenhum benefício a todos.

A Biblioteca Nacional, que se chamava oficialmente de Biblioteca Nacional Pública do Rio de Janeiro, constituiu-se a princípio

Da livraria que o rei de Portugal D. José I organizara para substituir a que, com o título de Real Biblioteca da Ajuda, o terremoto de Lisboa de 1º de Novembro de 1755 havia destruído concomitantemente com o incêndio que se lhe seguira. Quando D. João VI, então príncipe regente, fugindo à invasão de Portugal pelas tropas francesas de Junot, se transportou com a rainha D. Maria I e toda família real para a sua colônia do Brasil, em fins de 1807 e princípios de 1808, trouxe consigo para o Rio de Janeiro aquela biblioteca, a que se adicionara, entre os anos de 1770 e 1773, a numerosa e rica livraria pacientemente amontoadas pelo douto abade de Santo Adrião de Sever, Diogo Barbosa Machado, que generosamente a ofertara a D. José. Esta magnífica dívida constava de 4.301 obras em 5.764 volumes, de um valor bibliográfico incalculável, pois muitas das obras que a constituíram são hoje de extrema raridade ou únicas. [...] À real Biblioteca da Ajuda fora outrossim incorporada

parte da livraria do Colégio de Todos os Santos, dos proscritos jesuítas da ilha de São Miguel. Grande número, porém, desses livros, encerrados em caixões por espaço de muitos anos, abertos em 1804, foram encontrados em tal estado, que mister se tornou lança-los ao fogo [...] Para ela também viera, com a família real, a livraria chamada do Infante, que, quanto aos impressos, ficou toda na Biblioteca do Rio de Janeiro, tomando, porém, no regresso da corte para o reino em 182, para Lisboa a maior parte dos manuscritos que nela se continham e se denominavam Manuscritos da Coroa. Ficaram, ainda assim, aqui mais de mil códices, dos seis mil e tantos que nela existiam. (MARTINS, 2002).

Segundo a fundação da Biblioteca Nacional, várias são as obras incorporadas a ela devido a seus valores históricos e preciosidades e foram enumeradas por:

a) Coleções:

Entre as coleções incorporadas ao acervo da Biblioteca Nacional devem ser mencionadas pelo seu valor histórico e preciosidades as seguintes, entre muitas outras:

Coleção Barbosa Machado - Doada pelo ilustre bibliófilo, formada de 4.300 obras em 5.764 volumes. Além de livros, possui estampas e mapas. Barbosa Machado reuniu preciosa coleção de folhetos raros relacionados com a História do Brasil e de Portugal e, reduzindo-os a um só formato para constituir uma coleção de 85 volumes doou-os, como o resto de sua biblioteca e com outras coleções factícias, à Real Biblioteca da Ajuda.

Coleção Conde da Barca ou Coleção Araujense - Adquirida em leilão em 1819, dois anos após a morte de seu proprietário, Antônio de Araújo de Azevedo, Conde da Barca. É constituída de 2.365 obras em 6.329 volumes, em sua maior

parte dos séculos XVIII e XVII. Pertence a essa coleção o conjunto de estampas *Le Grand Théâtre de Univers*, reunido em 125 grandes volumes.

Coleção De Angelis - Adquirida em 1853 a Pedro de Angelis, político e bibliófilo napolitano, naturalizado argentino. Possui 1.717 obras em 2.747 volumes e 1.295 manuscritos. É do maior interesse para a história da Província Jesuítica do Paraquai e das questões de limites na região do Prata e etc.

b) Manuscritos:

Evangelário, século XI-XII - Exemplar em pergaminho com textos, em grego, dos quatro evangelhos. Letra semi-uncial. É o mais antigo manuscrito da Biblioteca Nacional.

Livro de Horas, século XV - Em latim. Letra gótica. Pergaminho. Iniciais decoradas a ouro e cores. Contem treze miniaturas de página inteira e quatro menores, algumas com vistas do Louvre e de Montmartre. Encadernação do século XVI, em couro, com motivos geométricos ornamentando as duas capas. Calendário em francês.

Códices sobre administração colonial - Conjunto de atos dos governadores e capitães-gerais e dos vice-reis, incluindo correspondência com a Corte.

Mapa dos confins do Brasil com as terras da coroa de Espanha na América Meridional (174) - Desse mapa se serviram os representantes de Portugal e Espanha para a delimitação dos domínios dos dois reinos ibéricos na América do Sul, pelo Tratado de Madrid de 1750. Traz no verso nota explicativa assinada pelo Visconde Tomás da Silva Teles, Embaixador de Portugal em Madrid, e por José Carbajal y Alencaster, Ministro da Espanha entre outras.

c) Impressos:

Bíblia de Mogúncia (Bíblia Latina), Johann Fust e Peter Schoeffer, «in vigilia assumptionis gl'ose virginis Marie», 14 de agosto de 1462, 2v. A Biblioteca Nacional possui dois exemplares. A Bíblia de Mogúncia é o primeiro impresso que contém data, lugar de impressão e nome do impressor no colofão. Pergaminho, com letras capitais feitas a mão com tinta azul e vermelha.

Gramática da Língua Portuguesa com os Mandamentos da Santa Mãe Igreja. Lisboa, 1539. Trata-se da cartilha que precede a Gramática propriamente dita de João de Barros. É provavelmente o primeiro livro com ilustrações de caráter didático, em xilogravuras. Esse exemplar da "Cartinha" é exemplar único no mundo.

Os Lusíadas, de Luís de Camões, Lisboa, 1572. Com a data de 1572 existem duas edições de *Os Lusíadas*. Numa delas o 7.º verso da primeira estância do Canto I é "Entre gente remota edificaram", em outra, considerada realmente a primeira, o verso é "E entre gente remota edificaram". A Biblioteca Nacional possui a edição chamada Edição E e, ou seja a primeira das duas de 1572.

4 AS BIBLIOTECAS NA ATUALIDADE

Podemos verificar na História das bibliotecas que desde seu surgimento, os homens que exercem o poder tentam destruí-las a fim de permanecerem no poder e manipular a sociedade. Isso ocorreu com a Biblioteca de Alexandria, a mais famosa do mundo destruída por motivos religiosos e também na Idade Média, quando a Igreja Católica tentou destruir as bibliotecas. Contrariamente a isso, foram os mosteiros que serviram como esconderijos dos livros salvando-os para a posteridade. Portanto, isso mostra-nos a realidade da sociedade que tenta

através da manipulação de alguns destruir esse depósito de conhecimento que denominamos de biblioteca.

Diante desse contexto, torna-se visível que as bibliotecas são instituições que resistiram e resistem os avanços tecnológicos ganhando formas através de novos suportes e novas denominações. Segundo Cunha (2000, p. 257)

Em todas as épocas desde os manuscritos para a utilização de textos impressos, o acesso à base de dados bibliográficos armazenados nos grandes bancos de dados, o uso do CD-ROM e o advento da biblioteca digital, no final dos anos 90, altamente dependente das diversas tecnologias de informação, demonstram que, nos últimos 150 anos, as bibliotecas sempre acompanharam e venceram os novos paradigmas tecnológicos.

Nesse sentido, vale ressaltar que com a implantação das NITIC'S na rede vem modificando o processamento da informação, no que diz respeito à seleção, armazenamento, recuperação e disseminação. E, dentre essas mudanças, destacamos o surgimento de um novo sistema de informação, o eletrônico, que desponta como uma nova realidade de acesso à informação. São as "bibliotecas sem paredes" que reúnem suportes não-convencionais e facilitam a disseminação da informação em tempo real. Esses sistemas podem ser classificados em quatro categorias: biblioteca eletrônica, digital, virtual e híbrida.

A primeira categoria denominada **Biblioteca Eletrônica** segundo Marchiori (1997, p. 123).

[...] é um termo que se refere ao sistema no qual os processos básicos da biblioteca são de natureza eletrônica, o que implica ampla utilização de computadores e de suas facilidades na construção de índices on-line, busca de textos completos e na recuperação e armazenamento de registros.

Assim com o advento da biblioteca eletrônica nesta nova era, tornou-se mais rápido a busca pelo resgate de informações que tem como ferramenta principal o uso de computadores e a tecnologia de telecomunicações para executar suas tarefas.

A segunda é a **Biblioteca Digital** que se diferencia das demais por constituir-se de um acervo estritamente digital (discos magnéticos e óticos). Dispõe de todos os recursos de uma biblioteca eletrônica, oferecendo pesquisa e visualização dos documentos (texto completo, vídeo, áudio etc.) tanto local como por meio de redes de computadores (MARCHIORI, 1997).

A **Biblioteca Virtual** é uma grande rede mundial depositária de todos os documentos da humanidade, onde seriam arquivados em uma estrutura universal de dados, possibilitando acesso e associação para outros documentos afim, tendo em comum uma característica digital e hipertextual, na qual os acessos são feitos através de links.

E a quarta categoria é a **Biblioteca Híbrida** que se caracteriza por agregar diferentes tecnologias, apresentando coleções impressas, digitais e acessos via rede eletrônica, refletindo o estado atual de transição das bibliotecas, que hoje não é completamente digital, nem completamente impressa. (GARCEZ, RADOS, 2002)

Ao buscarmos compreender esses novos sistemas de informação eletrônica, observamos que o ritmo acelerado da produção do conhecimento e as transformações da sociedade exigiram que as bibliotecas implantassem uma infra-estrutura compatível, incorporando novos processos que proporcionassem o acesso mais rápido à informação.

Para tanto Martins (2002, p. 325) afirma que:

A biblioteca moderna não apenas abriu largamente as portas, mas ainda sai à procura de leitores; não apenas quer servir ao indivíduo isolado, proporcionando-lhe a leitura,

o instrumento, a informação de que necessita, mas ainda deseja satisfazer as necessidades do grupo, assumindo voluntariamente o papel de um órgão sobrecarregado, dinâmico e multiforme da coletividade.

Cabe ainda destacar, a importância da biblioteca convencional hoje em dia, pois apesar do avanço da tecnologia e as diferentes formas de uso e recuperação da informação, a biblioteca tradicional tem uma perenidade de registro da história da humanidade uma das suas vantagens sobre a biblioteca eletrônica, pois os documentos produzidos em meio digital ainda não garantem a longevidade de sua utilização, bem como a perda dos dados nesse tipo de mídia é muito maior que na mídia impressa.

Contudo, Fonseca (2007) ressalta que se do ponto de vista cronológico, é importante saber quando surgiram as diferentes categorias de bibliotecas, mais importante ainda seria verificar quais os diferentes tipos de usuários para os quais as bibliotecas foram se diferenciado. Ele classifica as diferentes categorias de bibliotecas de acordo com a faixa etária e/ou os tipos de usuários em: bibliotecas infantis, escolares, universitárias, especializadas, nacionais e públicas.

Nas **Bibliotecas infantis**, o bibliotecário deve possuir conhecimento em psicologia, pedagogia, literatura infantil e outras matérias.

As **Bibliotecas escolares** são irmãs siamesas das infantis, e em algumas circunstâncias locais a biblioteca infantil pode ser mantida pela escola, porém a biblioteca escolar tem o objetivo de fornecer livros e material didático tanto a estudantes como a professores oferecendo infra-estrutura bibliográfica e audiovisual do ensino fundamental e médio.

As **Bibliotecas universitárias** têm por objetivo fornecer infra-estrutura bibliográfica e documental aos cursos, pesquisas e serviços mantidos pela universidade diferenciando-se da escolar apenas pelo grau.

Já as **especializadas** tem essa designação, pelo fato de referir-se tanto à especialização das coleções como a tipologia dos usuários, podendo estes serem agrupados entre pesquisadores altamente diferenciados ou deficientes físicos, prisioneiros e hospitalizados etc. As bibliotecas especializadas surgiram com o extraordinário desenvolvimento científico e tecnológico, por isso, as primeiras bibliotecas desta categoria foram as dos laboratórios e das grandes empresas industriais e comerciais, tanto quanto de associações profissionais.

As **Bibliotecas nacionais** têm como objetivos básicos reunir, preservar e difundir a documentação bibliográfica e audiovisual produzida no território nacional, coordenar a permuta nacional e internacional de publicações, programas nacionais de aquisição de publicações estrangeiras e a rede nacional de bibliotecas; assim como manter o catálogo nacional de livros e periódicos. Deixando dessa forma de estar à disposição de qualquer tipo de usuário, para servir a uma clientela qualificada.

Apesar de a biblioteca infantil, a escolar, a universitária, a especializada e a nacional serem peças indispensáveis numa rede bibliotecária que sirva de infraestrutura ao sistema nacional de informação, **abiblioteca pública**, entretanto, é a mais importante de todas as categorias e até, com serviços adequados, substituir algumas delas, como a infantil e a escolar. (FONSECA, 2007)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da explosão informacional, as atuais tecnologias incorporaram uma nova forma de circular e sistematizar informações, e com isso as bibliotecas sofreram uma revolução na produção e disseminação do conhecimento de modo mais rápido.

Sendo assim, é possível observar que com a crescente evolução tecnológica, as bibliotecas estão apresentando uma nova forma de registrar a informação.

quando mudanças polêmicas quanto a seu acesso e uso, não só na forma impressa como também na digital.

Percebe-se então, diante desse panorama que as bibliotecas têm-se destacado como uma importante fonte de disseminação do conhecimento, contribuindo para a democratização da mesma e disponibilizando informações sem a necessidade de uma instituição física.

Portanto, com a evolução da história das bibliotecas, as bibliotecas brasileiras também devem ser parte do universo globalizado à medida que o desenvolvimento se alarga pela internet, uma vez que, a disponibilização de informação é uma das missões da biblioteca que tem como função fornecer bens e serviços que venha a atender às necessidades de uma diversidade de usuários.

THE TRAJECTORY OF BRAZILIAN LIBRARIES: some pointers

ABSTRACT

It presents the evolution of the libraries in Brazil leaving of its history until the current time with the sprouting of the electronic, decurrent library of the inclusion of the new technologies of information. It is approached existence of libraries in Brazil, since the time of the Jesuits who served of support to the teaching and catholicism activities. It focuses the use of NITIC'S, especially as for the information digital printed and, as well as its influence in the evolution of the electronic libraries. It shows the importance of the technologies of information of the libraries as form to take care of to the necessities of the users in way to the technological scene.

Keywords: History of the library in Brazil. Evolution in the Library. New technologies of the Information.

REFERÊNCIAS

- CASTRO, César Augusto. PRODUÇÃO E CIRCULAÇÃO DE LIVROS NO BRASIL: dos jesuítas (1550) aos militares (1970) **Revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n.20, p. 92-103, 2º semestre 2005.
- CONFERENCE OF DIRECTORS OF NATIONAL LIBRARIES, 33 rd., 2006, Seoul. História da Biblioteca Nacional. Korea, 2006. Disponível em: <consorcio.bn.br/cdn/national_library_pt.html>. Acesso em: 27 maio, 2008.
- CUNHA, Murilo Bastos da. Desafios na construção de uma biblioteca digital. In: **Revista Ciência da Informação**, Brasília: IBICT, v.28, n.3, p.257-268, set/dez.2000.
- FONSECA, Edson Nery da. Introdução à biblioteconomia. 2. ed. Brasília, DF: Brinquet de lemos/ Livros, 2007.
- GARCEZ, Eliane Maria Stuart; RADOS, Gregorio J. Varvakis. Biblioteca híbrida: um novo enfoque no suporte à educação a distância. **Revista Ciência da informação**, Brasília, v.31, n.1, p.61-74, jan./abr.2002.
- MARCHIORI, Patricia Zeni. Ciberteca ou biblioteca virtual: uma perspectiva de gerenciamento de recursos de informação. **Revista da Informação**, Brasília, v.26, n.2, p.115-124, 1997.
- MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3.ed. il. rev. e atual. São Paulo: Ática, 2002(Série temas, v.49).
- MILANESI, Luis. Biblioteca. São Paulo: Ateliê editorial, 2002. 116 p.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. D. João e sua corte do Rio de Janeiro: cumprindo o calendário. In: _____, **A longa viagem da biblioteca dos reis**: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 2002. cap. 9, p.287-341.

FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS DO ENSINO DE BIBLIOTECONOMIA NO MARANHÃO

Camila Souza Moura**
Neurimar D'ávila Pereira Santos**
Márcio Jorge Souza Mendes**
Solange de Jesus Rodrigues Silva**
Cecília de Jesus Rodrigues**
Jonatas Jôny Furtado Neves**
Luciana de Jesus Botelho Sodré**
Marília do Socorro Trindade Carneiro**

RESUMO

Aborda o processo de construção do conhecimento levando ao estudo dos fundamentos epistemológicos das ciências e das teorias que embasam o conhecimento científico. Estabelece as relações existentes entre o processo cognitivo e a atual conjuntura que são as bases para se compreender as linhas de pensamento norteadoras das práticas pedagógicas de ensino. Faz uma revisão de literatura dos fundamentos epistemológicos do ensino da Biblioteconomia no Maranhão, para uma compreensão acerca das teorias e momentos históricos. Analisa dentro dessas mudanças de paradigmas, a verificação da importância de levantar alguns questionamentos acerca do ensino de Biblioteconomia, nas escolas do Estado do Maranhão, identificando e analisando as bases epistemológicas que norteiam a Biblioteconomia como objeto científico. Aborda através de um levantamento bibliográfico e documental os aspectos epistemológicos, o campo profissional e saberes. Enfatiza que o estudo dos fundamentos epistemológicos da Biblioteconomia é de fundamental importância para melhor compreensão dos pressupostos que norteiam o ensino da Bibliote-

* Pesquisa apresentada ao Programa de Educação Tutorial-PET para compor o plano de atividades anual do grupo sob coordenação dos professores Dr. César Augusto Castro e Ms. Silvana de Jesus Vetter.

** Alunos do curso de Biblioteconomia e bolsistas do Programa de Educação Tutorial - PET/BI.

onomia no Maranhão. Espera a adoção de um novo currículo pelo curso, baseado na demanda de mercado e em discussões que não faziam parte do programa de ensino, ou eram abordados de forma transversal como a ética profissional, sociologia da informação e outros.

Palavras-chave: Epistemologia. Biblioteconomia. Maranhão.

1 INTRODUÇÃO

A Epistemologia constitui na análise dos axiomas, das hipóteses e dos procedimentos, e mesmo dos resultados que especificam uma dada ciência, pois propõe como objetivo examinar a organização e o funcionamento das abordagens científicas apreciando-lhes o valor. Dessa forma, a epistemologia não poderia ser confundida nem com a metodologia nem com a teoria do conhecimento - a gnosiologia, que estuda a relação entre o sujeito e o objeto do ponto de vista filosófico.

A epistemologia também possui criticidade e reflexão lógica no seu processo de análise do discurso sobre o discurso, como descreve Souza (1987 apud ARAUJO, 1991, p. 17) "[...] a epistemologia é o estudo crítico dos princípios, hipóteses e resultados das ciências, destinado a determinar sua origem lógica, seu valor e seu alcance objetivo [...]"

Nesse contexto a epistemologia consiste na reflexão da práxis científica através da construção lógica de premissas verdadeiras estabelecendo como objeto uma ciência coerente em seu processo de gênese (= criação), de construção e estrutura progressivas (=contínuas). (ARAUJO, 1991)

Dessa forma a epistemologia possibilita à ciência, em seu discurso e métodos, sua concepção de estrutura e experiência, à coerência entre o real e a teoria e a relação sujeito-objeto na produção do conhecimento.

Os conceitos epistemológicos existentes se tornam premissas para o entendimento e a compreensão da cadeia lógica-filosófica que a epistemologia pos-

sui. Cada por sua vez, como ramo do conhecimento, deve se caracterizar como uma análise reflexiva sobre o ordenamento e funcionamento de seus princípios.

Esta pesquisa se direciona para uma abordagem dos aspectos epistemológicos quanto a definição e reflexão de conceitos e teorias, ao campo profissional bem como no ensino biblioteconômico orientado por determinado currículo.

Nesse aspecto, interessa ressaltar os saberes que orientam a prática formativa do curso de Biblioteconomia no Maranhão. Dessa forma, pretende-se conhecer a epistemologia no aspecto mais geral - sentido filosófico - para adentrar na relação com o ensino biblioteconômico maranhense.

Diante do campo profissional, verificar-se-á a formação do bibliotecário como profissional da informação, bem como a influência do novo currículo no desenvolvimento das práticas biblioteconômicas deste, no mercado de trabalho.

2 EPISTEMOLOGIA CONTEMPORÂNEA

Numa perspectiva de distinção do conhecimento científico e do conhecimento filosófico Bombassaro (1993) distingue a epistemologia contemporânea em duas tendências a princípio: tendência analítica e tendência histórica, para então sugerir uma análise sob a perspectiva de René Descartes.

Para Bombassaro (1993) a tendência analítica predominou durante a primeira metade do século XX através de uma orientação teórica do empirismo lógico representado no Círculo de Viena e pela filosofia de Karl R. Popper. No entanto, também relata sobre Carnap que nessa tendência defendia a teoria constitucional dos objetos, onde um objeto seria reduzido a outros objetos. Dessa forma entende-se que Carnap via a necessidade de mostrar como os enunciados científicos encontram-se associados numa estrutura lógica nas experiências elementares (ou seja, unidades fechadas e indivisíveis), na busca de argumentos que garantissem a cientificidade sobre essas experiências.

Ainda sobre a tendência analítica, Bombassaro (1993) cita Hans Reichenbach afirmando que este distinguiu esta tendência em um contexto de descoberta e contexto de justificação. Onde a Epistemologia "[...] deveria ocupar-se exclusivamente com o contexto de justificação [...] [o qual deveria estabelecer] os limites específicos que separavam os elementos psicológicos, sociológicos e históricos dos elementos metodológicos da investigação científica."

Nesse aspecto, o Círculo de Viena fundado em 1929 com o objetivo de promover a investigação e a divulgação da ciência no mundo, englobando objetivos comuns entre pesquisadores de áreas distintas, possuía o princípio básico da filosofia empirista e positivista. Assim, observa-se que esta filosofia verifica que o conhecimento nasce da experiência com o auxílio de uma linguagem lógica.

A tendência histórica da Epistemologia contemporânea aborda as manifestações teóricas ocorridas no final da década de 1950. De acordo com Bombassaro (1993), essa tendência envolve a questão do método na ciência questionando os métodos da mesma.

Os termos racionalidade e historicidade são vistos como ponte que estabelece uma interação efetiva na formulação do conhecimento "[...] num elemento central do agir e do fazer humano". (BOMBASSARO, 1993). No entanto, este autor reconhece que considerar o conhecimento um assunto exclusivo da epistemologia não responde como a racionalidade e a historicidade possibilitam a compreensão da complementaridade da epistemologia por outras formas de investigação científica.

Nesse contexto, o que vem a ser a racionalidade e a historicidade? E qual a relação destes termos para a Epistemologia, principalmente quanto ao conhecimento produzido por investigação científica? Como resposta a estas questões primeiramente pode-se afirmar que não existe exatidão para estas uma vez que cada pesquisador adota uma tendência e corrente filosófica. Portanto, o pesquisador

adotar-se a concepção filosófica que lhe seja mais viável para o embasamento da sua pesquisa numa determinada área.

A racionalidade possui várias concepções e dentre essas "[...] a concepção da racionalidade como aceitabilidade racional, elaborada pelo próprio Putnam, [e] uma boa alternativa [...]" (BOMBASSARO, 1993), pois as tendências analíticas e históricas não formularam boas concepções de racionalidade para o autor. Já a historicidade constitui num termo inserido na investigação científica uma vez que a cada época da história a ciência também sofria mudanças devido à própria transformação da sociedade em adaptar-se aos novos tempos, afirma ainda o autor na mesma página.

Segundo Radnitzky (apud BOMBASSARO, 1993) a investigação científica possui uma dimensão histórica, uma vez que "[...] a ciência vem marcada pela historicidade [caracterizando] a arte, a literatura e a política [...]". tendo em vista o aperfeiçoamento e o progresso cognitivo que acabam sendo elementos intrínsecos no significado da ciência.

3 EPISTEMOLOGIA NA BIBLIOTECONOMIA

A epistemologia na Biblioteconomia será analisada como uma disciplina filosófica que estuda os limites e os critérios que condicionam a validade do conhecimento humano.

Dessa forma a epistemologia, enquanto disciplina filosófica que trata do conhecimento, ao ligar a uma questão específica e em relação à Biblioteconomia, assim como nas outras áreas, o seu estudo adota um procedimento transdisciplinar. E com isto, o estudo então passa a compreender a ligação da fundamentação histórica e racional para a existência de uma ciência.

Mas o que é ciência? A Biblioteconomia é uma ciência? Numa visão comum do conceito, esta consiste em uma atividade humana cujo produto é um de-

terminado tipo de conhecimento. Através da visão de Mostafa (1981), verifica-se a biblioteconomia numa relação ciências humanas-ciência. Assim como estas a Biblioteconomia busca o seu método científico na conexão quantidade/qualidade. No entanto, Araújo (1991) descreve que "[...] uma posição cartesiana se faz presente e coloca a biblioteconomia no campo vazio das demonstrações estatísticas", ou seja, existe um déficit no aspecto quantitativo uma vez que este se resume a números e tabelas quanto ao âmbito das pesquisas nas ciências humanas.

Ainda para Araújo (1991) enfatiza que "[...] a exatidão matemática e produção do conhecimento centrado na relação sujeito-objeto estão presentes na análise biblioteconômica," onde linguagem matemática esta presente na bibliometria, nos estudos de usuarios, na Classificação Decimal Universal (CDU), e outros códigos. Já a relação sujeito-objeto esta presente na biblioteca como uma instituição cujo objetivo está no atendimento de todos que a procurarem. Esse discurso possibilita a amenização das diferenças sociais, mas não alcança a contextualização das ações biblioteconômicas. Portanto, de acordo com estes princípios básicos da cientificidade.

Utilizar os princípios científicos não torna a Biblioteconomia numa ciência. No entanto, Souza (1986) define a Biblioteconomia: "[...] como um conjunto de teorias, princípios e métodos que procuram fazer da biblioteconomia uma ciência". Esta definição de filosofia biblioteconômica mostra o uso da metodologia filosófica reconhecida como científica uma vez que a ciência moderna advém da filosofia, berço dos princípios e causas do conhecimento humano com análise indiferente aos preconceitos e convenções sociais.

Sendo assim, desde o seu nascimento, o ser humano se vê envolvido em situações muito distintas, durante as quais é necessário ora emitir, ora apreender novos conhecimentos. Mas, qual a relação entre a Biblioteconomia e o progresso cognitivo? Existe produto dessa relação e como este se comporta? Primeiro a

Biblioteconomia como um ser histórico produz o conhecimento biblioteconômico quando através do desenvolvimento e aperfeiçoamento deste, o produto da historicidade do conhecimento científico revelado através da estrutura curricular no ensino das ciências nas IES (Instituição de Ensino Superior), por exemplo. E seguindo, este produto por sua vez deve estar sujeito à transformação e, mediante o surgimento de novas ideias (progresso cognitivo), apto para o exercício de sua função. Pois as mudanças ocorridas na sociedade afetam diretamente o perfil do futuro profissional, já que lhe impõe requisitos quanto à adequação ao mercado de trabalho, através da aprendizagem sugerindo que o acadêmico deve aprender a aprender para a boa execução de sua profissão (visão pragmática). (SILVA, 2002; CASTRO, 2002).

A interdisciplinaridade se configura no avanço da ciência, como, por exemplo, a construção filosófica da crítica: fato – problema – reflexão – solução, ou da Biblioteconomia, que vai além dos estudos das bibliotecas, mas busca elementos para a sua atuação de forma efetiva a contemplar as necessidades da cotidianidade da sociedade, como os estudos das Novas Tecnologias da Informação, dos diversos tipos de representação da informação, entre outros. Isso implica dizer que interdisciplinaridade e ciência agem num contexto de reciprocidade, onde a segunda precisa alcançar a primeira pra chegar a sua plenitude, mas a primeira deve já estar contida nas diretrizes da segunda para a sua consecução.

Na Biblioteconomia brasileira o discurso sobre interdisciplinaridade é intrínseco. Agora, resta saber se esse discurso tem sido aplicado nas práticas cotidianas da área, na perspectiva de caracterizar ou não a identidade interdisciplinar da Biblioteconomia.

Iniciando pelo curso de nível superior percebe-se ser o discurso da interdisciplinaridade mais evidente. Porém, é perceptível que esse discurso tem sido bem conturbado e deturpado, assim como na maioria das áreas. O termo em questão

virou algo simbólico na área, sendo proferido constantemente, sem notificar a amplitude de seu caráter semântico.

3.1 Formação do Profissional da Informação no contexto epistemológico

A base para uma abordagem significativa da formação do profissional bibliotecário, deve contribuir para integrar os diversos componentes que constituem suas atividades. Tendo em vista que o processo de evolução do sistema de ensino-aprendizagem possibilitou autonomia e senso crítico dos acadêmicos e profissionais da área, para repensar suas práticas frente a estas mudanças. "[...] a flexibilidade é um dos pontos cruciais para a formação de um profissional competente, socialmente crítico e responsável pelos destinos da sociedade que se deseja justa, democrática e auto-sustentável." (RIBEIRO; CURY, 2007, p. 209).

De acordo com Dudziak (2007), o bibliotecário promove a competência em informação tornando-se a chave do desenvolvimento sócio-econômico e a promoção da curiosidade, para advogar os direitos dos aprendizes, para serem tocados pela realidade e posteriormente sua mudança.

A partir de uma análise de oportunidades e ameaças presentes no ambiente profissional da área de Biblioteconomia/Ciência da Informação, este trabalho procurou salientar a necessidade de as escolas e departamentos adotarem novas estratégias e novos posicionamentos em seus programas educacionais direcionados para a formação de profissionais de informação. Inicialmente, defendeu-se a mudança nas denominações dos programas educacionais, uma vez que os termos biblioteconomia e bibliotecário evocam equivocadamente a imagem de profissionais que trabalham exclusivamente com livros em um local chamado biblioteca.

O profissional precisa ter uma postura ética ao buscar melhores alternativas a sua instituição; sem contar na recuperação e disseminação da mesma

visando atender às necessidades de seu usuário, seja o que solicitou a informação seja aquele desprovido de recursos humanos ou tecnológicos.

Ao se considerarem o instinto formativo e o instinto conservativo expostos por Bachelard (2001), parece que a epistemologia da ciência da informação talvez não tenha a mesma preocupação quando se refere a uma epistemologia das ciências humanas, pois entende-se que a ciência da informação limita-se ao instinto conservativo, principalmente quando somente se relacionada a questões técnicas e mecânicas que, inquestionavelmente, fazem parte de sua estrutura, porém não são exclusivas em sua formação e continuidade.

4 EPISTEMOLOGIA NA BIBLIOTECONOMIA DO MARANHÃO

Após a reflexão sobre a Epistemologia, faz-se necessário sua contextualização e análise aplicada à Biblioteconomia no Estado do Maranhão.

[...] uma prática universitária satisfatória, deve ter presente [...] entendimento do conhecimento e seu processo. É impossível fazer universidade um centro crítico de produção do conhecimento, caso não se assuma o significado fundamental do ato de conhecer e seus mecanismos epistemológicos. (LUCKESI, 1997).

Nessa conjuntura atual, para os alunos do curso de Biblioteconomia torna-se importante reabrir essa discussão de forma pormenorizada no intuito de possibilitar uma significativa reflexão.

É importante ressaltar que, se trata de uma classe que deseja possibilitar uma visão dinâmica e totalizante da realidade, já que os fatos sociais não são entendidos se considerados isoladamente, privilegiando assim transformações significativas. Utilizando-se deste argumento, Platão, falava do conhecimento das coisas que são sombras da realidade. (LUCKESI, 1997).

Embora haja uma estrutura legal pré-determinada para o sistema de ensino no universitário brasileiro, constata-se a importância de se manter o diálogo e a valorização para ascensão de novas ideias. "[...] o que mais presenciamos é uma educação que cria alunos meramente reprodutivos, que não são alimentados em busca de conhecer o novo, de questionar, de elaborar hipóteses, de desequilibrar-se e buscar uma nova equilíbrio [...]" (MENEZES; ARAÚJO, 2004).

Com esta visão evolutiva e compromissada, esperamos que com a mudança do currículo no ensino Biblioteconômico no Estado do Maranhão, espera-se cumprir e atingir os objetivos no processo orientador do ciclo que se inicia.

[...] a universidade deve ser o lugar por excelência do cultivo do espírito, do saber, e onde se desenvolvem as mais altas formas da cultura e da reflexão. [...] deve estar continuamente em interação com a sociedade, a realidade que a gera e sustenta. (LUCKESI, 1997).

Nesse contexto percebe-se que a universidade torna-se responsável pela formação do profissional que atuará na sociedade bem como a relação do mesmo. Quanto à sua função e sua posição frente ao mercado de trabalho e também quanto a constituição da cultura e seu modo de olhar o meio ao seu redor. O sujeito que articula esta temática, dispõe de diversos elementos para a construção social do conhecimento sistematizado.

[...] o conhecimento filosófico e científico significativo [...] é um direito e um poder de todos. Basta exercitá-los criticamente. [...] no contexto da universidade [...] é preciso agir de tal forma que estes tipos de conhecimento atinjam os seus objetivos epistemológicos [...] a universidade estará se encaminhando para o cumprimento de sua missão histórica e legalmente definida. (LUCKESI, 2004, p. 78).

Elucidar e definir este caráter constitutivo da epistemologia, em conformidade com a estrutura organizacional de ensino é indispensável para o sucesso do conteúdo programático inicialmente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa apresenta os resultados preliminares teóricos do Projeto Fundamentos Epistemológicos do Ensino de Biblioteconomia no Maranhão, desenvolvido pelos alunos do Programa de Educação Tutorial (PET). Com objetivo de visualizar a complexidade pelo qual o conhecimento solidifica-se e até que ponto influencia diretamente o sujeito frente às mudanças de cunho social, político e cultural.

Entende-se que é a partir destas relações que se pode ingressar na busca de novos conceitos e proceder a um estudo epistemológico em Biblioteconomia.

Observa-se a relação dos aspectos da episteme na construção do pensamento científico e nos processos metodológicos e ético-políticos na Biblioteconomia maranhense ainda constituem a visão da Biblioteconomia como ciência social e técnica de importância significativa na sociedade da informação, sendo momentânea a tentativa de identificação das teorias inseridas nessa escola.

Percebe-se na tentativa de mudança do currículo para surtir efeitos do ensino-aprendizagem pelo futuro profissional, ainda percorre um caminho cujas diretrizes possuem pilares não bem fixos, tornando complexo o entendimento das características e qualidades que um profissional da informação-bibliotecário deve possuir, fazendo-o analisar o seu aprendizado com suas ações realizadas no seu campo de trabalho.

BEDDINGS EPISTEMOLÓGICOS OF THE EDUCATION OF BIBLIOTECONOMIA IN THE MARANHÃO

ABSTRACT

It approaches on the process of construction of the knowledge leading to the study of the epistemology beddings of sciences and the theories that base the scientific knowledge. It establishes the existing relations between the cognitive process and the current conjuncture that are the bases to understand the practical around lines of thought of the pedagogical ones of education. It makes a revision of literature of the epistemology beddings of the education of the Maranhão's Library Science, for an understanding concerning the historical theories and moments. It analyzes inside of these changes of paradigms, the verification of the importance of raising some questionings concerning the education of Library Science, in the schools of the State of the Maranhão, identifying and analyzing of the epistemology bases that guide the Library Science as scientific object. It approaches through a bibliographical and documentary survey, the epistemology aspects, the professional field and to know. It enhances that the study of the epistemology beddings of the Library Science it is of basic importance for better understanding of the estimated ones that they guide the education of the Library Science in the Maranhão. It waits the adoption of a new resume for the course, based on the demand of market and quarrels that were not part of the education program, or were boarded of transversal form as the professional ethics, sociology of the information and others.

Keywords: Epistemology. Library Science. Maranhão.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. **A Subjetividade Enclausurada**: o discurso científico na Biblioteconomia. *Informação & Sociedade: estudos*. João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 14-22, jan./dez. 1991. Disponível em: <http://72.14.205.104/search?q=cache:0_RbcX80bqoJ:www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/19/1333+Epistemologia+na+Biblioteconomia&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=10&pl=br&lr=lang_pt>. Acesso em : 21 de jan. de 2008.
- BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.
- BARBOSA, Ricardo Rodrigues. Perspectivas profissionais e educacionais em Biblioteconomia e Ciência da Informação. *Ciência da Informação*. Brasília, v.7, n.1, p. 53-60, jan./abr.1998.
- BOMBASSARO, Luiz Carlos. **As fronteiras da epistemologia**: uma introdução ao problema da racionalidade e da historicidade do conhecimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.
- CASTRO, César Augusto (org.). **Conhecimento, pesquisa e práticas sociais em Ciência da Informação**. São Luis: EDUFMA, 2007.
- CASTRO, César Augusto. Formação do Profissional da Informação: abordagem crítico-reflexiva. In: ____ **Ciência da informação e biblioteconomia: múltiplos discursos**. São Luis, MA: EDUFMA; EDFAMA, 2002. p.185-197.
- DUDZIAK, Elisabeth Adriana. **O bibliotecário como agente de transformação em uma sociedade complexa**: integração entre ciência, tecnologia, desenvolvimento e inclusão social. Disponível em: <<http://www.pontodeacesso.com.br>>. Acesso em: 20 de abr. de 2008.
- FRANCELIN, Marivalde Moacir. A epistemologia da complexidade e a ciência da informação. *Ciência da Informação*. Brasília, v.32, n.2, p.64-68, maio/ago.2003.
- LUCKESI, Cipriano Carlos (et al.). **Fazer Universidade**: uma proposta metodológica. 9 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

MENEZES, Ana Paula de Avelar Brito; ARAÚJO, Cláudia Roberta de. In: CORREIA, Mônica (Org.). **Psicologia e escola: uma parceria necessária**. Campinas, SP: Alínea, 2004.

SILVA, Armando Malheiro da; RIBEIRO, Fernanda. **Das ciências documentais à ciência da informação: ensaio epistemológico para um novo modelo curricular**. Porto: Edições Afrontamento, 2002.

SILVA, Carla Maria T. de Sousa C. da; ARRUDA, Guilhermina Melo. A Formação do Profissional de Biblioteconomia Frente Às Novas Tendências do Mercado Globalizado. **Encontros BIBLI: revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Disponível em: <<http://www.encontros-bibli.ufsc.br/eb6art3.doc>>. Acesso em: 23 de abr. de 2008.

SOUZA, F. C. **A educação bibliotecária brasileira: comparação com a educação bibliotecária em alguns países europeus e asiáticos e uma proposta para atender a modernidade no Brasil**. Florianópolis, 1997. 120 f. (Relatório de Pesquisa Apresentado ao Departamento de Biblioteconomia e Documentação).

O SERVIÇO DE REFERÊNCIA E O PROCESSO EDUCATIVO DO USUÁRIO

Denise Sousa de Carvalho*
Hildnéia Araújo Moraes**
José Marcelino Nascimento Veiga Junior**
Josimary Lira Costa**

RESUMO

Aborda o serviço de referência e o seu processo, delineado em oito passos, que inicia com o surgimento do problema até a sua solução. Aponta a importância da comunicação entre bibliotecário e usuário, para que o processo de referência seja concluído satisfatoriamente. Evidencia a importância dos bibliotecários envolvidos com o trabalho de referência e como esses profissionais podem contribuir para o processo educativo dos usuários.

Palavras-chave: Serviço de referência. Processo de referência. Comunicação. Bibliotecário de referência. Educação de usuários.

1 INTRODUÇÃO

O artigo discute a importância da qualidade no Serviço de Referência, e esse fator envolve tanto os serviços e produtos oferecidos ao usuário quanto à qualidade com relação ao atendimento prestado pelo profissional bibliotecário desse setor.

Para tanto, é necessário que se entenda o processo de referência, ou seja, como ele acontece e quais suas etapas, estudados ao longo da discussão proposta, bem como os oito passos desse processo, suas características e os atributos

* Artigo apresentado à disciplina Referência, ministrada pela professora Márcia Pimenta.
** Estudantes do 7º período do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão-UFMA.

que o profissional deve possuir para que não aconteçam problemas na comunicação com seu cliente.

Ao longo do trabalho, percebe-se a importância da comunicação nesse processo, como um fator essencial na interação entre bibliotecário de referência e usuário, para que ambos se entendam e o processo seja concluído com sucesso.

Mas o principal aspecto que deve ser observado é a importância do processo educativo do usuário da unidade de informação, e é nesse sentido que o profissional deve estar atento, educar seus usuários é uma maneira de agilizar o atendimento, fazendo com que se sintam realmente participantes de um processo. Para que isso aconteça, é necessário que estes sejam submetidos a treinamentos a fim de instruí-los quanto ao uso das ferramentas disponíveis para que realizem suas pesquisas, além de instigar o lado crítico, avaliativo para que possam contribuir com o crescimento do setor e do profissional bibliotecário.

Para que todo esse processo seja possível, sugere-se que o profissional bibliotecário adquira alguns atributos como paciência, criatividade, iniciativa, visão futura, observação, olhar crítico, além de estar sempre atento às mudanças e, principalmente, se adequando a elas, atualizando-se e buscando sempre novas ideias para facilitar o atendimento. É essencial, no processo educativo do usuário, que ele tenha uma boa comunicação para que compreenda e se faça compreender.

2 O SERVIÇO E O PROCESSO DE REFERÊNCIA

O Serviço de Referência em bibliotecas refere-se ao atendimento prestado ao usuário, incluindo etapas que seguem uma seqüência lógica para o desenvolvimento do processo de referência, que vai do surgimento do problema até a busca de informação por intermédio do bibliotecário, chegando a sua solução.

Mas, para que o processo de referência seja realizado de modo eficiente, é necessário que o bibliotecário de referência desenvolva atributos que estejam de acordo com cada passo do processo, atingindo seu objetivo de satisfazer as necessidades informacionais dos usuários. Esses passos estão descritos no quadro abaixo com suas respectivas características e atributos, que segundo Grogan (1995, p. 51) são "etapas decisórias [...] que constituem o processo normal de referência".

QUADRO – PROCESSO DE REFERÊNCIA

Oito passos do processo de referência	Características	Atributos do bibliotecário
1 O problema	Inicia o processo de referência, atraindo a atenção de um usuário potencial da biblioteca. A fonte do problema pode ser externa (decorrente do contexto social ou situacional do indivíduo) ou interna (de origem psicológica). São problemas informacionais.	Percepção, atenção, paciência.
2 A necessidade de informação	Quando o usuário sente a necessidade ou curiosidade de conhecer e compreender o assunto que diz respeito ao seu problema, caminhando em busca da sua solução. Existem diferentes maneiras de descobrir o que se deseja: observação, ensaio e erro, experimento, perguntar a alguém, procurar por si mesmo.	Curiosidade de informação, empatia.
3 A questão inicial	É o momento em que o usuário potencial pergunta a si mesmo sobre questões relacionadas ao problema, no momento intrapessoal, antecipando o encontro do momento interpessoal, onde decide perguntar a alguém (o bibliotecário) sobre o problema.	Conhecimento profundo sobre a área.
4 A questão negociada	Quando não há um entendimento da questão inicial, será feito, a negociação, de acordo com as fontes de informação específicas existentes no acervo da unidade de informação.	Extrema capacidade de negociação.

5 A estratégia de busca	Os meios ou modos como vão ser realizados a busca da informação, através de duas decisões: como o acervo de informações será consultado? E quais de suas partes serão consultadas e em que ordem? A primeira questão diz respeito à análise minuciosa do tema da questão, identificando seus conceitos e suas relações, traduzindo-os para linguagem de acesso do acervo de informação. A segunda decisão implica em escolher, entre vários caminhos possíveis, que dependeram do conhecimento íntimo das fontes de informação disponíveis para pesquisa, da experiência em sua utilização e a intuição do bibliotecário.	Senso de organização do serviço e do raciocínio, conhecimento e indexação, dos conectores booleanos, da própria área, do perfil do usuário, de todos os recursos, das organizações congêneres, capacidade de planejamento.
6 O processo de busca	É o momento de colocar em operação o que foi definido na estratégia de busca, atendendo as necessidades do usuário. A estratégia deve ser flexível, caso haja uma mudança no andamento da busca.	Atenção, senso lógico, criatividade, maleabilidade.
7 A resposta	É o resultado da busca, mas é preciso ter certeza que esse resultado condiz com as expectativas do usuário, pois existem respostas improdutivas.	Critério, experiência.
8 A solução	É a resposta certa, porém só será considerada correta se tiver a aprovação do usuário, ou seja, é necessária a elucidação ou explicação para que se tenha uma solução completa, que será realizada através da avaliação conjunta do bibliotecário com o usuário sobre o produto da pesquisa.	Interesse

Dessa maneira, podemos perceber que o processo de referência não tem um fim em si mesmo, pois se processa de forma cíclica, retornando sempre para o ponto inicial, ou seja, o surgimento de um novo problema.

3 A COMUNICAÇÃO COMO BASE PARA O SERVIÇO DE REFERÊNCIA

No item anterior, vimos que o Serviço de Referência é a assistência pessoal e direta aos usuários que necessitam de informação, estabelecendo o contato mútuo o leitor e o documento destinado ao estudo e à pesquisa.

Para que esse processo de interação flua com eficiência, é necessário a comunicação entre bibliotecário e usuário, pois, segundo Martins (1972, p. 31), "o bibliotecário de referência e o intérprete da coleção e para interpretá-la terá de se comunicar com aqueles a servir". Assim sendo, para a obtenção de uma comunicação eficaz, ao se estabelecer o contato mútuo entre usuário e documento, é indispensável que o primeiro apreenda o conteúdo do segundo.

Deste modo, o bibliotecário de referência deve conhecer o mecanismo de comunicação, que pode ser expresso por via oral: pedidos e conversas; escrita: cartazes, livros, folhetos, jornais e revistas ou por gestos, olhar e postura, melhor exercerá sua função de orientador e, então, estabelecer-se-á a interação entre usuário e bibliotecário, pois a finalidade da comunicação é a interação.

Pode-se, então, afirmar que a comunicação serve de ponte entre o usuário e os recursos documentais, e mais amplamente, entre a unidade de informação e a comunidade; nesse contexto, se insere o bibliotecário de referência, considerado especialista em informação, que precisa aprimorar, desenvolver ou criar as diversas habilidades inerentes a ele, quais sejam: conhecimentos técnicos, comunicação, aptidão para relações humanas, bem como o senso de organização e imaginação.

4 O BIBLIOTECÁRIO DE REFERÊNCIA

O processo de transformação que o mundo vem sofrendo ao longo do tempo traz constantes mudanças em nossa sociedade, tanto do ponto de vista

mundial quanto do local. Estas mudanças vêm atingindo a sociedade através de excessivas utilizações da informação no cotidiano das pessoas, tendo como principais fatores o avanço das novas tecnologias em busca da informação.

Segundo Somavia (1980, p. 10), "a informação não é uma simples mercadoria e a função da informar não é negócio qualquer; pelo contrário, trata-se de um direito e um bem social e de uma função social eminente". A informação é a base de um conhecimento para um pleno desenvolvimento humano em nossa sociedade.

As tecnologias da informação permitem o acesso de um grande número de informações disponíveis a qualquer momento, por qualquer indivíduo. No entanto, esta sobrecarga de informação, às vezes, dificulta a busca e deixa, muitas vezes, os usuários frustrados, pois não conseguem recuperar a informação que procuram, cabendo aos bibliotecários fornecer o melhor caminho para a satisfação do usuário. O aumento progressivo de informações (documentos) exigiu dos bibliotecários novos meios para se organizar; a partir daí, tornou-se essencial a criação, nas bibliotecas, de uma seção independente, denominada serviço de referência, que se relaciona, direta ou indiretamente, com todas as atividades desenvolvidas na biblioteca.

Para Hutchins (1973, p. 4),

O trabalho de referência inclui a assistência direta e pessoal dentro da biblioteca às pessoas que buscam informações para qualquer finalidade, e também às diversas atividades biblioteconômicas destinadas a tornar a informação tão acessível quanto seja possível.

É sempre bom destacar que a peça-chave de um bom serviço de referência é o próprio bibliotecário de referência. Assim, por mais importante que seja a coleção geral de uma biblioteca e excepcional sua coleção de referência, por mais organizados que estejam os documentos, o serviço de referência não pode

prescindir da sua peça fundamental, que é o bibliotecário. O trabalho desse profissional caracteriza-se pela comunicação formal ou informal, no sentido de orientar seu usuário, seja pelo contato direto e pessoal ou por mecanismos que ajudam e facilitam o acesso rápido à informação.

Para Martucci (2000, p. 110), este trabalho

[...] é um processo de diagnóstico, elaboração e fornecimento de resposta a um problema de informação de um usuário, através da tomada de decisões. É uma atividade altamente cognitiva, que exige o conhecimento da questão de referência ou da situação-problema, a seleção e implementação de uma estratégia de busca e a obtenção da informação que responde a questão. Portanto, o bibliotecário de referência é um profissional que ao longo de seu trabalho diário desenvolve processos de observação, compreensão, análise, interpretação e tomada de decisão.

Desta forma, Os bibliotecários de referência devem desenvolver habilidades inerentes à sua função, como aptidão para as relações humanas, senso de organização e de análise. Deve conhecer o ambiente da unidade de informação e a coleção de referência de forma aprofundada. Outras aptidões são propostas por Pimenta (2002, p. 131): a *inteligência* (alcançar de forma rápida o que foi pedido pelo usuário); a *precisão* (ler cuidadosamente e citar referências sem erros); o *critério* (procura entender o leitor naquilo em que ele precisa selecionar para sua busca); a *fidedignidade* (cumprir tarefas a tempo); o *conhecimento geral e específico* (conhecer e identificar os assuntos como um todo e de sua área); a *acortesia* (demonstrar empatia e interesses pelos usuários); a *iniciativa* (ter imaginação em resolver de forma precisa uma determinada busca); o *otato* (da atenção de melhor maneira possível para cada usuários); o *equilíbrio* (ter calma e receptividade com usuários); a *eficácia* (conseguir atingir seu objetivo); a *perseverança* (esforçar-se ao máximo para conseguir material em lugares distantes); a *acuidade inte-*

lectual (possui curiosidade para descobrir as coisas e seus outros empregos de determinadas buscas); a *flexibilidade* (capacidade de encontrar soluções para determinadas ações que levam a solução de um determinado problema encontrado pelo usuário); entre outros.

Segundo Bertholino e Curty (1997 apud SILVA, 2006, p. 49), as funções deste profissional são:

- a) responder chamadas dos usuários; b) dar assistência no monitoramento da busca/pesquisa dos usuários; c) interpretar os meios de acesso da *network*; d) interpretar a informação; e) aplicar o *sense-making* (filtrar, achar o significado, compreender) para o usuário; f) prover assistência de referência para usuários; g) tornar-se um professor, instruindo pessoas em como explorar recursos informacionais; h) instruir no uso da biblioteca eletrônica.

Desta forma, este profissional deve agir como disseminador da informação e ser responsável por fazer a informação circular; o mesmo deve possuir a capacidade de análise e de síntese para responder, de forma mais precisa, às perguntas dos usuários. É essencial para o bibliotecário de referência a capacidade de receber as idéias alheias e entendê-las, assim como de transmitir suas idéias corretas e claramente, a fim de que o trabalho se realize de melhor maneira possível. Para Gregan (2001, p. 60), os atributos dos bibliotecários de referência podem ser divididos em duas partes: atributos profissionais e de caráter. Os profissionais são atributos que levam à capacidade de instruir e talento para se comunicar, enquanto que o de caráter são atributos de imaginação, persistência, entusiasmo, humildade e devoção ao serviço.

As mudanças ocasionadas com a incorporação das tecnologias trouxeram possibilidades como o serviço de referência virtual. Muito se falava que a previsão era que os bibliotecários de referência poderiam não mais existir devido a esses

avanços na tecnologia, pois eram grandes as facilidades oferecidas aos usuários e cabia os mesmos buscar a informação desejada, mas não foi isso que aconteceu, pois, com passar do tempo, os usuários, aos poucos, mudaram seu padrão de comportamento. Percebe-se que tão importante quanto a tecnologia é o elemento humano, pois, por melhores e mais avançados que sejam o sistema de busca e recuperação da informação, a interação humana não poderá ser deixada de lado, ou seja, o papel do bibliotecário de referência é fundamental para um bom serviço de referência em uma unidade de informação.

5 O PROCESSO EDUCATIVO DO USUÁRIO

O serviço de referência e informação (SRI) visa a atender as necessidades informacionais e cognitivas da sua clientela. Para sua maior eficácia, deve ser planejado e dotado de um processo educativo do usuário, de acordo com o caráter de cada unidade de informação, para que os profissionais da informação realizem suas tarefas da melhor forma possível e satisfaçam as necessidades de cada cliente. Portanto, a realização de um método de educação do usuário é essencial para que o processo de referência flua com mais facilidade e que as informações sejam oferecidas com mais agilidade.

Porém, é importante que, antes, se promova o estudo do usuário, pois é um fator necessário para o desenvolvimento do processo de educação da clientela de uma biblioteca, pois ter conhecimento sobre a idade, o comportamento e os interesses informacionais dos usuários é imprescindível para planejar, desenvolver e prestar serviços que, de fato, atendam as suas necessidades.

Segundo Pimenta (2002, p. 128),

[...] conquistar o cliente é, para a referência, um grande desafio; mas mantê-lo, freqüente e interessado, é um outro, bem maior. Isto porque o perfil do cliente, no âmbito da

referência, mudou. A clientela está mais atenta, participativa e exigente, buscando soluções exatas para os seus problemas de informação, com rapidez e qualidade.

Esse contexto é justificado pelas mudanças ocorridas por conta do seu novo perfil do usuário e suas novas necessidades e demandas frente à enorme quantidade de informações disponíveis e as novas condições de acesso pela internet. Assim, cabe ao bibliotecário de referência, como profissional que possui a função de informar, orientar e estimular o uso da informação, adquirir em alguns momentos a qualidade de educador, para suprir essas necessidades.

Para Mueller (1998, p. 66),

Os traços marcantes do perfil profissional do bibliotecário/professor são muito semelhantes aos do professor, cuja preocupação não é apenas fornecer a informação propriamente dita, mas orientar pessoas na aquisição de conhecimentos e prepará-las para que possam sozinhas, buscar informações sempre que precisarem.

No entanto, o serviço do profissional é complementado com a educação do usuário, ou seja, para que haja um bom atendimento e os questionamentos sejam identificados, compreendidos e respondidos, é necessário que o usuário exponha com clareza e esteja ciente das fontes disponíveis na unidade de informação, dos regulamentos, metas, missões, funcionamento daquele setor, neste caso, o serviço de referência, e, mais ainda, saber como utilizar e usufruir dos diversos direitos que possui cliente.

Assim, para contribuir no processo de pesquisa, o bibliotecário deve estar atento aos seguintes passos: identificar, selecionar, reunir, processar e disponibilizar fontes de informação; desenvolver o processo educativo de referência, orientando e promovendo o uso da biblioteca e dos recursos informacionais.

Além disso, o bibliotecário deve participar dos processos informacionais sob diversos aspectos, seja criando mecanismos para busca, para acesso e/ou para armazenamento, seja operando estratégias de busca e/ou disponibilizando informação, como produtor.

Grogan (1995, p. 16) menciona a importância dos bibliotecários na função de educador, ensinando aos usuários como encontrar sua informação, não importando, nesse processo educativo, o tipo de suporte em que a informação está registrada. Hoje, os usuários que frequentam as bibliotecas, não apenas sabem o que querem e o que esperam dela, como também exigem que a informação chegue às suas mãos de forma muito mais rápida e segura, isto é, de forma completa e atual o bastante para lhe gerar a satisfação.

Mas, para que o usuário do serviço de referência sinta-se participativo no processo, há uma reconhecida necessidade de se instruir a clientela no uso das ferramentas de pesquisa, assim como a necessidade de instigar nos usuários um julgamento crítico a respeito dos recursos disponíveis na unidade de informação e uma percepção do custo ou do valor agregado desses recursos oferecidos pelas bibliotecas.

Anteriormente, o objetivo do serviço de referência era oferecer uma resposta exata para os usuários. Atualmente, este objetivo tem se expandido no sentido de preparar o usuário para que seja autoconfiante, através de instruções disponibilizadas pelos próprios bibliotecários. Isto significa que os profissionais envolvidos no serviço de referência devem levar o usuário a alcançar certa liberdade no uso dos recursos e serviços, utilizando-os de maneira eficiente e satisfatória.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A demanda de informação sugere que o receptor esteja apto para atender as solicitações recebidas; neste caso, o profissional bibliotecário deve sempre se

atualizar. Mas somente isso não fará com que seu objetivo e, principalmente, a missão da biblioteca/serviço de referência da unidade de informação seja efetiva do realmente. É necessário que este profissional atue juntamente com seu usuário para que os objetivos de ambos sejam alcançados plenamente, e com satisfação. Para tanto, o processo de referência tem a finalidade de promover o atendimento, através dos oito passos focalizados, que têm a função de facilitadores desse processo, porém não precisam necessariamente ser seguidos como regra; dependerá do estudo do usuário que será realizado pelo profissional bibliotecário.

O processo educativo do usuário, como vimos, é, atualmente, o foco principal dos profissionais que desejam atingir e saciar todas as necessidades informacionais dos usuários da unidade de informação em que atuam.

Portanto, é indispensável que a unidade de informação faça um estudo do usuário, elabore métodos de educá-lo para que conheça todo o processo pelo qual é necessário passar para alcançar o seu principal objetivo: a informação. Por isso, a importância do profissional comprometido e observador, e de um usuário atento e com espírito investigativo, renovar e inovará o modelo processual do serviço de referência.

THE SERVICE OF REFERENCE AND EDUCATIONAL PROCESS FROM USER

ABSTRACT

It approaches the Service of Reference, as well as its process, that it initiates with the sprouting of the problem until its solution. It points the importance of the communication between librarian and user, so that the Process of Reference is concluded satisfactorily. It evidences the importance of the involved professionals with the

reference work and as these can contribute for the educative process of the users.

Keywords: Service of reference. Process of reference. Communication. Librarian of reference. Education of users.

REFERÊNCIAS

- GROGAN, D. **A prática do serviço de referência**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2001.
- HUTCHINS, M. **Introdução ao trabalho de referência em bibliotecas**. Rio de Janeiro: FGV, 1973.
- MARTINS, Myriam Gusmão de. **Serviço de referência e assistência aos leitores**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1972.
- MARTUCCI, E. M. Revisitando o trabalho de referência: uma contribuição teórica para a abordagem interpretativa de pesquisa. **Perspectivas em Ciência da Informação**. Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 99-115, jan./jun. 2000.
- MULLER, A. **Teoria do serviço de referência**. In: _____. **Serviço de referência e assistência aos leitores**. Porto Alegre: URGS, 1998.
- PIMENTA, Márcia. O profissional da informação e as novas mediações no atendimento ao cliente. In: CASTRO, César A. (Org.). **Ciência da informação e biblioteconomia: múltiplos discursos**. São Luis: EDUFMA; EDFAMA, 2002.
- SILVA, Chirley Cristiane Mineiro da. **O perfil do bibliotecário de referência das bibliotecas universitárias do Estado de Santa Catarina** 2006, 115 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)—Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em: <<http://www.cin.ufsc.br/pgcin/ChirleySilva.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2008.
- SOMAVIA, J. A estrutura transnacional de poder e a informação internacional. In: MATTA, F. R. (Org.). **A informação na nova ordem internacional**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

A PROMOÇÃO DO COMPOSTO DE MARKETING EM EMPRESAS E UNIDADES DE INFORMAÇÃO

Denise Sousa de Carvalho[™]
 José Marcelino Nascimento Veiga Júnior[™]
 Josimary Lira Costa[™]
 Luciana Maria Ribeiro de Araujo[™]

RESUMO

Aborda a promoção para empresas e unidades de informação. Conceitua promoção como sendo uma estratégia para elevar o status de uma empresa, indivíduo, produtos e serviços, relatando a sua importância na garantia da sobrevivência das organizações. Destaca seus objetivos, tendo como principal, convencer o cliente/ usuário a utilizar ou adquirir aquilo que se promove. Mostra os vários tipos de promoção usados por empresas que trabalham com os mais variados tipos de produtos ou serviços. Descreve as atividades e técnicas mercadológicas como relações públicas, propaganda, Merchandising, promoção de vendas, venda pessoal, incentivos e atmosfera, para realizar a ação de promover. Enfatiza a promoção em unidade de informação com o objetivo de promover os serviços e produtos oferecidos, realizada através da promoção da leitura e do marketing profissional para aprimorar o desempenho das unidades de informação e de seus profissionais. Apresenta o processo de promoção, tomando por base a comunicação da informação nas unidades de informação.

Palavras-chave: Promoção. Marketing. Empresas. Unidades de Informação. Comunicação da informação.

* Artigo apresentado à disciplina Marketing em Unidade de Informação, ministrada pela professora Sylvania Cavalcante.

** Estudantes do 7º período do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão-UFMA.

*** Estudantes do 6º período do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão-UFMA.

1 INTRODUÇÃO

Marketing segundo Aurélio (2000, p. 448) é o "conjunto de estratégias e ações relativas a desenvolvimento, apreçamento, distribuição e promoção de produtos e serviços, e que visa à adequação mercadológica destes." Neste sentido, o marketing torna-se importante e indispensável para o sucesso dos negócios em organizações, pois a competitividade do mercado, as técnicas e os conceitos de compra/venda precisam de ações eficientes a caminho da prosperidade das empresas.

Entre essas ações, pode-se considerar a promoção como a ferramenta de marketing mais utilizada pelas organizações para assegurar sua sobrevivência e o crescimento do seu negócio. Por essa razão, torna-se importante o estudo desse instrumento, pois a complexidade de um mercado em constante evolução traz a necessidade de estratégias de promoção para garantir que um determinado produto ou serviço tenha maior aceitação por um maior período de tempo.

Esse estudo tem por objetivo mostrar a promoção em organizações, tomando como fundamento a de unidade de informação, na qual permite convencer o cliente/usuário a utilizar ou adquirir aquilo que está promovendo, além da sua importância para a manutenção da sua clientela.

Inicia-se o estudo falando sobre o conceito, objetivos e tipos de promoção em organizações. Em seguida, destacam-se as atividades e técnicas promocionais como Relações públicas, Propaganda, Merchandising, Promoção de vendas, Venda pessoal, Incentivos e Atmosfera. Na sequência, será relatada a promoção em unidade de informação que compreende um conjunto de atividades, visando informar ou persuadir os usuários sobre a disponibilidade dos produtos e serviços oferecidos, obtida por meio da promoção da leitura e do marketing profissional na melhoria do desempenho do bibliotecário e das unidades de infor-

mação. Por fim, apresenta-se o processo de promoção/comunicação em unidades de informação.

Espera-se que esse estudo possa prestar uma colaboração significativa para conscientizar que a promoção é uma ferramenta fundamental para as organizações que visam o seu desenvolvimento e permanência no mercado.

2 PROMOÇÃO

A promoção pode ser definida como qualquer ato que vise a elevar o status de um produto, indivíduo, situação, empresa, etc. Cabe ressaltar que a promoção não precisa envolver remuneração prévia ou acordada. Promoção é um ramo direto da publicidade do marketing, de relações públicas e do jornalismo, sendo que este último em um âmbito mais moderado e imparcial.

Nesse sentido, aponta-se o marketing como elemento essencial no processo que envolve as atividades referentes à promoção, pois é justamente o marketing que irá contribuir, ou melhor, permitir que estas venham a concretizar-se, ao passo que esta se constitui, para Amaral (1998 apud PORTAL DO GRUPO DE PESQUISA EM MARKETING DA INFORMAÇÃO, [200-?]), no

[...] processo gerencial, valorizando as trocas voluntárias para garantir a sobrevivência das organizações, entendido como a combinação de técnicas, cuja aplicação visa o perfeito processo de troca, beneficiando todos os elementos que nela interagem.

Neste contexto, insere-se o marketing da informação como ferramenta de aplicação da Filosofia de marketing com o objetivo de alcançar a satisfação dos públicos da organização, facilitando a realização de trocas entre esta e seu mercado, visto que a Filosofia de atuação da organização com a orientação de marketing

volta-se para o atendimento e relacionamento com a clientela, com ênfase, função de troca, mediante ações administrativas, visando os objetivos organizacionais.

2.1 Objetivos da promoção

A promoção consiste no uso dos canais de comunicação para informar a existência de algo, além de convencer os possíveis interessados em usar ou adquirir aquilo que se promove. Entre os objetivos da promoção destaca-se, segundo Amaral (2008, p. 34):

- a) Tornar a organização e seus produtos e serviços conhecidos pelos usuários/consumidores;
- b) Tornar o ambiente da organização, com seus produtos e serviços atraentes para os usuários/consumidores;
- c) Mostrar aos usuários/consumidores como usar os produtos e serviços disponíveis;
- d) Evidenciar os benefícios dos produtos e serviços oferecidos;
- e) Manter os usuários/consumidores constantemente em informados sobre a atuação da organização e sua oferta de produtos e serviços.

2.2 Tipos de promoção

Para cada tipo de produto ou serviço, sempre haverá uma promoção adequada. Sendo assim, é necessário que qualquer organização estude detalhadamente o seu negócio, de forma a escolher a promoção que melhor se adapte a ele. Dentre os vários tipos de promoção de vendas que podem ser adotados por uma organização menciona-se: a liquidação que é uma das mais antigas formas de promoção de vendas. Muito utilizada por lojas e estabelecimentos de varejo

que trabalham com os mais diversos tipos de produtos (confeções, calçados, entre outros). Normalmente, a liquidação é realizada devido a vários motivos, como aniversário da empresa, ligado a volta às aulas, ou ainda, datas comemorativas, como dia das mães, das crianças, etc. Vale lembrar que para promovê-la, segundo Felipe Junior (1994, p. 13-15) algumas regras devem ser obedecidas rigorosamente, tais como:

- a) **Ser verdadeira:** Ao se optar por fazer uma promoção, é preciso realmente fazê-la, envolvendo todos os funcionários no "espírito" da liquidação ou seja, todos devem cooperar para que tal propósito seja alcançado, pois grande parte do sucesso de uma promoção desse tipo depende da atuação deles;
- b) **Ser de curta duração:** Sabe-se que uma empresa não consegue manter uma liquidação por muito tempo e, se esta vender todos os seus produtos a preços muito baixos, poderá até ir à falência;
- c) **Formar tradição:** a empresa que realiza uma liquidação ou no máximo duas por ano, obedecendo aos corretos procedimentos, tende a formar uma tradição para os consumidores.

Outros tipos de promoções citados por Felipe Júnior (1994, p. 41-44) são: a *promoção através de troca de embalagens* geralmente utilizado quando são percebidos, num determinado mês de baixas vendas, com sua produção normal, que se tem muito produto em estoque. A *promoção leve 3, pague 2* este processo tem a vantagem de produtos que normalmente se compram por unidades, ampliar o volume de compra, porque a tendência dos consumidores é a de aproveitar promoção. A *promoção por troca de embalagens*- sistema bastante utilizado por fabricantes de produtos alimentícios, como açúcar, maionese, etc. e normalmente o prêmio é um livro de receitas para dona-de-casa. É importante ressaltar que

promoções desse tipo devem ser amplamente divulgadas, por televisão, para que o público-alvo tome conhecimento do tempo de duração.

Pode-se citar, ainda, segundo Cobra (1997, p. 673-674) outros exemplo de promoção de vendas, os prêmios cujo objetivo é dar ao consumidor uma razão para compra de um produto novo, que pode ser grátis ou de liquidação (o consumidor paga pelo mesmo produto). A maior parte dos prêmios é adicionada ao produto: comprando-se uísque, por exemplo, ganha-se um copo para uísque, entre outros; já os cupons outra espécie de promoção são utilizados para oferecer ao consumidor uma redução de preços e incrementar as vendas. Podem ser distribuídos por produtos, pelo fabricante na porta de supermercados ou publicados para recorte em jornais e revistas. Por fim, campanhas promocionais de vale-brinde do tipo "achou, ganhou", ajudam na formação ou fixação da empresa e também auxilia a rotação do estoque de alguns produtos. O vale-brinde certamente estimula o consumo adicional de um produto, na expectativa da premiação ou da coleção que leve ao brinde.

3 ATIVIDADE OU TÉCNICAS PROMOCIONAIS

A promoção pode ser realizada de diferentes maneiras. Podem ser consideradas como atividades de promoção a diversas possibilidades, formas ou técnicas mercadológicas para realizar a ação de promover. Cada autor interpreta a promoção ao seu modo, e de acordo com sua própria classificação e concepção apresenta sua classificação para essas modalidades de promoção.

Cobra (1997, p. 612-619) relata algumas das atividades ou técnicas promocionais:

- a) **Relações públicas:** referem-se ao processo de informação de conhecimento e de educação que utiliza técnicas de comunicação para desenvolver bom relacionamento com os públicos internos

e externos para gerar opinião pública favoráveis à organização e a sua imagem corporativa. O nome dado anteriormente para a Relação Pública era Publicidade, quando era vista simplesmente como um conjunto de atividades para promover a empresa ou seus produtos por meio da inserção gratuita de notícias na mídia. Para muitos autores, a Relação Pública é mais uma ferramenta de marketing que envolve uma variedade de programas destinados a promover ou proteger a imagem de uma empresa ou seus produtos. Considera-se como publicidade, o estímulo impessoal da procura por um produto, serviços ou negócios, pela divulgação de notícias comercialmente significativa sobre ele em mídia impressa, ou conseguir apresentação favorável do que está sendo oferecido no rádio, na televisão, ou no palco, e que não seja pago pelo patrocinador. Entretanto, a Relação Pública de marketing vai além da simples publicidade e exerce papel importante nas seguintes tarefas: da assistência ao lançamento de novos produtos; auxiliar a reposicionamento de um produto maduro; desenvolver o interesse por determinada categoria de produto; influenciar grupos alvos específicos; defender produtos que enfrentam o descrédito público e construir imagem corporativa que seja projetada favoravelmente sobre seus produtos:

- b) **Propaganda:** é qualquer forma paga e impessoal de apresentação e promoção de idéias, bens e serviços, por um patrocinador identificado. Para se estabelecer os objetivos de uma propaganda à primeira etapa deve fluir a partir das decisões sobre o mercado alvo, posicionamento de mercado e composto de marketing, destaca-se ainda a *propaganda informativa*, usada intensamente

no estágio de uma categoria de produtos cujo objetivo é desenvolver a demanda primária, a *propaganda persuasiva*, torna-se importante no estágio competitivo cuja finalidade da empresa é desenvolver a demanda seletiva para uma marca específica e a *propaganda de lembranças*, que por sua vez é de extrema importância no estágio de maturidade do produto;

- c) **Merchandising:** ação de promover, que usa a comunicação de marketing no ponto de venda e em espaços editoriais, mídia impressa e outros para reforçar a mensagem publicitária feitas anteriormente, em outras palavras, conjunto de operações táticas efetuadas no ponto de venda, para colocar no mercado o produto ou serviço certo, no lugar certo, na quantidade certa, no preço certo, no tempo certo, com um impacto visual adequado e na exposição correta. Existem diversas razões que tornam o Merchandising muito importante, uma delas é como destacar o produto entre tantos em exposição no ponto de venda ou simplesmente como girar rapidamente os estoques do produto no ponto de venda e outros;
- d) **Promoção de vendas:** qualquer atividade que estimula as vendas, do tipo não pessoal, mas que freqüentemente inclui a propaganda, em sua maioria em curto prazo, que visa estimular a compra mais rápida ou maior volume de produtos/serviços específicos por consumidores ou comerciantes. É importante destacar que para aumentar o nível de vendas, a promoção deve proporcionar ao consumidor um benefício concreto, sensibilizando-o naquele momento, portanto não se deve prolongar uma campanha por muito tempo;

- e) **Venda pessoal:** ação de promover por meio de comunicação direta com uma audiência qualificada de clientes, sendo o vendedor a fonte de transmissão e recepção de mensagens;
- f) **Incentivos:** ações realizadas para promover, estes são utilizados para motivar o público interno (empregados) a cumprirem determinados objetivos definidos pela empresa;
- g) **Atmosfera:** ambiente calculado que cria ou reforça as inclinações dos compradores em relação à compra de um produto, o espaço físico de uma empresa é uma poderosa fonte pagadora de imagem.

4 PROMOÇÃO EM UNIDADES DE INFORMAÇÃO

Na sociedade dos nossos dias, denominada era da informação, as chamadas unidades de informação adaptaram-se aos novos modelos de se ter acesso à informação, mantendo uma relação cada vez maior de aproximação com seu público, pois são estes que legitimam e apoiam com informação as suas ações. Neste contexto, é preciso reconhecer que as unidades de informação e os profissionais que nelas atuam estão inseridos no negócio da informação. Este tipo de negócio exige que sejam observadas características típicas da informação, e dos produtos e serviços oferecidos.

Por isso, tornou-se necessário se fazer uso do marketing da informação, onde recomenda e enfatiza a importância do usuário como cliente consumidor de informação e a adequação da oferta dos produtos e serviços de informação aos interesses e necessidades desses usuários.

Sendo assim, considera-se de extrema importância o uso das estratégias do marketing. Neste contexto, deve-se ter em mente os chamados 4Ps do Marketing: Produto (posicionamento), Preço, Praça (Canais de Distribuição) e Promoção.

No entanto apesar das diversas atividades desempenhadas na gestão mercadológica, para Amaral (2008, p. 31) "a parte mais visível do marketing é a promoção". A promoção é um estímulo ao marketing utilizado para gerar demanda do produto ou serviço e tem como principal papel a comunicação persuasiva. O propósito da promoção é poder dizer ao público que você tem aquele produto ou serviço que satisfaz a demanda do consumidor e fazer conhecer e efetivar o uso ou adoção dos mesmos.

Segundo Guinchat e Menou (1994, p. 458), para atrair usuários, as unidades de informação utilizam a promoção, que é um conjunto de atividades, que têm os seguintes objetivos: tornar a unidade de informação, seus produtos e serviços conhecidos por seus usuários; fazer com que os usuários compreendam como utilizar os produtos e serviços e quais são as vantagens ao utilizá-los; manter os usuários informados sobre a unidade, visando conhecer suas reações.

A Promoção é o quarto elemento do composto de marketing e possui as mesmas atividades promocionais da área da administração, onde são citadas por Kotler (1978, p. 211):

- a) **A propaganda:** qualquer forma paga de apresentação pessoal e de promoção de idéias, bens ou serviços por um patrocinador identificado;
- b) **A publicidade:** incentivo pessoal para aumentar a demanda por um produto ou serviço, pela colocação de notícias comercialmente significativas em um meio impresso, ou pela obtenção de apresentação favorável, sobre ele, nos demais veículos de comunicação, sem que nada seja pago pelo patrocinador;
- c) **Contato pessoal:** é o contato dos representantes de campo de uma organização com o seu público-alvo. É função de vendas, mas no sentido de oferecer benefícios para realizar trocas desejadas;
- d) **Incentivos:** artigos de algum valor financeiro, acrescentados Incentivos – artigos de algum valor financeiro.

acrescentados a uma oferta, para encorajar alguma reação manifesta de comportamento (brindes);

- e) **Atmosferas:** esforços para projetar o local de compra ou consumo, através de uma forma calculada, para criar efeitos cognitivos e/ou emocionais específicos nos compradores.

A promoção é um dos elementos do composto de marketing, composto mercadológico, marketing mix, ou composto promocional, abrangendo todas as atividades que divulgam a organização, sua oferta de produtos e serviços, prestando ao mercado as informações necessárias sobre sua existência e sobre os benefícios que podem ser esperados do uso desses produtos e serviços, sugerindo ao mercado este uso.

Portanto, todos esses instrumentos da promoção são importantes para o cumprimento da missão e objetivos das unidades de informação: democratizar a informação e o conhecimento que compõe seu acervo; construir conhecimento e promover a cidadania por meio do acesso à informação; atrair, cada vez mais pessoas e atendê-las de maneira ágil, segura, digna e respeitosa.

4.1 Promoção da leitura

A Biblioteca Escolar para exercer o seu papel de centro de informação, necessita do livro e da promoção da leitura para atingir seu objetivo de facilitador da aprendizagem do seu público leitor, pois para estimular a sua formação, não basta apenas facilitar o acesso ao livro, já que por si só não estimula a leitura.

Segundo Strehl ([20--?], p. 9)

O bibliotecário trabalha com o mais poderoso instrumento de desenvolvimento das potencialidades humanas: a *Leitura*. Se dentro da Biblioteca não são desenvolvidos trabalhos que proporcionem a promoção da leitura, toda a atividade bibliotecária passa a ser questionada.

Por isso, é importante a presença de um bibliotecário capaz de atuar como agente mediador, com experiência didática e criativa e que esteja preparado para realizar atividades voltadas para a promoção da leitura, como a hora do conto, que inclui dramatização, jogos, desenhos ilustrativos ao tema da história, confecção de livro, técnicas de modelagem, tendo por objetivo formar indivíduos para aprendizagem permanente, além de estimular a criatividade e comunicação, pois uma Biblioteca repleta de atividades de promoção da leitura leva a motivação do usuário para aprender a gostar de ler e se interessar cada vez mais pela leitura e pelo livro.

Para Costa e Hillesheim ([20--?], p. 3)

A Hora do Conto, além de incentivar as crianças ao gosto e ao hábito de ler amplia os horizontes da leitura, tornando a criança consciente da infinidade de livros de diversos temas, gêneros e estilo, capazes de satisfazer suas necessidades individuais e seu gosto.

As atividades de promoção da leitura em bibliotecas escolares despertam o gosto por livro e o hábito de ler, além de contribuir para desenvolver potencialidades, estimular a curiosidade e amplia horizontes.

A promoção da leitura não é apenas uma atividade realizada por Bibliotecas Escolares, mas também por Bibliotecas Públicas, Universitárias e Especializadas, visto que promovem o espaço para a leitura, pois disponibilizar salas e cabines individuais de estudo e leitura, empréstimos domiciliares, entre outros, com o objetivo de tornar seus serviços conhecidos. Assim, qualquer que seja o tipo de biblioteca, ela só passa a atuar como agente transformador ou como sistema de informação, quando realiza atividades de promoção da leitura e serviços de acordo com os pedidos dos usuários. Nesse sentido, o bibliotecário também deve procurar atitudes que busquem além da formação de leitores a retirada dos

obstáculos que barram a promoção da leitura, para que o usuário efetivamente aprenda a gostar de ler.

4.2 Marketing profissional: instrumento de promoção profissional do bibliotecário

O marketing profissional é um instrumento de promoção profissional que vem ganhando espaço na atuação dos bibliotecários, contribuindo para o seu crescimento pessoal e profissional.

Segundo Lima e Silva (2007, p. 2)

Para se destacar no mercado de trabalho é preciso identificar os seus pontos fortes e empenhar-se em fortalecê-los ainda mais. Os talentos identificados, desenvolvidos e construídos tendem a aumentar em valor à medida que se adquire mais experiência. É importante saber trabalhar em equipe, valorizar os que contribuem para o sucesso do seu trabalho e fundamentalmente manter-se atualizado com os aspectos culturais e sociais para o desenvolvimento da carreira em longo prazo. O profissional bibliotecário precisa desenvolver um perfil que explore suas habilidades, mas também, e sobretudo, criar e consolidar uma imagem positiva para o mercado, sendo reconhecida por ela.

Neste sentido, a promoção de ações de marketing profissional proporcionará uma imagem positiva e atrativa para profissionais da informação, pois cada vez mais há a exigência de produtividade, qualidade, resposta rápida ao cliente/ usuário, visto que a mudança que se têm registrado nos modelos de administração e organização do trabalho vem gerando a necessidade de competências como autonomia, responsabilidade e capacidade de trabalhar em grupo; capacidade de programar o próprio trabalho, etc.

A utilização da promoção de ações do marketing profissional permitirá aos bibliotecários ferramentas para sua entrada e permanência no mercado de trabalho e, conseqüente valorização do profissional e da profissão.

5 PROCESSO DE PROMOÇÃO EM UNIDADES DE INFORMAÇÃO

Toda promoção tem por base a comunicação, onde segundo o Portal do Grupo de Pesquisa em Marketing da Informação ([200-?]),

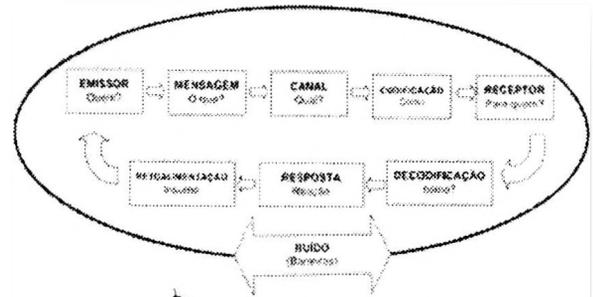
A promoção é o elemento do composto mercadológico que cuida da comunicação, prestando informações aos clientes potenciais e atuais sobre a existência de produtos, de modo a persuadi-los no sentido de que percebam que estes produtos possuem os atributos para satisfazer suas necessidades e desejos.

Partindo deste pressuposto, o processo de promover poderá ser considerado como o processo de promoção/comunicação de informação e tomará para si as etapas do processo de comunicação. Sendo elas, para o Portal do Grupo de Pesquisa em Marketing da Informação ([200-?]):

- a) **emissor:** Quem promove? O emissor é aquele que dá a idéia e quem gera a comunicação. É a definição da identidade da organização a quem cabe a responsabilidade pela promoção da informação. No processo de promoção/comunicação em unidades de informação, a própria unidade de informação é o emissor;
- b) **mensagem:** O que o emissor promove? Refere-se ao estilo e forma de redação que o emissor utiliza para elaborar a mensagem que será transmitida. Nessa etapa, é preciso saber o que dizer e escolher o veículo e a forma adequados;
- c) **canal ou mídia:** Quais os canais de comunicação a serem utilizados na promoção da informação? O enfoque

será voltado para a escolha do canal de comunicação dos produtos e serviços, por meio do qual a mensagem passa do emissor ao receptor, de acordo com a estratégia e tática de promoção adotada pela organização.

- d) **codificação:** Como o emissor promove? É a forma como o emissor entende o próprio processo de promoção em si, isto é, como será considerada a ação de promover;
- e) **receptor:** Para quem o emissor promove? O receptor é a parte que recebe a mensagem emitida pelo emissor. Aquele a quem a mensagem é destinada. Refere-se à população que a promoção da informação se destina;
- f) **decodificação:** Como é entendida a promoção da informação pelo receptor? A decodificação é o processo pelo qual o receptor confere como é entendida pelo receptor a mensagem enviada, portanto devem ser estudados os aspectos afetivos e comportamentais dos os receptores;
- g) **resposta:** É a reação do receptor após ter sido exposto à mensagem. A organização precisa prestar atenção e observar a resposta do receptor e deve estimular esta resposta, mantendo relacionamento com sua clientela;
- h) **feedback:** Refere-se à resposta do receptor que deve retornar ao emissor para ser analisada. Os resultados desta análise específica devem considerar todo tipo de informação resultante de uma avaliação do processo como um todo que possa ser usado como insumo de realimentação do próprio processo de promoção/comunicação da informação;
- i) **ruido:** refere-se às diversas barreiras que poderão ou não ser enfrentadas na durante a realização do processo de promoção da informação.



Fonte: <http://prossiga.ibict.br/marketing/htmls/bvmarketingoquee.htm>

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto, percebeu-se que a promoção é uma ferramenta de marketing de grande relevância para organizações, pois proporciona de forma eficiente a manutenção do seu consumidor ou leitor. Além disso, a promoção atribui um diferencial às empresas ou bibliotecas, fazendo com que apareçam, destacando-se da concorrência. E quem se destaca tem a oportunidade de realizar os melhores negócios ao constituir um sentimento próximo com os consumidores e usuários.

O estudo sobre promoção foi satisfatório na medida em que ampliou o conhecimento sobre o assunto e despertou para a sua utilização como um dos instrumentos de grande importância para garantir a sobrevivência das organizações.

THE PROMOTION OF THE MADE UP OF MARKETING
IN COMPANIES AND UNITS OF INFORMATION

ABSTRACT

It approaches the promotion for companies and units of information. It appraises promotion as being a strategy to raise the status of a company, individual, products and services, being told its importance in the guarantee of the survival of the organizations. It detaches its objectives, having as main to convince the using customer/to use or to acquire what it is promoted. It shows some used types of promotion for companies who work with the most varied types of products or services. It describes the marketing activity and techniques as public relations, propaganda, Merchandising, promotion of sales, personal sales, incentives and atmosphere, to carry through the action to promote. It emphasizes the promotion in unit of information with the objective to promote the offered services and products, carried through through the promotion of the reading and the professional marketing to improve the performance of the units of information and its professionals. It presents the promotion process, taking for base the communication of the information in the units of information.

keywords: Promotion, Marketing, Companies, Units of Information, Communication of the information.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Sueli Angélica. Marketing da informação: entre a promoção e a comunicação integrada de marketing. *Inf. & Soc.*, João Pessoa, v. 18, n. 1, p. 31-44, jan./abr. 2008. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/1636/1637>>. Acesso em: 18 abr. 2008.

BERNARDEZ, Gustavo. Dicas de promoção de vendas para empresa. In: _____. **Marketing para pequenas empresas**: dicas para a sobrevivência e crescimento do seu negócio. Blumenau: Impressão Nova Letra, 2005.

COBRA, Marcos Henrique Nogueira. **Marketing básico**: uma perspectiva brasileira. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

COSTA, Alcione Luiz da; HILLESHEIM, Araci Isaltina de Andrade. **Atividades de incentivo a leitura na escola básica padre João Alfredo Rohr**. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/extensio/article/viewPDFInterstitial/1083/840>>. Acesso em: 18 abr. 2008.

FELIPPE JÚNIOR, Bernardo de. **Promoção de vendas**: o que é e como utilizar. Brasília: SEBRAE, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar**: o minidicionário da língua portuguesa. 4. ed. ver. ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

KOTLER, Philip. **Administração em marketing**: análise, planejamento, implementação e controle. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1998.

_____. **Marketing para organizações que não visam o lucro**. São Paulo: Atlas, 1978.

LIMA, Sueli Pedrosa da Silva; SILVA, Alzira Karla Araújo da. O bibliotecário e o marketing pessoal na biblioteca do Unipê: instrumento de promoção profissional no mercado de Trabalho **Biblionline**. João Pessoa, v. 3, n. 1, 2007. Disponível em: <<http://www.unipe.br/biblioteca/>>. Acesso em: 26 abr. 2008.

PORTAL do grupo de pesquisa em marketing de informação. Marketing da informação. **IBICT/PROSSIGA**. Brasília, DF, 200-?. Disponível em: <<http://prossiga.ibict.br/marketing/htmls/bvmarketingoquee.htm>>. Acesso em: 26 abr. 2008.

STREHL, Leticia. **O bibliotecário e a promoção da leitura no contexto social brasileiro**. Disponível em: <http://chasqueweb.ufrgs.br/~leticiastrahl/promocao_leitura.pdf>. Acesso em: 2 maio 2008.

ASPECTOS COGNITIVOS DA LEITURA E DO LEITOR

Elcilene Fonseca Costa[™]
 Marrhiette Martins Sousa[™]
 Nádia Maria dos Santos Moreira[™]
 Nayara Costa Pinheiro[™]
 Soraya Vieira de Albuquerque[™]

RESUMO

Aborda-se a leitura como um ato em que envolve vários aspectos cognitivos, a exemplo da percepção e memória, atividades em que o leitor se engaja para construir o sentido do texto. Apresenta a leitura como um ato social, devido à interação entre autor e o leitor por objetivos socialmente determinados. Discorre sobre as concepções e tipologias que se tem de leitura na sociedade em que estamos inseridas que se caracteriza pela busca de informação e conhecimento.

Palavras-chave: Leitura. Aspectos Cognitivos. Leitor. Texto.

1 INTRODUÇÃO

A leitura constitui-se num processo de compreensão de um texto. E isso é possível quando há um a interação entre os elementos do texto e o conhecimento do leitor, proporcionando assim êxito na leitura. Desse modo, Kriegl (2002, p. 2) diz que:

A leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto; nesse processo tenta-se satisfazer (obter uma informação pertinente para) os objetivos que guiam a leitura, isto é, o leitor constrói o significado do texto. [...] envolve a presen-

* Artigo apresentado à disciplina Leitura e Formação de Leitores do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão.

** Alunas do 8º período do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão.

ça de um leitor ativo que processa e examina o texto. [...] Implica que sempre deva existir um objetivo para guiar a leitura; em outras palavras, sempre lemos para algo, para alcançar alguma finalidade.

Nessa perspectiva, os textos possuem propósitos diferentes para cada leitor e por isso tornam-se distintos, no que se refere à possibilidade e os limites para transmissão da informação escrita. Dessa maneira, a leitura de um texto apresenta-se sob muitos aspectos e dentre estes se tem o sócio-cultural e o cognitivo.

Com isso o estudo tem o intuito de abordar a leitura sob o aspecto cognitivo, procurando desvendar os processos cognitivos que permeiam esta habilidade e objetiva a apreender a abordagem referida. Para alcançar a temática proposta o referencial teórico adotado pertence à literatura dos seguintes autores: Freire (2006), Andrade (2002), Silva (1987), Kriegl (2002) dentre outros que foram imprescindíveis à pesquisa bibliográfica e documental.

Mediante o processo que envolve a leitura de forma hábil, o estudo apresenta os seguintes pontos:

- 1) A leitura no contexto social, enfatizando concepções de leitura e os tipos de leitura;
- 2) Processo cognitivo, envolvendo aspectos da percepção e da memória;
- 3) E os aspectos cognitivos da leitura, mostrando a relação existente entre o sujeito leitor e o texto com objeto.

Portanto pretende-se contribuir com os demais estudos que fazem essa relação entre a leitura e a cognição que busca como propósito o processamento da informação.

2 A LEITURA NO CONTEXTO SOCIAL

Segundo Pretti (apud ASSOCIAÇÃO FRANCISCANA DA DIVINA PROVIDÊNCIA, 2008) "a língua é o suporte de uma dinâmica social, ou seja, é o principal código utilizado pelo homem em sua vida social".

Na Sociedade da Informação em que estamos inseridos deve-se construir uma sociedade letrada, em não se lê e se escreve apenas, mas principalmente se fala. A valorização social de uma pessoa, atualmente, está intimamente ligada ao seu desempenho na escrita, mas também ao requisito oralidade, pois apresenta fins de comunicação.

É de fundamental importância fazer a prática de leitura no contexto social para que cada indivíduo realize o exercício da cidadania, já que este processo proporciona ao leitor entender, refletir e atuar sobre a realidade em que está inserido. Desta forma, amplia-se o nível informativo e o gosto pela leitura.

Então, a leitura passa a ter um papel efetivo nessa questão, pois ao adquirir a prática de ler textos variados, desde simples revistas em quadrinhos, o jornal cotidiano ou um conto de Machado de Assis, você passa de um simples "leitor-observador" para um "leitor-conhecedor". E isso ajudará muito no que diz respeito ao seu conhecimento oral e escrito, pois a leitura não só dá "asas à imaginação", ela faz você interagir socialmente, ativando os seus mais variados conhecimentos, desde o cultural ao lingüístico. (ASSOCIAÇÃO FRANCISCANA DA DIVINA PROVIDÊNCIA, 2008)

Portanto a leitura é um ato social, pois, há a interação entre um indivíduo e o objeto (texto); constituindo-se então numa forma de comunicação humana entre os indivíduos da sociedade em que cada um de nós está inserido.

2.1 Concepções de leitura

Antes, a concepção de leitura tinha como idéia existente o ato de pronunciar em alta voz as letras registradas no papel, porém definições mais recentes descrevem que "[...] ler não é apenas passar os olhos por algo escrito, não é fazer a versão oral de um escrito." (FOUCAMBERT, 1994, p. 5). A leitura proporciona conhecimento e compreensão de uma realidade social indo além da idéia de codificar símbolos, e por meio dela que o indivíduo desenvolve uma visão crítica da realidade na qual está inserido. Varias são as concepções de leitura, tais como:

Freire (2006, p. 20) relata que "a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquela". Este enfatiza a leitura do mundo como a primeira leitura do ser humano, que acontece desde o início de sua vida. Aborda que a leitura do registro escrito possibilita a seqüência do que foi compreendido do mundo que é a compreensão do carinho da mãe pelo filho, do aconchego da cama, da luz do sol que fornece calor durante o dia e das estrelas brilha à noite. Isso é compreender o mundo, é a compreensão do contexto em que a pessoa esta inserida. Este entendimento do contexto vem antes da decodificação das palavras.

Silva (1987, p. 45) "Ler é, em última instância, não so uma ponte para a tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo". Nesta definição foi apresentado que é através da leitura que se adquire compreensão de si mesmo e do escrito.

Na visão de Foucambert (1994, p. 5) "Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa que integra partes das novas informações ao que já se é". Nesta concepção o autor procura destacar que as inquietações dos indivíduos podem

No entanto, para que tudo isso aconteça, o leitor precisa manter certo posicionamento crítico sobre o que lê, transportando para dentro dele toda sua vivência pessoal, suas emoções, expectativas, só desse modo o leitor consegue ser tocado pela leitura, mergulhando no texto e se confundindo com ele.

2.3 Tipos de leitura

A leitura como parte integrante do processo cognitivo, possibilita ao leitor tratar o texto como um objeto completamente determinado, a leitura consiste na análise e decodificação desse objeto, em que o leitor prioriza o processamento gráfico, centrando sua atenção unicamente no texto, sendo a leitura vista aqui como um processo preciso, detalhado e passivo.

Para Sponholz, Gerber e Volker (2006, p. 4) "[...] a leitura como processo cognitivo implica considerar que, para ler, fazemos e testamos hipóteses sobre o conteúdo de um texto, ou seja, fazemos antecipações a respeito do conteúdo do mesmo".

A leitura é o veículo que possibilita ao leitor conhecer, compreender e interpretar as relações entre texto e contexto, a fim de entender a realidade na qual está inserido, como o objetivo de transformá-la e adequá-la às suas necessidades vitais. Todavia, partimos do princípio de que existem invariantes comuns a todos os tipos de leitura e leitor. Segundo Bento ([200-?], p. 1):

[...] a leitura constitui um processo adaptativo e flexível, variando com a espécie de texto e os objetivos do leitor, não cabendo, por isso, num único modelo teórico. Se não existe apenas um processo de leitura, também não pode existir apenas um modelo de leitura.

Vejamos alguns modelos e tipos de leitura segundo Manosso ([200-?]).

A leitura decifratória é aquela em que a atenção e o esforço do leitor se dissipam principalmente na decifração. É típica de indivíduos que estão se familiarizando com o código como os que estão sendo alfabetizados ou aprendendo uma segunda língua.

A leitura automática é aquela em que se emprega pequeno esforço na decifração. Supõe leitor qualificado e texto otimizado para a leitura.

A leitura vocal e pode ir de sua forma mais apurada à recitação com esmeros de entoação e até o murmúrio entre dentes. A leitura mental pode simular uma recitação a plena voz ou se afastar disso rumo a uma leitura mais rápida que foge da entoação.

A leitura fonológica, praticada tanto verbal como mentalmente, é a tradução de um código visual para um código acústico. O signo visual é convertido em fonema, palavra, frase.

[...] A leitura ideográfica é típica do leitor qualificado, que a pratica associada à leitura fonológica tendendo mais para uma ou para outra dependendo da situação. Na leitura ideográfica a tendência é de velocidades de leitura maiores.

A leitura integral e seletiva é feita palavra por palavra, linha a linha, sem qualquer pretensão. Contrariamente, na leitura seletiva o leitor tem objetivos previamente estabelecidos, como encontrar palavras-chave e elementos de seu interesse. Após a busca ele realiza a leitura integral.

A leitura não consiste na análise visual de todos os elementos gráficos que figuram na página impressa. O leitor não lê, portanto, decifrando grafema por grafema. Para Bento ([200-?], p. 18) a leitura é ideovisual e que o leitor recorre a decifração em situações em que não consegue ler normalmente. Nesse caso, ele próprio se apercebe de que o ato de leitura se degradou.

Existe ainda segundo Pedraisi (2008), a leitura decodificadora, parafrástica e polissêmica.

LEITURA DECODIFICADORA

É aquela que, como o nome já exprime, consiste, basicamente, em "ler por ler", ou seja: ter a capacidade de, juntando as letras, formar ou "descobrir" a(s) palavra(s) formada(s); as palavras formarem frases; frases formarem parágrafo [...], sem objetivos interpretativos maiores. [...]

LEITURA PARAFRÁSTICA

É aquela em que o leitor já é capaz de detectar, no texto, as informações básicas e explícitas, necessárias para habilitá-lo a responder questões objetivas a respeito. [...]

LEITURA POLISSÊMICA

É aquela praticada por aqueles que já têm uma significativa "bagagem cognitiva diversificada", o que o credencia a, no texto, entrever, além das informações explícitas, as implícitas; capaz de levantar questionamentos sobre a forma de abordagem do autor; capaz de ver a possibilidade de múltiplas interpretações a respeito do texto; capaz, numa postura crítica, de perceber até contradições do autor, seja no seqüenciamento lógico e coerente dos fatos [...].

Pode-se perceber que a leitura apresenta várias tipologias e que os leitores demonstram no ato de ler a essência e as características das mesmas.

3 O PROCESSO COGNITIVO

O processo cognitivo refere-se a "relação existente entre o sujeito e o leitor e o texto enquanto objeto, entre linguagem escrita e compreensão, memória, inferência e pensamento." (KLEIMAN, 2007, p.31).

O referido processo cognitivo está envolvido na realização de todo processamento e compreensão das informações que fica armazenada na memória, é considerado um processo intelectual e pedagógico que se inicia no momento da apreensão do objeto (texto) através dos olhos que transmitem as informações ao cérebro que é quem controla todo o processamento das informações, e na memória e processado e decodificado o objeto havendo a construção do sentido.

No processo de aprendizagem intelectual é imprescindível levar em consideração alguns fatores cognitivos tais como: percepção, raciocínio e memória no qual serão abordados posteriormente.

Segundo Campos (2000, p. 36) percepção "é a forma pela qual um indivíduo interpreta os estímulos do meio ambiente, usando sua experiência, suas vivências anteriores e suas necessidades presentes, constitui um ato de perceber um objeto". O funcionamento dos órgãos dos sentidos e a atividade mental são fundamentais à percepção.

[...] qualquer interpretação dada aos estímulos sensoriais, por quem percebe é determinada por:

- a) Sua experiência anterior
- b) Seu interesse pelos estímulos, no momento, ou seja: sua motivação.
- c) Sensibilidade dos órgãos do sentido para aqueles estímulos particulares
- d) Pela integração, ou organização, do que ocorre. (CAMPOS, 2000, p. 36)

A percepção por meio da estimulação dos órgãos do sentido propicia aquisição de conhecimento organizada sob forma de conceitos, ou seja, é a consciência da sensação, abrangendo o significado e interpretação, que acompanha a experiência associada ao processo iniciado pelo estímulo.

Em relação a memória pode-se dizer que auxilia para o funcionamento do raciocínio estão interligados no processo de aquisição de conhecimento, ou seja, atuam conjuntamente. De acordo com Campos (2000, p. 40) "a memória faz com que aquilo que está sendo aprendido seja caracterizado, retido e depois lembrado pelo indivíduo, isto é, evocado ou reconhecido quando aparece no campo da consciência do indivíduo". Um indivíduo não tem a capacidade de compreender uma determinada situação, caso não tenha retido e chamado uma série de perceptos e imagens em momentos anteriores, mas é válido ressaltar que também este processo de evocação está subordinado à fatores emocionais em que os indivíduos estão inseridos.

3.1 Aspectos cognitivos da leitura

Os processos que envolvem a compreensão e produção da linguagem escrita são estudados pela área de psicologia cognitiva, a qual apresenta aspectos cognitivos distintos, pois os processos mentais têm como função permitir que o leitor identifique, compreenda e pronuncie as palavras descritas no texto.

Diante disso, Sailes e Parente (2002) ressaltam que:

[...] Em síntese a compreensão textual inclui vários processos cognitivos interrelacionados. Entre eles, os processos básicos da leitura, como o reconhecimento e extração das palavras impressas são requisitos necessários, mas não suficientes. Uma compreensão contextual bem sucedida exige processos cognitivos de alto nível, como capacidades de realizar inferências, habilidades de memória, conhecimento de mundo, que juntos contribuem para a construção macroestrutural do texto.

É nesse cenário que se encontra inserido os aspectos cognitivos da leitura.

Para Kleiman (1989, apud PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATOLICA DO RIO DE JANEIRO, [200-?]):

Uma vez que o leitor conseguir formular hipótese de leitura independentemente, utilizando tanto seu conhecimento prévio como os elementos formais mais visíveis de alto grau de formalidade, como título, subtítulos, datas, fontes, ilustrações, a leitura passará a ter esse caráter de verificação de hipótese para confirmação ou refutação e revisão.

O Processo de compreensão do texto em muitos casos procede ser uma tarefa difícil, uma vez que o próprio objeto em questão a ser compreendido é complexo. Este processo envolve a compreensão de frases e sentenças, de provas formais e informais, de argumentos, de objetivos, de intenções e em muitos casos de ações e motivações. Além disso:

[...] A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimentos prévios, ou seja, o leitor utiliza na leitura, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. Pode-se dizer também que sem o engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão. (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATOLICA DO RIO DE JANEIRO, [200-?]).

Durante esse processo de apreensão e compreensão o leitor faz uso de algumas estratégias de leitura - o conhecimento lingüístico, o conhecimento textual e o conhecimento de mundo são vitais a esse processo, cabendo ao leitor ativá-los durante a leitura afim de que o mesmo chegue ao momento da compreensão (momento esse em que as partes descritas se juntam para criar um significado).

No processamento do texto o conhecimento linguístico que diz respeito ao conhecimento sobre como pronunciar as palavras de uma língua, conhecimento de vocabulário e regras gramaticais e o conhecimento de uso da língua é de fundamental importância sendo este indispensável.

Esse processamento pode ser entendido como:

[...] aquelas atividades pelas quais as palavras, ou seja, unidades discretas e distintas são agrupadas em unidades ou falhas maiores, também significativas, chamadas constituintes das frases. À medida que as palavras são percebidas, a nossa mente está ativa, ocupada em construir significados, e um dos primeiros passos nessa atividade é o agrupamento destas palavras em frases com base no conhecimento gramatical de constituintes. (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, [200-?])

Portanto os aspectos cognitivos no processo de leitura podem ser verificados em atividade de pré-leitura a qual é realizada com o propósito de ativar o conhecimento que o leitor já tem do assunto abordado, e de pós-leitura que é um processo utilizado para verificar se o leitor tem a capacidade de organizar as principais ideias do texto e obter a compreensão do texto.

3.2 Aspectos cognitivos do leitor

No processo de leitura, o leitor tem como exercício constante o confronto e o controle consciente de compreensão, que está interligado as funções de: revisar, indagar e corrigir de modo consciente a leitura realizada.

Nessa perspectiva, é necessário que o leitor estabeleça objetivos no momento que desenvolve o processo de leitura, pois essa ação contribui para a compreensão e formulação de hipóteses. Dessa forma:

[...] O leitor ativo realmente engajado no processo, elabora hipóteses à medida que ele lê o texto. As hipóteses do leitor fazem com que certos aspectos do processo de leitura, essenciais à compreensão, se tornem possíveis tais como o reconhecimento global e instantâneo das palavras e frases relacionadas aos tópicos [...]. (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, [200-?]).

Assim, o indivíduo tem como intuito da leitura, verificar as hipóteses destacadas no momento da leitura e utilizar como ferramenta as estratégias metacognitivas de monitoração para atingir os objetivos traçados. E segundo Kleiman (apud PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, [200-?]) “[...] é uma atividade que pode começar com um jogo de adivinhação dirigido por um adulto pode ser, de fato, o ponto de partida para o desenvolvimento de estratégias metacognitivas do leitor [...]”.

Dessa forma, percebe-se que a interação entre o autor e o leitor se estabelece através do texto e nesse percurso ele tem a ação espontânea de construir, procurar pistas, formular e reformular hipóteses, aceitar ou rejeitar o ponto de vista do autor, seguindo para o nível de desprendimento do tema e assim estimula seu conhecimento prévio. E quando este testa as hipóteses estipuladas, enriquece e refina o conhecimento.

Com isso, observa-se que as estratégias metacognitivas são úteis à compreensão do texto, e encontram-se no ato de estabelecerem objetivos e formular hipóteses e essas estratégias tem como pressuposto a reflexão e controle consciente do conhecimento. Dessa maneira, Kleiman (apud UNIVERSIDADE PONTIFÍCIA CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, [200-?]) afirma que: “[...] Elas se opõem aos automatismos e mecanismos típicos do passar dos olhos que muitas vezes é lido como leitura na escola”. E assim os aspectos cognitivos do leitor propiciam o entendimento, aprimoramento e desenvolvimento do mesmo no momento da leitura.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura encontra-se no âmbito do desenvolvimento pessoal e social do indivíduo e por meio da mesma amplia-se a percepção para além das fronteiras da experiência. Desse modo, pretendeu-se demonstrar que a leitura não é uma

atividade mecânica e sim uma atividade de construção e empenho do indivíduo, tendo como foco compreender e alcançar os objetivos idealizados antes propriamente da escolha do texto ou do próprio ato de ler.

Para isso, fez necessário ressaltar as concepções de leitura na visão de autores renomados na área da leitura, e assim proporcionar o entendimento desse processo e desenvolver com afinco o estudo. Percebe-se que em meio às concepções descritas está inserido o aspecto social da leitura, mostrando e afirmando que a mesma não é realizada mecanicamente e é necessário que o leitor estabeleça um vínculo perceptível ao valor e utilidade da leitura que na função de instrumento assegura o ato de ler e detem íntima relação com a aprendizagem.

Nessa perspectiva, estabeleceu-se a leitura sob os aspectos da descoberta, do significado, da emoção e do prazer que o ato de ler proporciona, sendo que estes aspectos encontram-se vinculados a essência da contextualização do estudo. Também nesse contexto, foi apresentado os tipos de leitura como ponto determinante na escolha e comportamento do indivíduo. Tendo em vista que o estudo teve como propósito abordar os aspectos cognitivos da leitura, ressaltou-se o processamento cognitivo que possui relação com os aspectos psicológicos e inicia com a apresentação do objeto aos olhos, tendo o objetivo a interpretação da leitura realizada.

Portanto, diante do processamento cognitivo, pode-se entender os aspectos cognitivos da leitura que se constituem em aspectos que proporcionam a relação entre o leitor (sujeito) e o texto (objeto) e também a escrita e o ato de compreender, memorizar, inferir e pensar, cujo objetivo essencial é adquirir conhecimento. Diante disso, pode-se também perceber que os aspectos cognitivos da leitura encontram-se inseridos no conhecimento desenvolvido pelo indivíduo, mostrando que os aspectos psicológicos são relevantes e interferem no processo de leitura do indivíduo.

COGNITIVOS ASPECTS OF READING AND READER

ABSTRACT

It addresses itself to reading as an act in which involves various cognitive aspects such as perception, memory, which are the activities in which engages the reader is to build a sense of the text. It presents the reading as a social act, due to the interaction between author and reader for goals socially determined. The article also addresses the various designs and types of reading that has, moreover, talks about the importance of reading in society in which we are inserted, which is characterized by the search for information, knowledge.

Keywords: Cognitive Aspects, Reading, Reader, Text.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de; KRIEGL, Maria de Lurdes de Souza. Leitura: um desafio sempre atual. **Revista PE**, Bom Jesus, 2002. Disponível em: <[http://www.bomjesus.br/publicacoes/pdf/revista PE/ leitura um desafio sempre atual. pdf](http://www.bomjesus.br/publicacoes/pdf/revista%20PE/leitura%20um%20desafio%20sempre%20atual.pdf)>. Acesso em: 5 jun. 2008.

ASSOCIAÇÃO FRANCISCANA DA DIVINA PROVIDÊNCIA. **O papel social da leitura na escrita e na oralidade** [s. l.], 2008. Disponível em: <http://www.colegiosantamaria.com.br/santamaria/aprendamais/artigos/ver.asp?artigo_id=20>. Acesso em: 5 jul. 2008.

BENTO, Joaquim R. **O processo da leitura** [s. l., 200-?]. Disponível em: <http://www.ipv.pt/millennium/arq4_bnt1.htm>. Acesso em: 28 jun. 2006.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. **Produtos da aprendizagem: aprendizagem cognitiva**. Fortaleza: UVA, 2000. Separata de: SANTOS, Maria C. A. (Org.) **Psicologia da aprendizagem**. Fortaleza da Aprendizagem. Fortaleza: UVA, 2000, p. 33-43.

CAROLINA, Maria. **A importância da leitura**. [s. l., 200-?]. Disponível em: <<http://colegiosantamaria.com.br/santamaria/aprenda-mais/artigos/ver.asp?Artigo.id=2>>. Acesso em: 5 jun. 2008.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 48. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

KLEIMAN, Ângela. Como lemos: uma concepção não escolar do processo. In: _____, **Oficina de leitura: teoria e prática**. 11. ed. São Paulo: Pontes, 2007.

KRIEGL, Maria de Lurdes de Souza. Leitura – um desafio sempre atual. **Revista Psicologia Educação Cultural**, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 1-12, jul. 2002. Disponível em: <www.bomjesus.br/publicacoes/pdf/revista_PEC/leitura_um_desafio_sempre_atual.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2008.

MANOSSO, Radames. **Elementos de retórica**: categorias: legibilidade. [s. l., 200-?]. Disponível em: <<http://www.radames.manosso.nom.br/retorica/legibilidade.htm>>. Acesso em: 45 set. 2008.

PEDRALIS. **Decodificadora, parafrástica e polissêmica... qual destes tipos de leitura você pratica?** In: Recanto das Letras. [s. l.], 2008. Disponível em: <<http://recantodasletras.uol.com.br/teorialiteraria/1020537>>. Acesso em: 15 set. 2008.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO. **Concepções de leitura**. Rio de Janeiro, [200-?]. Disponível em: <www2.dbd.pucrio.br/pergamum/tesesabertas/5000056752_03_cap_02%20.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2008.

SALLES, Jerusa Fumagalli de; PARENTE, Maria Alice de Mattos Pimenta. Processos cognitivos na leitura de palavras em crianças: relações com compreensão e tempo de leitura. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 321-331, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v15n2/14356.pdf>>. Acesso em: 4 jul. 2008.

SILVA, Ezequiel Teodora da. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1987.

SPONHOLZ, Iria; GERBER, Regina Márcia; VOLKER, Taciara Bylaardt. Propósito de leitura e tipo de texto na geração de inferências. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura** [s. l.], Ano 03, n. 05, 2 Sem. 2006.

A QUESTÃO ÉTICA DO PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO NO SERVIÇO DE REFERÊNCIA¹

Leonardo Pinto Araújo²
Neurimar D'ávila Pereira Santos³
Rita de Cássia Santos Silva⁴
Shirlene Marcela Azevedo Coelho⁵

RESUMO

Estudo sobre o bibliotecário de referência, analisando suas funções, assim como todo o processo que envolve este profissional. Abordam-se questões relacionadas com as mudanças de paradigmas, apresentando o perfil adequado para que o mesmo atenda as necessidades de mercado. Enfatiza a ética necessária à formação deste profissional, ressaltando uma postura que esteja pautada na responsabilidade social, comprometida com os usuários e a instituição em que atua. Analisa-se a importância do serviço de referência para uma unidade de informação, assim como o uso das novas tecnologias.

Palavras-chave: Serviço de referência. Bibliotecário de referência. Ética profissional. Processo de referência.

1 INTRODUÇÃO

Com surgimento de novas tecnologias informacionais, o profissional bibliotecário, a cada dia que passa, tem por necessidade constante estar atualizado em

¹ Artigo apresentado à disciplina Referência do Curso de Biblioteconomia, ministrada pela professora Márcia Pimenta.

² Alunos do 7º período do Curso de Biblioteconomia Universidade Federal do Maranhão.

³ Alunas do 7º período do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão e bolsistas do Programa de Educação Tutorial (PET).

relação às novas vertentes da sociedade da informação, para aperfeiçoamento de suas práticas profissionais.

Atualmente, há uma preocupação constante em relação à qualificação e atuação desses profissionais nas suas respectivas unidades de informação. Neste contexto, está inserido o bibliotecário de referência, que mantém contato direto com os usuários, exercitando habilidades técnicas e humanas na orientação dos mesmos, com o intuito de suprir as necessidades decorrentes desse processo.

Mas o que, inicialmente, parece algo simples, necessita de um estudo prévio de vários aspectos para que o mesmo aconteça, desde o surgimento do problema até a solução do mesmo.

Dentro desta perspectiva, o profissional do serviço de referência necessita desenvolver várias habilidades relevantes para o exercício da sua função, tais como: ter um perfil dinâmico, ser flexível, empreendedor, criativo, dentre outros, além de ética para lidar com as mais diversas situações. A ética é uma das principais funções que o bibliotecário de referência deve desenvolver dentro do seu desempenho nas unidades de informação, pois a mesma o auxiliará nos princípios que norteiam esse profissional.

Neste artigo, abordaremos a questão ética do profissional da informação, precisamente o bibliotecário de referência, evidenciando serviços e o processo de referência.

2 BIBLIOTECÁRIO DE REFERÊNCIA

A tarefa do bibliotecário de referência foi reconhecida no ano de 1884, por Melvil Dewey, que acreditava no poder dos bibliotecários para desenvolver novas tarefas, dentre estas o serviço de referência.

Segundo Grogan (2001), o serviço de referência nem sempre foi disponível nas bibliotecas. Até meados do século XIX, muitos estudiosos só buscavam os

serviços das bibliotecas quando suas coleções particulares não supriam as suas necessidades. E geralmente quando esses usuários iam às bibliotecas não precisavam de ajuda, pois eram conhecedores da bibliografia do assunto que buscavam. Outro fato que é importante considerarmos, que naquela época o conteúdo dos livros e o acervo das bibliotecas eram bem limitados.

De acordo com Grogan (2001) com o enorme incremento da indústria editorial e da alfabetização as mesmas trouxeram consigo várias mudanças. Os estudos especializados cresceram, e os livros por sua vez, estavam mais especializados, fazendo com que as bibliotecas aumentassem de tamanho. Com o passar do tempo o número de autores cresceu bastante, fazendo com que os estudiosos não procurassem mais pelo autor e sim pelo assunto de seu interesse. Houve um crescimento excessivo no número de assuntos, e a este fator, os bibliotecários responderam com mais catálogos, sistemas de classificação e ajuda pessoal. Através do aumento do ensino público e da alfabetização, os mesmos criaram um novo público leitor e um novo tipo de biblioteca, onde houvesse necessidade de um modelo de bibliotecário diferenciado, um bibliotecário mais próximo ao público leitor, essa seria a origem do serviço de referência nas bibliotecas.

O modelo de bibliotecário acessível ao usuário, com o intuito de orientá-lo surgiu primeiro nas bibliotecas públicas e depois se desdobrou às bibliotecas acadêmicas. (SILVA, 2006). Conforme Ochoa (2005 apud SILVA, 2006), Dewey destacou três aspectos fundamentais do trabalho de referência:

- a constituição de uma nova tarefa, mais virada para os instrumentos de pesquisa, converte-se numa indagação das interações possíveis entre o valor da coleção documental e a eficácia das respostas aos utilizadores;
- assume a importância fundamental a experiência do bibliotecário, que deve possuir um conhecimento ao mesmo tempo enciclopê-

dico, objetivo e exaustivo das fontes de informação disponíveis, pensando já em cada utilizador e nas questões que coloca. Nesse sentido, a experiência converte-se na competência mais relevante para ocupar as novas funções:

- finalmente, o bibliotecário deixaria de se centrar na organização dos fundos documentais, para se centrar numa nova categoria - o leitor que o procura.

O trabalho do bibliotecário de referência caracteriza-se em orientar o usuário, através de comunicação formal ou informal, contato direto ou indireto, com o intuito de dar acesso a informação que foi solicitada pelo usuário. De acordo com Silva (2006), é uma atividade altamente cognitiva, que exige o conhecimento da questão de referência ou da situação-problema, a seleção e implementação de uma estratégia de busca, e obtenção da informação que responde e soluciona essa questão. Portanto, o bibliotecário de referência é um profissional que, ao longo de seu trabalho diário, desenvolve processos de observação, compreensão, análise, interpretação e tomada de decisão. O mesmo deve desenvolver aptidões inerentes à sua função, como disposição para relações humanas, senso de organização e análise.

O profissional da referência opera como disseminador de informação e é responsável em fazer com que a mesma se torne acessível. Para Grogan (2001), os atributos dos bibliotecários de referência podem ser divididos em duas partes: atributos profissionais e de caráter. Os profissionais são atributos que levam à capacidade de instruir e talento para se comunicar. Os de caráter são atributos de imaginação, persistência, entusiasmo, humildade e devoção ao serviço.

Com o advento das novas tecnologias, a sociedade da informação necessita de meios atualizados em suas unidades de informação. Essas tecnologias possibilitam que o profissional da referência disponibilize serviços virtuais aos usu-

ários das bibliotecas, gerando uma interação direta entre bibliotecário e usuário virtualmente.

3 O PROCESSO DE REFERÊNCIA

O processo de referência, conforme Grogan (2001), consiste no processo que envolve o usuário e através do qual se executa o serviço de referência. Este processo parte do ponto que o usuário formula sua questão, reconhece a existência da mesma e se estende até a entrega da resposta, e o problema estiver solucionado.

Segundo Ranganathan (1961 apud SILVA, 2006), o serviço de referência é dividido em três etapas: a primeira envolve a preparação e a manutenção da coleção; a segunda o questionamento do usuário; a terceira finaliza com a assimilação da experiência na procura da resposta ao usuário. Muitos autores tratam sobre este processo. Conforme Figueiredo (1992), o mesmo é composto por seis etapas: seleção da mensagem; negociação; seleção da resposta; renegociação; desenvolvimento das estratégias de busca; busca da informação. Neste processo, o usuário está incluso nas quatro primeiras etapas; as outras duas somente são realizadas pelo bibliotecário.

O processo de referência proposto, por Grogan (2001), é composto por oito passos:

- o problema: uma questão que atrai a atenção do usuário. a fonte pode ser externa (contexto social do usuário) ou interna (que tem origem psicológica);
- a necessidade de informação: é considerada vaga e imprecisa. Provavelmente a questão não estará nem formada e nem expres-

sa, é o avanço dado pelo usuário quando percebe sua necessidade informacional e decide buscá-la;

- a questão inicial: é a apresentação do problema ao profissional da informação. entretanto a mesma nem sempre está bem elaborada e pode exigir esclarecimentos e ajustes:

Os três passos iniciais, segundo o autor, dizem respeito somente à pessoa que está em busca de informação. A partir do próximo passo, o bibliotecário participa diretamente deste processo.

- a questão negociada: é a análise da questão inicial. a negociação da questão entre bibliotecário e usuário, é uma das etapas mais complexas. pois o usuário precisa explicar não aquilo que sabe, mas o que muitas vezes desconhece;
- a estratégia de busca: de acordo com a finalização da codificação da pergunta inicial, o bibliotecário verá qual é a melhor maneira de se buscar a informação desejada;
- o processo de busca: geralmente é realizado pelo bibliotecário. consiste na localização da informação;
- a resposta: é a possível solução para a necessidade de informação do usuário. a resposta, porém será analisada entre bibliotecário e usuário para saber se esta supre estas necessidades;
- a solução: é quando não há dúvida nenhuma na mente do bibliotecário quanto à adequação da resposta ao usuário. Desta forma, é necessário o esclarecimento do problema para que a solução seja completa. O bibliotecário e o usuário devem aprovar o resultado da pesquisa de comum acordo. Caso não haja acordo, o processo terá que ser reiniciado.

Podemos perceber que o processo de referência não é uma simples interação entre o bibliotecário e o usuário; vai além e retoma os valores éticos de conduta social e relações humanas. (COSTA et. al., 2006).

4 A ÉTICA E O PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO

Uma análise sobre a ética pode-nos mostrar a existência de um debate que se faz por diversos caminhos. O primeiro traz uma discussão que traduz a ética como o conjunto dos princípios compreendidos como fundamentos para se entender e justificar as escolhas feitas para orientações de ações ou condutas humanas em suas relações. A segunda discussão traduz a ética como a normalização da conduta humana. (SOUZA, 2007).

Ao recorrermos ao ramo da filosofia conceituamos ética como "parte da filosofia que se preocupa com a moralidade, seus problemas e juízos, ou com os problemas e juízos morais." (FRANKENA, 1969, p.15).

Como podemos observar, a ética e a moral são freqüentemente usadas como equivalentes a certo ou bom e fazendo oposição a imoral e antiético, mas partindo do princípio que a ética é uma preocupação com a moral, o que seria essa moralidade? (FRANKENA, 1969).

Segundo Frankena (1969, p. 15), "a moralidade é, sob certo aspecto, uma empresa social e não apenas uma descoberta ou invenção do indivíduo para orientação própria."

Partindo desse pressuposto, o primeiro caminho supõe uma sociedade constituída por indivíduos capazes de se interrogarem, a segunda supõe uma sociedade que não está preparada para a negociação e expressão das próprias vontades em relação ao meio que lhe cerca. (SOUZA, 2007).

Observando outro conceito, de forma mais ampla, a ética "tem sido entendida como a ciência da conduta humana perante o ser e seus semelhantes." (SÁ, 2005, p. 15).

Pode-se ressaltar, portanto, que nestes termos a ética envolve a aprovação ou desaprovação da ação dos homens. Diante disso, abordamos a ética profissional que é um assunto que vem sendo muito discutido, pois é relevante para a sociedade em geral, refletindo o comportamento do ser humano, junto a seus semelhantes.

Com base nesses comentários, entendemos profissão como "trabalho que se pratica com habitualidade a serviço de terceiros, ou seja, prática constante de um ofício." (SÁ, 2005, p. 135).

A partir desse pressuposto, compreendemos que a profissão tem uma ampla utilidade, pois além de útil para o próprio ser humano, é uma expressão social e moral, haja vista que através dela o indivíduo pode se realizar, provando sua capacidade, inteligência, elevando sua moral e sendo útil a sua comunidade.

No campo informacional, o profissional exerce um grande papel, que beneficia as instituições, a sociedade de forma em geral, e se observarmos a invenção dos meios eletrônicos, que levaram à constituição da Internet, chegaremos à conclusão de que houve uma simplificação dos espaços e tempo, ou seja, o desenvolvimento e a disseminação de novas tecnologias relacionadas à informação causaram imensas transformações sociais, originando o ambiente denominado sociedade da informação e do conhecimento. Dessa forma, podemos refletir sobre elementos que possibilitam uma reflexão ética sobre a exigência dos novos modelos de pensamentos e, conseqüentemente, de novos comportamentos. Esses elementos são, por exemplo, a rapidez e a eficiência que modificam a maneira como as pessoas vivem.

Em termos de informação, a rapidez e a eficiência se manifestam tanto na produção, disponibilização e recuperação de informações compartilhadas em rede quanto na velocidade de processamento e no fluxo que essas informações circulam.

Sendo assim, com a velocidade crescente das novas tecnologias, vivemos em uma sociedade cada vez mais inserida numa era digital, sendo que, de uma perspectiva de vida em grupo, assiste-se a um processo de exclusão social, de diminuição de atos de solidariedade, de concentração de riquezas nas mãos de poucos, de desemprego e precariedade nas relações de trabalhos. (ARANALDE, 2005).

Diante desse contexto da sociedade, podemos observar que houve uma mudança nas relações profissionais, de onde surgiram novas profissões e novas práticas, exigindo profissionais capazes de operar tecnologias avançadas e gerir as informações de maneira adequada às novas exigências do mercado.

Nesta perspectiva, os profissionais da informação têm em sua profissão um meio para a sua realização pessoal ao buscarem uma conduta ética condizente que propicie o pleno desenvolvimento de suas capacidades na sociedade em que está inserido e no local onde trabalha. Em suas funções, buscam representar documentos, em qualquer suporte, utilizando técnicas para a descrição do seu conteúdo.

De uma maneira geral, os profissionais que trabalham com informações sofreram mudanças nas suas práticas, haja vista que deveriam se adaptar às novas necessidades do mercado e da sociedade. O profissional bibliotecário deve utilizar adequadamente os recursos disponíveis e buscar conhecer as tecnologias emergentes, pois as mudanças ocorrem com velocidade, exigindo mudança em relação aos modelos de gestão, de tratamento e de disseminação da informação (ARANALDE, 2005). Em vista disso, o valor profissional deve

acompanhar-se de um valor ético para que exista uma integral imagem de qualidade, pois dominar uma técnica é essencial para exercer uma profissão, mas de uma perspectiva ética, é preciso sempre ter em mente o porquê fazer, pois a "técnica nos possibilita o 'saber como' e não o 'saber por que'. Ela nos ensina como fazer certas coisas, mas não porque se deve fazê-las". (DUPAS, 2001 apud ARANALDE, 2005, p. 15).

Diante disso, é necessário ter o domínio de técnicas para exercer a profissão com eficiência, mas, sob a perspectiva ética, é necessário ir mais além, tendo uma formação como ser humano.

A postura ética requerida de um profissional da informação inclui a busca pelas melhores alternativas para organização, recuperação e disseminação das informações, tendo em vista as necessidades das instituições em que está inserido.

Segundo Guimarães (2000 apud RASCHE, 2005, p. 65),

Com as rápidas transformações do mundo globalizado, necessário se torna ao profissional assumir uma postura pro-ativa, encarando a ética sob o ponto de vista de um conjunto de compromissos esses que propiciarão a constante construção e aperfeiçoamento da profissão pela sua própria coletividade [...] poder-se-ia que a questão ética da atuação e da formação do profissional da informação se dá por meio de compromisso com cinco instancias ou entidades distintas: o usuário, a organização, a informação, a profissão e o eu mesmo.

Para o bibliotecário de referência, o usuário é o objetivo do seu serviço, pois é ele quem vai usufruir da informação em busca de novos conhecimentos, sendo compromisso deste profissional buscar um crescimento como ser humano e não só uma vertente técnica. Sendo necessário observar que este profissional deve permitir o acesso ao conhecimento e a informação através da instrução, haja

vista que a transferência do armazenamento impresso para o eletrônico trouxe dificuldades para alguns usuários.

Para McGarry (1999, p.200),

A competência técnica baseia-se em conhecimento e experiência: cada membro tem o dever, em seu campo de opção, de manter e desenvolver sua competência técnica durante toda sua vida profissional, e de se manter a par dos progressos pertinentes tanto na tecnologia quanto na utilização da informática [...]. Deve estar atento ao efeito dos sistemas computadorizados, na medida em que os conhece, sobre os direitos humanos básicos das pessoas, seja numa organização, seus clientes ou fornecedores, seja entre o público em geral.

Podemos constatar que a partir do momento que o usuário chega ao setor de referência é o primeiro e direto interessado e merece reciprocidade de confiança, pois ao procurar o profissional, já nele depositou confiança, iniciando um processo de lealdade que requer aplicação de todas as virtudes. Sendo assim, bibliotecário de referência deve ter, as capacidades básicas como virtudes, como valores necessários, tais como: aptidão, atenção, atitude, autenticidade, benevolência, caráter, cautela, coerência, determinação, dignidade, eficácia, eficiência, empenho, energia, entusiasmo, espontaneidade, estratégia, fidelidade, firmeza, honestidade, improvisação, lealdade, obediência, otimismo, percepção, perfeccionismo, perseverança, serenidade, seriedade, dentre outras qualidades. Tais virtudes são essenciais para que esse profissional desenvolva com sucesso seu trabalho junto aos usuários.

Os profissionais bibliotecários estão submetidos a um código de ética que, segundo seu artigo 1º, "[...] tem por objetivo fixar normas de conduta para as pessoas físicas e jurídicas que exerçam as atividades profissionais em Biblioteconomia (CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA)". Este código e a resolu-

ção nº 42 do Conselho Federal de Biblioteconomia e foi publicado no Diário Oficial da União em 14 de janeiro de dois mil e dois. É composto por oito seções e vinte artigos que abrangem desde as normas de conduta prescritivas, passando pelas sanções concernentes à desobediência dessas prescrições, e disposições gerais sobre o próprio código.

Em linhas gerais, o código abrange adequadamente o exercício das funções de bibliotecário pautadas na responsabilidade, no respeito e na dignidade.

A proposta de ética ressalta sempre a necessidade de respeito pela humanidade na concretização de uma vida digna que seja capaz de propiciar o pleno desenvolvimento das capacidades humanas.

Nesse contexto, o bibliotecário de referência, que soluciona diretamente as questões formuladas pelos usuários, deve estar ciente de sua responsabilidade social, tendo a ética como princípio de suas ações, respeitando quem vai em busca dos seus serviços, propondo sempre uma interação com o usuário. É necessário, porém, que se faça uma avaliação da própria conduta como ser humano, para, só então, nos compreender e assim trabalharmos com os demais, nos sistemas de busca de informações. Este profissional tem um papel social, haja vista que está inserido em instituições diversas e numa contínua interação com quem procura seu auxílio em busca de informações relevantes. Dessa forma, sua responsabilidade social se traduz, principalmente, como o dever de gerir informações da melhor maneira possível, oferecendo-as aos usuários com o máximo de qualidade, sendo sua postura ética a busca pelas melhores alternativas para disseminação das informações, tendo em vista sempre as necessidades destes perante essas mudanças tecnológicas e sociais, desenvolvendo todas as etapas do processo de referência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O bibliotecário de referência desenvolve uma função de relevante valor perante os serviços oferecidos pelas unidades de informação, pois o mesmo tem por função a troca direta de informações com os usuários. O Bibliotecário de referência deve orientar o usuário, através de comunicação formal ou informal, contato direto ou indireto, com o intuito de dar acesso à informação que foi solicitada pelo usuário. É uma atividade que exige o conhecimento da questão de referência ou da situação problema, e quais as estratégias de busca para solucionar a questão. O mesmo, ao longo de seu trabalho diário, deve desenvolver processos de observação, compreensão, análise, interpretação e tomada de decisão, bem como disposição para relações humanas, senso de organização e análise.

O profissional da informação ligado ao setor de referência, com o passar dos anos, sofreu várias alterações no seu perfil, devido às necessidades que a sociedade da informação passou a exigir dos mesmos, fazendo com que estes tenham se tornando profissionais mais dinâmicos que visem ampliar seus conhecimentos bem como os dos usuários das unidades de informações.

Percebe-se que o bibliotecário, no decorrer de suas funções, além de desenvolver seu papel dinâmico dentro das instituições em que atua, necessário que também desenvolva o seu papel ético, gerindo informações da melhor maneira possível, para que, a partir deste, os mesmos possam ampliar quais as melhores estratégias a tomar no gerenciamento de informações. Pois a ética profissional bibliotecária pode ser entendida, não só no âmbito do atendimento de serviços a outros, mas na relação entre colegas, na relação do que representa seu conhecimento e suas competências para a sociedade.

THE ETHICAL QUESTION OF THE PROFESSIONAL OF THE INFORMATION IN THE REFERENCE

ABSTRACT

It deals with a study on the reference librarian, analyzing its referential functions, as well as all the process that involves this professional. Questions related with the changes of paradigms are approached, presenting the adequate profile so that the same it takes care of the market necessities. The formation of this professional emphasizes the necessary ethics, standing out a position that is pautada in the social responsibility, compromissada with the users and the institution which it inserts. Importance of the service of reference for a unit of information is analyzed it, as well as the use of the new technologies.

Keywords: Service of reference. Librarian of reference. Professional ethics. Process of reference.

REFERÊNCIAS

- ARANALDE, Michel Maya. A questão ética na atuação do profissional bibliotecário. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 337-368, jul./dez. 2005.
- COSTA, A. L. et. al. **O profissional da informação do setor de referência no contexto atual: comportamento ético e função gerencial em unidades de informação**. São Luis, 2006. 10 p. Trabalho não publicado.
- CFB - CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. Resolução nº042 de 11 de dezembro de 2002. **Código de Ética Profissional do Bibliotecário**
- FIGUEIREDO, N. M. **Serviço de referência e informação**. São Paulo: Polis: Associação Paulista dos Bibliotecários, 1992.
- FRANKENA, William K. **Ética**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

GROGAN, Denis. **A prática do serviço de referência**. Brasília: Brinquet de Lemos, 2001.

RASCHE, Francisca. **Ética em bibliotecas públicas: representações de ética de profissionais da informação bibliotecários**. 2005. 220 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SÁ, Antonio Lopes de. **Ética profissional**. São Paulo: Atlas, 2005.

SILVA, Chirley Cristiane Mineiro da. **O perfil do Bibliotecário de referência das bibliotecas universitárias do estado de Santa Catarina**. 2006. 115 f. Monografia (Bacharel em Biblioteconomia) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

SOUZA, Francisco da Chagas. Ética bibliotecária no contexto atual. **Perspectiva em Ciência da Informação**. Belo Horizonte, v. 12, n. 1, jan./abr. 2007. Disponível em: < <http://www.eci.ufmg.br/pccionline/index.php/pci/search/authors/view?firstName=Francisco&middleName=das%20Chagas%20de&lastName=Souza&affiliation=UFSC>>. Acesso em: 20 de junho de 2008.

BIBLIOTERAPIA:

cura, lazer e estímulo a leitura

Anderson de Araujo Machado¹
Érika de Jesus Coutinho Maia²
José Marcelino N. Veiga Junior³
Solange de Jesus Rodrigues Silva⁴

RESUMO

Apresenta um estudo sobre Biblioterapia, uma técnica que se utiliza da leitura e outras atividades lúdicas como aliadas no tratamento de pessoas acometidas por alguma doença física ou mental, além de ter fins educativos e recreativos. Destaca sua origem, fundamentada em levantamentos bibliográficos impressos e eletrônicos. Descreve sua forma de aplicação e os aspectos inerentes, bem como, conceito e público alvo, abrangendo os benefícios e profissionais envolvidos. Enfoca a leitura como elemento-chave na biblioterapia, destacando sua função terapêutica e sua importância social e educacional. Dentro dessa perspectiva, comprova que os livros podem ser utilizados tanto para fins biblioterapêuticos como para fins diagnósticos.

Palavras-chave: Biblioterapia, Leitura, Terapia

1 INTRODUÇÃO

Biblioterapia é um termo derivado das palavras latinas livro e tratamento. Biblio refere-se à raiz etimológica de palavras usadas para designar todo tipo de material bibliográfico ou de leitura. Durante vários séculos até os tempos atuais os homens estudaram vários meios de curar ou atenuar as doenças que assolam as

¹ Alunos do 7º período do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão.

² Aluna do 7º período do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão e bolsista do Programa de Educação Tutorial – PET.

peças. Nesse ínterim, entre medicamentos e curas alternativas várias formas foram surgindo trazendo com elas uma palavra que se tornou bastante usada "terapia". O remédio e o médico vêm para reparar a fratura do corpo, do espírito ou da alma (Quaknin 1986, p. 12) nesse sentido a Biblioterapia que significa "terapia por meio de livros" seria um método inovador e eficazmente comprovado como mais uma alternativa de aliviar sintomas através da terapia por livros.

O presente estudo propõe-se fazer uma explanação sobre a Biblioterapia e os sucessos alcançados por meio desta. Trata-se de uma pesquisa documental e bibliográfica, de caráter descritivo embasadas por autores como Quaknin, Guedes e entre outros. Inicialmente destacam-se estudos feitos sobre os assuntos e suas características principais, em seguida têm-se resultados comprobatórios, por último, as considerações finais sobre os últimos avanços no campo.

2 A LEITURA

A leitura é primeiramente um acontecimento solitário, um encontro íntimo com o outro mundo. É também uma conversa que oferece aos leitores a possibilidade de descobrir uma segurança material e espiritual, valores pessoais, e superação de dificuldades. A função terapêutica da leitura é o elemento mais indicado para proporcionar informações sobre seus aspectos físicos, psicológicos, promovendo o reajustamento ocupacional e atualização social e educacional, pois:

A leitura reflete experiências humanas de todas as épocas e lugares, e, portanto dá acesso aos registros de vidas, atitudes e sentimentos. Por outro lado, vários mecanismos são postos em funcionamento quando existe uma interação entre um leitor e um livro. (PEREIRA, 1996, p. 64)

Um leitor pode identificar-se com o personagem ou com experiências afetivas num livro e ser capaz de livrar-se de sentimentos reprimidos. O leitor pode

também ganhar com a leitura, tornando-se mais crítico e reflexivo. Pode ainda captar um sentimento de universalidade com a percepção de que não é o único a ler problema e que pode diminuir o sentimento de inferioridade, porventura existente. Evidencia-se que a leitura tem uma vantagem sobre a comunicação humana direta porque não é tão intensa como a palavra falada.

Para Pereira (1996, p. 65) "um livro é muito menos ameaçador, muito menos existente, e ainda assim pode oferecer muito no sentido de comunicar situações humanas e permitir ao leitor aplicá-las à sua própria realidade".

De acordo com Quaknin (1996, p. 99):

[...] a leitura pode acontecer no momento em que o leitor como o próprio autor se sente perdido. Mas essa desorientação, esse extravio fora do caminho já traçado do saber, e a própria experiência de vida. A experiência da vida não designa apenas a "experiência" no sentido da instrução que poderíamos ter sobre isto ou aquilo, mas o próprio fato de estar aberto para experiências.

Atualmente os métodos experimentais utilizados pela leitura permitem uma análise dos processos da leitura. É possível acompanhar o decorrer da leitura e determinar qual é o tipo da informação que o leitor extrai do texto em cada fixação. Por outro lado, aproveitando as novas técnicas da neurociência para examinar a ativação cerebral durante a leitura, é possível não só identificar as estruturas cerebrais envolvidas, mas também obter uma descrição detalhada dos funcionamentos da leitura. "O ensinamento que se pode extrair das informações obtidas pela ciência da leitura, e que esta é servida por um conjunto de processos mentais específicos, automáticos e inconscientes" (MORAIS; KOLINSKY, 2004, p. 20).

Somos soma dos conhecimentos adquiridos e essa troca de experiência nada mais é do que colocarmos em prática no nosso cotidiano tudo aquilo que

aprendemos, seja ouvindo, sentindo, observando, dando ou recebendo no decorrer da vida. Isso é crescimento.

3 O QUE É BIBLIOTERAPIA?

A Biblioterapia é uma técnica que utiliza a leitura e outras atividades lúdicas como aliadas do tratamento de pessoas acometidas por alguma doença física ou mental. É aplicada como educação e reabilitação em indivíduos de diversas faixas etárias.

Define-se Biblioterapia como leitura dirigida e discussão em grupo que favorece a interação entre pessoas, levando-as a expressarem seus sentimentos, receios e angústias e anseios. Dessa forma, o homem não está mais sozinho para solucionar seus problemas, mas passa a partilhar com seus semelhantes, em uma troca de experiências e valores.

A preocupação com a origem da Biblioterapia surgiu em épocas remotas pois alguns povos já consideravam a leitura como uma ótima medida terapêutica no tratamento de doentes mentais. Assim foram descobertas em bibliotecas antigas e medievais inscrições sobre o valor terapêutico da leitura. Os gregos afirmavam que suas bibliotecas eram repositórios de remédio para o espírito, enquanto que os romanos achavam que suas orações poderiam ser lidas para pacientes melhorarem sua saúde mental.

Roberts (1984, p. 36) afirma que: "desde a Antiguidade, os livros, especialmente as biografias, têm sido usada para transmitir informação sobre a vida de geração em geração". Salaria ainda, que a Bíblia foi usada para preparar jovens para a vida, fornecendo conforto e cura espiritual em circunstâncias trágicas.

Há relatos de que o faraó egípcio, Ramsés II mandou colocar no frontispício de sua biblioteca a inscrição: "Remédios para a alma." Entre os romanos do primeiro século, cita-se *Aulus Cornélio Celsus* como incentivo ao uso da leitura

e a discussão dos preceitos das grandes oradores como, forma terapêutica. Observa-se que na Roma do primeiro século a leitura e a medicina estavam associadas. Inúmeras discussões são mantidas sobre as origens do termo Biblioterapia, sabendo-se, entretanto, que surgiu na América do Norte entre 1802 e 1853, em trabalhos que relacionavam biblioteca e ação terapêutica por parte de médicos americanos que indicavam como receitas para seus pacientes hospitalizados, a leitura de livros, cuidadosamente selecionados e adaptados às necessidades individuais.

A partir de 1904, a Biblioterapia passou a ser considerada como um ramo da Biblioteconomia. Há informações de que a Biblioterapia floresceu durante o período da Primeira Guerra Mundial, quando bibliotecários leigos ajudaram a construir rapidamente bibliotecas nos hospitais do exército. Sempre houve uma grande dúvida, será que Biblioterapia é uma "arte" ou "ciência"? Não sabemos! Mas sabemos que ela é discutida e aplicada desde a Antiguidade.

Dos muitos termos utilizados para a "Biblioterapia" alguns foram aplicados a novos campos, mas a maioria surgiu por causa das reclamações de que o termo era restrito e vago demais. O prefixo biblio também é muito limitado. Todos os tipos de material audiovisual poderiam e deveriam ser usados. O sufixo terapia também parece uma escolha errada para Pereira (1996, p. 49) "num tempo em que técnica e terapia estão proliferando". Biblioterapia não é psicoterapia. "A Biblioterapia oferece a pessoa o caminho de sua liberdade. A leitura nos dá a liberdade de imaginar para imaginar a liberdade [...]" (QUAKNIN, 1996, p. 69).

Todas as informações encontradas foram de suma importância, mas as palavras de Quaknin, anteriormente citadas, deixam muito claro o seu sentido, quando diz que na Biblioterapia o encontro se dá entre dois simples leitores e a importância que cada um tem para o outro. Também muito relevante é a coloca-

ção de que o "biblioterapeuta" deve conhecer os livros e os leitores e também os efeitos de se colocar os dois juntos.

A cura através da leitura ou uso do livro na cura, a poesia na Biblioterapia, jogos e outras atividades têm sido interpretadas de forma diferente por médicos, bibliotecários. Ao médico caberia a responsabilidade de indicar o conteúdo da biblioteca, elaborar uma lista semanal de leituras, registrar seus hábitos de leitura e manter discussões com os pacientes sobre a leitura terapêutica. O bibliotecário deveria abordar a Biblioterapia como atividade recreativa e ocupacional que possa fazer parte de um programa médico ou que sirva como caminho possível para uma atualização individual.

A Biblioterapia é hoje uma área que promete muito, se biblioterapeutas, sejam eles médicos, bibliotecários ou psicólogos fizerem uma análise crítica dos livros e utilizarem a criatividade para o bem das pessoas que precisarem de cura biblioterapêutica. A Biblioterapia incentiva a pensar, agir e formar o comportamento das pessoas.

4 APLICABILIDADE DA BIBLIOTERAPIA

A princípio a Biblioterapia se realizava a partir da leitura de histórias que entreteriam crianças, jovens e adolescentes procurando ocupar o tempo ocioso até que este foi identificado como instrumento terapêutico, passando, então a ser utilizado em isolamento existentes nas prisões, hospitais, manicômios, até os dias de hoje.

A Biblioterapia, assim como a Psicologia, também utiliza de métodos, ou seja, de técnicas de leitura e discussão em grupo com fins educativos, ocupacionais e terapêuticos. Podem-se conseguir bons resultados com qualquer faixa de idade, trabalhando aspectos que contemple o humor, o gosto pela leitura, a iden-

tificação, a introjeção e a catarse. Bryan (apud PEREIRA, 1996, p. 15) apresenta uma lista de cinco objetivos:

[...] a) evidenciar para o leitor que ele não é o primeiro a sentir o problema; b) fazer ver ao leitor que existe mais de uma solução para o problema; c) ajudar o leitor a ver os valores envolvidos na sua experiência em termos humanos, de oferecer fator necessário para a solução do seu problema, e d) encorajar o leitor a encarar realisticamente o seu problema.

Técnicas como a leitura individual ajuda o leitor a conhecer-se melhor, mergulhar numa camada de reflexão e interagir com os personagens, até mesmo se identificando com alguns deles. Nisso há uma interação leitor x história, quando o primeiro absorve a "aura", a ambientação e o clima da história, essa retribuindo com a formação de pensamento e comportamento do leitor. Já as técnicas de leitura coletiva reabilitam o leitor ao mundo social, fazendo-o presenciar um pluralismo de vários comentários e de diferentes interpretações que podem surgir numa "roda" de leitura, oferecendo a oportunidade para a verbalização de sentimentos aliviando as tensões diárias.

As aplicações dessas duas técnicas podem ser facilmente entendidas através dos exemplos das atividades de leitura desenvolvidas por acadêmicos do curso de Biblioteconomia da UFSC:

Ao contar-se uma história para alunos de uma classe de alfabetização, com idade entre 5 e 6 anos, nota-se que no momento do climax do conto, enquanto a contadora exibe as ilustrações, as crianças mostram-se solidárias com as personagens que sofreram desonestidade. Deixa-se o final em aberto para verificar a interação das crianças com a história, cabendo aos pequenos desenhar o desfecho do conto de acordo com sua imaginação, fornecendo-se assim, diferentes possibilidades de finalizar uma mesma história. Tal finalidade teve como objetivos

incentivar a leitura nas crianças, ajudando a diminuir a timidez, oferecendo oportunidade de diálogo (HOFFMANN apud CALDIN, 2005, p. 17).

Outro exemplo não só apresenta um método de trabalho, como também uma dimensão social que a Biblioterapia pode alcançar: O Projeto de Biblioterapia aplicado ao grupo de dependentes químicos na Fazenda da Esperança, em que 13 internos entre 16 e 60 anos, dependentes de álcool e de drogas, residentes voluntários da instituição de caráter religioso e sem fins lucrativos, lêem em voz alta textos motivacionais, de que é possível vencer obstáculos e dificuldades. A exibição de um filme que conduz a reflexão e precedida por debate onde todos puderam expor seus problemas. O objetivo principal foi levar aos dependentes químicos uma mensagem de estímulo e superação (PACHECO; ARAÚJO apud CALDIN, 2005, p. 19-20).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consta-se que as palavras desde os mais remotos tempos servem para expressar sentimentos ou ações. Segundo Freud (1890, p. ?) as palavras são:

As palavras são os instrumentos mais importantes da influência que uma pessoa procura exercer sobre outra, as palavras são bons meios para provocar modificações psíquicas, naquele a quem são dirigidas, e é por isso que doravante nada mais há de enigmático na afirmação segundo a qual a magia da palavra pode afastar os fenômenos mórbidos.

Diante disto, considera-se a Biblioterapia um método coadjuvante da cura pelo diálogo ativado pelo uso de diferentes tipos de materiais informacionais, que podem auxiliar tanto no tratamento quanto na prevenção dos males do físico e da mente. Há de se perceber que além de mitigar os males físicos, a Biblioterapia é um excelente meio de cura para os males da alma.

Tome-se como exemplo uma pessoa que perdeu um parente, ao procurar conforto na leitura da bíblia, ou aquela que está sofrendo de depressão que procura ler livros de auto-ajuda, até entre os presos foi constatado que ao adentrarem a prisão procuram mitigar seu sofrimento através da leitura, todas essas pessoas estão fazendo Biblioterapia pessoal.

Portanto está comprovado que o bibliotecário tem que estar consciente dessa inovação, que além de disseminar a informação, também é de conforto, na medida em que leva seu conhecimento para ajudar as pessoas. Por último, mas não menos importante, observa-se que a Biblioterapia deve ser vista como um complemento a outras terapias e não apenas como única possibilidade de tratamento psicológico. De acordo com os autores citados e com os relatos das experiências expostos neste artigo, podemos afirmar que a Biblioterapia alivia as tensões, angústias e medos, desenvolve a imaginação, o conhecimento e ajuda no crescimento emocional e psicológico do paciente.

BIBLIOTHERAPY:

healing, and encourage leisure reading

ABSTRACT

It presents a study on Bibliotherapy, a technique that is used for reading and other recreational activities as allies in the treatment of persons affected by any physical or mental illness, as well as educational and recreational purposes. Highlights its origin, based on surveys bibliographic printed and electronic. He describes his way of implementation and aspects, and concept and target audience, covering the benefits and professionals involved. Focuses on reading as a key element in Bibliotherapy, highlighting its role therapy and its social importance and educational. Within this perspective.

evidence that the books can be used both for biblioterapêuticos as for diagnostic purposes.

Keywords: Bibliotherapy, Reading, Therapy

REFERÊNCIAS

- CALDIN, Clarice Fortkamp. **Biblioterapia**: Atividades de leitura desenvolvidas por acadêmicos do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina, 2007
- Biblios**: Revista Electrónica de Bibliotecología, Archivología y Museología. Lima: Universidad Peruana de Ciencias Aplicadas, v.6, n. 21, p. 13-25. enero/agosto, 2000.
- MORAIS, José; KOLINSKY, Rêgine. A ciência cognitiva da leitura e a alfabetização. **Pátio**: Revista pedagógica, Ano 8, n.29, fev. / abr. 2004.
- PEREIRA, Marília M. G. **Biblioterapia** proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas. João Pessoa: Editora universitária UFPB, 1996.
- QUAKNIN, Marc Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

A TECNOLOGIA DE INFORMAÇÃO e seus impactos na sociedade da informação

Nádia Maria dos Santos Moreira**
Elcilene Fonseca Costa*

RESUMO

O estudo apresenta a tecnologia de informação como recurso indispensável para o desenvolvimento e democratização da informação, ressaltando seus aspectos na sociedade da informação. Apresenta o contexto histórico da tecnologia, abrangendo desde as primeiras tecnologias até a mais atual. Aborda a TI nas bibliotecas alterando a rotina das bibliotecas e exercendo influência no perfil do profissional da informação e também no perfil dos usuários. Mostra os impactos da TI nas práticas informacionais e finaliza dando com o currículo atual de acordo com a TI.

Palavras-chave: Tecnologia da Informação. Sociedade da Informação. Profissional da informação.

1 INTRODUÇÃO

A informação sempre esteve presente na vida do homem, porém desde a antiguidade até hoje os meios de recuperá-la tem sofrido grandes modificações devido o desenvolvimento das tecnologias informacionais, isto porque o homem desenvolveu máquinas e equipamentos para executar tarefas e facilitar sua rotinas diárias. Neste sentido, a tecnologia da informação utiliza alguns desses mesmos inventos, como: a informática para fazer o processamento de dados e a partir daí, disponibilizar a recuperação e disseminação da informação à humanidade.

* Trabalho apresentado à disciplina Automação das Unidades de Informação, ministrada pela professora Cenivalva Teixeira

** Estudantes do 7º período do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão.

E para melhor compreensão, Rezende e Abreu (2006, p. 78) define tecnologia da informação "[...] como recursos tecnológicos e computacionais para geração e uso da informação". A TI ainda pode ser entendida como as atividades que são resolvidas através do sistema de computação, através de recursos da informática.

A invenção da imprensa que modificou o modo gerar e difundir a escrita, máquina de escrever que proporcionou a produção de textos datilografados, o computador que aperfeiçoou a escrita e a Internet que tornou possível o armazenamento de informação de forma mais organizada e ainda facilitou a recuperação de documentos foram essenciais para a sociedade e contribuíram de forma relevante para o preenchimento das necessidades de informação e para o desenvolvimento social, político, econômico e cultural do homem.

A tecnologia de informação evoluiu rapidamente e em virtude disso, apareceram os impactos nas organizações, empresas, unidades de informação e também na vida dos empresários, profissional de informação, usuários. A TI compreende tudo que envolve trabalho informacional e exige do profissional capacitação para desenvolver suas funções com qualidade no ambiente de trabalho em atuação.

A partir dessas abordagens, o estudo propõe atender a uma atividade acadêmica da disciplina Automação em Unidades de Informação, ministrada pela Prof. Cenidalva Teixeira da Universidade Federal do Maranhão, onde objetivou ampliar o conhecimento acerca do assunto proposto, Tecnologia da Informação, ressaltando o contexto histórico, seus impactos nas práticas informacionais, abrangendo o perfil do profissional da informação e de seus usuários.

Trata-se de uma pesquisa documental e bibliográfica com base teórica em documentos impressos e eletrônicos que contribuíram com informações relevantes para o desenvolvimento do estudo.

2 TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

Os sistemas de Informação utilizam a informática e as telecomunicações com o intuito de facilitar o uso da informação ao homem e melhorar o desempenho de suas atividades, pois os sistemas de informação

[...] utilizam a informática e as telecomunicações como instrumentos para melhorar a sua efetividade. As tecnologias empregadas melhoram a capacidade e a velocidade das funções de coleta, armazenamento, processamento e distribuição. Isto contribui para a melhoria da qualidade e da relação custo benefício da informação disponibilizada. (TECNOLOGIA..., 200-?)

Outros autores, como, Alter (1996 apud SANTOS JUNIOR; FREITAS, LUCIANO, 2005) afirmam que "um SI é um sistema que usa a TI para capturar, transmitir, armazenar, recuperar, manipular ou expor informações usadas em um ou mais processos de negócios."

Então, diante deste contexto, em que a tecnologia da informação, conhecida também como TI, é usado pelo sistema de informação para desenvolver todas essas funções para facilitar a informação, pode-se conceituar a Tecnologia da Informação (TI) como:

[...] o conjunto de recursos não humanos empregados na coleta, armazenamento, processamento e distribuição da informação. Além disso, consideramos que a TI abrange os métodos, técnicas e ferramentas para o planejamento, desenvolvimento e suporte dos processos de utilização da informação. (TECNOLOGIA..., 200-?)

A tecnologia de informação proporciona um melhoramento na qualidade das tarefas executadas pelos homens em qualquer organização, pois a TI é utili-

zada como recurso para organizar a informação num sistema capacitando-o para o seu desenvolvimento.

Esta, apresenta-se como uma ferramenta indispensável à existência organizacional e funciona como instrumento não somente de planejamento mais também de desenvolvimento da informação contribuindo para a propagação em larga escala da mesma, sendo que qualquer pessoa pode ter acesso a esses serviços tecnológicos. De acordo com Santos Junior; Freitas; Luciano (2005)

A TI vem se mostrando como ferramenta indispensável à sobrevivência organizacional, na medida em que imprime maior velocidade aos processos internos e permite aos gestores um conhecimento/relacionamento amplo com seu ambiente de influencia.

Essa tecnologia contribuiu para o aparecimento das tecnologias que hoje ajudam o homem em seus trabalhos, como por exemplo: o computador, que no seu início funcionava como um instrumento que automatizava atividades de qualquer instituição, sendo que isto acontecia com a utilização de grandes máquinas e grandes equipamentos, e ainda apresentavam alguns problemas na sua utilização, como: o tempo de resposta tardio, dificuldade na linguagem de programação, o tamanho da memória era limitado, velocidade do processador era lenta e dificuldade no armazenamento, entre outros.

Todavia, com o avanço da tecnologia, as máquinas foram substituídas por outras bem menores e que trouxeram maior facilidade e rapidez na execução das tarefas. Hoje, as máquinas trabalham com informação, informação essa que se tornou uma mercadoria negociável e de grande valor, chegando a proporcionar status e conhecimento para aqueles que as disponibilizam.

No entanto, o ato de utilizar a informação é uma atividade de grande importância para todas as organizações, pois estabelece um bom andamento, uma organização, uma boa estrutura organizacional, como ressalta Alecrim (2004) “[...]”

a informação e um bem que agrega valor a uma empresa ou a um indivíduo, e necessário fazer uso de recursos de TI de maneira apropriada” e pode contribuir de forma eficaz para o sucesso e maior competitividade entre as organizações.

Nesse sentido, Laurindo et al (2001) aborda que “a TI precisa ser vista como um meio para a empresa obter vantagens competitivas no mercado em que atua em concordância com a operação e a estratégia da empresa”. A TI proporcionou e continua proporcionando vantagens para o homem, pois através desta, o seu trabalho passou a ser desenvolvimento com mais rapidez e agilidade, e como resultado disto houve uma “economia de tempo” que pode ser utilizado com outras atividades.

3 CONTEXTO HISTÓRICO DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

Em se tratando de contexto histórico da T. I. tornou-se necessário um relato desde as primeiras tecnologias inventadas pelo homem que inicia com a escrita, onde a mesma constitui-se como algo fundamental para manifestar a memória de um povo e a cultura incorporada a ele. Diante disso, o homem teve a ideia de popularizar a escrita, contudo esta popularização foi impulsionada pela imprensa inventada por Gutenberg que se caracterizou em ser a tecnologia do século XV. A seguir têm-se as tecnologias desde a invenção da imprensa até a atualidade.

3.1 A invenção da imprensa

A imprensa foi criada por Gutemberg em 1451, sendo que o primeiro livro a ser impresso foi a chamada Bíblia de Gutemberg com 36 linhas. Esta invenção alterou a forma, a produção e a propagação da escrita, de forma a possibilitar fabricação de vários livros idênticos em um tempo de produção bem menor a quando os textos eram produzidos copiando a mão.

A princípio esta invenção não foi vista com bons olhos por um grupo específico da época, pois "[...] Profecias apocalípticas foram efetuadas no hemisfério dessa descoberta por aqueles que detinham em suas mãos os manuscritos, modelos similares e não desejavam que esse saber estivesse ao alcance de todos, mas que continuasse restrito aos conventos e bibliotecas de acesso restrito ao povo". (NEITZEL, 2001).

Com o passar dos tempos, essas profecias desmoronaram e a produção de livros aumentou, passando a circular em limites diferentes e deixando de ser restrito a pequenos grupos. Desse modo, o livro constitui-se em ser "[...] uma instituição que a cultura pós-Gutenberg confiou a tarefa de armazenar e fazer circular o conhecimento [...]" (QUEIROZ, [200-?]).

O livro é um meio de socialização que dissemina a compreensão de aspectos relacionados ao universo que o homem faz parte. Percebe-se que, assim como, o surgimento da escrita marca a história, a invenção da imprensa impulsiona as mudanças no modo de pensar e o viver da sociedade, pois proporciona a divulgação de conhecimentos, antes restritos. E esse novo olhar da sociedade marcou a escrita impressa, modificando a forma de ler, passando ser individual e silenciosa.

Mesmo com a impressão considerada na época como a principal tecnologia intelectual, o homem ainda não estava satisfeito e começou a idealizar outros meios de comunicação e registro que permitisse a proximidade de culturas e divulgação de saberes de modo rápido e amplo. Com isso, começou a dedicar-se a aperfeiçoar os meios que poderia usar para assim minimizar obstáculos de distância e tempo.

3.2 Máquina de escrever

Esta tecnologia surgiu no século XIX e compreende a arte da datilografia, define-se em ser um mecanismo que possibilita a produção de textos datilografados que são análogos aos textos impressos, e consisti num grupo de teclas correlacionadas às letras do alfabeto, algarismos e sinais gráficos, essas teclas são acionadas manualmente para a produção de textos. Abrange uma ação física com o objetivo de gerar marcas no papel e assim, caracterizar a escrita datilografada que contem um alinhamento mecanizado, cujo espaçamento é simples entre as linhas.

3.3 Computador

Com o passar dos anos, e o aperfeiçoamento cada vez mais necessário da escrita, surge o computador em meados do século XX, consistindo em ser um mecanismo com função de receber, armazenar e enviar dados programados previamente, possuindo característica lógica e sistemática com a finalidade de resolver problemas. Proporciona uma escrita eletrônica feita através do espaço contido na tela do computador. Soares (2002) enfatiza:

[...] quem escreve ou lê a escrita eletrônica tem acesso, em cada momento, apenas ao que é exposto no espaço da tela: o que está escrito antes e depois fica oculto (embora haja a possibilidade de ver mais de uma tela ao mesmo tempo, exibindo uma janela ao lado da outra, mas sempre em número limitado).

Dessa forma o computador além de revolucionar a forma de escrita, também modifica a leitura e a forma de estabelecer comunicação pessoal. A leitura pode ser feita por meio da tela do computador, distinguindo-se da leitura erudita

e da leitura do texto impresso. Atualmente vivênciase esta inovação que se encontra incorporada na cultura da sociedade, mas isso não significa dizer que as correspondências manuscritas chegaram ao fim, apenas compartilham o mesmo espaço com as correspondências virtuais.

3.3.1 A evolução do computador

Os primeiros computadores surgiram na década de 1940 e desde então essa máquina vem passando por processo de evolução. O perfil do computador

[...] tem passado de uma base eletromecânica para uma base microeletrônica. Os avanços da eletrônica digital que inicialmente foram aplicados à indústria de computadores, criaram novos dispositivos eletrônicos que passaram a ser empregados nas mais diversas indústrias. (TECNOLOGIA..., 2001?)

Desse modo, o desenvolvimento do computador foi dividido em gerações conforme (TECNOLOGIA..., 2001?), que irão ser descritas a seguir:

a) 1ª Geração vai de 1940 a 1950 – Tecnologia de Válvula

Relaciona-se aos computadores básicos que possuíam a válvulas. Nessa época, apesar das máquinas serem grandes e a "sua velocidade era da ordem de 10 mil instruções por segundo e sua capacidade de armazenamento era de cerca de 2 kbytes [...]. Eram usados, sobretudo na resolução de problemas científicos, em alguns casos para fins militares" (TECNOLOGIA..., 2001?). Os sistemas tinham preços elevados, possuía uma linguagem operacional difícil e somente os técnicos e aqueles que os elaboraram é que podia fazer sua operação.

b) 2ª Geração vai do final de década de 1950 a 1960 – Tecnologia de transistores

Direcionavam-se aos computadores que usavam o transistor. Por esse motivo, o computador diminuiu o seu tamanho e a sua velocidade aumentou, sendo que sua velocidade "era da ordem de 300 mil instruções por segundo e sua capacidade de armazenamento chegava a 32 kbytes" (TECNOLOGIA..., 2001?). Os sistemas ainda possuíam preços elevados, porém empresas grandes e governos utilizavam-nos, pois já apresentavam os primeiros sistemas com facilidades na operação. Nesta geração, as pessoas especializadas em processamento eletrônico de dados nas empresas podiam fazer sua operação.

c) 3ª Geração vai de 1960 a 1970 – Tecnologia de circuitos integrados

Essa tecnologia possibilitou a redução de circuitos eletrônicos capazes de efetuar diversas funções de controle de corrente e sua produção e na forma de chips de silício. Nesta geração o chip passou a ser o componente básico do computador, diminuído ainda mais o seu tamanho. "A velocidade destes sistemas era da ordem de 5 MIPS e sua capacidade de armazenamento chegou a 2 mbytes." (TECNOLOGIA..., 2001?). A Linguagem de programação foi originada para utilização científica, comercial e educacional. Nesta geração surgiram os microprocessadores que foram usados pelas indústrias na fabricação de microcomputadores.

d) 4ª Geração vai de 1980 até os dias atuais – Tecnologia de circuitos integrados em escala muito alta

Nesta geração, devido a muita utilização de circuitos integrados, um chip poderia armazenar até milhões de componentes, pois a tecnologia

[...] passou a produzir os LSIC (Large Scale Integrated Circuits) e os VLSIC (Very Large Scale Integrated Circuits) como componentes eletrônicos com aplicações nas mais diversas áreas. A velocidade dos sistemas de computador baseados nesta tecnologia ultrapassa os

300 MIPS e sua capacidade de armazenamento chega ao gigabyte e terabyte. (TECNOLOGIA...2001?)

O computador tornou a ser útil em várias áreas e as novas tecnologias reúnem recursos cada vez mais sofisticados. A expansão dos computadores não para por aí, pois alguns acreditam que a quinta geração está iniciando e seria marcada concorrência entre as tecnologias baseadas na microeletrônica.

3.4 Internet

O surgimento da internet deu-se em 1969 pela Agência de Pesquisas Avançadas do Departamento de Defesa dos EUA que quis elaborar uma rede onde fosse aplicada a participação de recursos e comunicação em diversas áreas daquele departamento, a partir disso surgiu a internet. Para tanto, a internet caracteriza-se por ser uma rede mundial de computadores interligados entre si a milhões de usuários nos mais diversos locais do mundo compreendendo um grande número de informação em todas as áreas.

O acesso aos serviços da internet pode ser realizado por qualquer pessoa, em qualquer dia ou a qualquer hora com rapidez e facilidade.

4 SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Sabemos que na atual sociedade em que estamos inseridos a informação é considerada um patrimônio, bem precioso, mercadoria, algo de valor. De acordo com Guedes (2006) "[...] O conceito de sociedade do conhecimento transita por diferentes cenários da cultura mundializada, cujas características principais são as habilidades e as possibilidades, de acesso, de controle e de armazenamento da informação [...]".

Assim como as demais sociedades, ela traz consigo algumas características importantes: a informação é o insumo de fundamental importância de geração do conhecimento, o fluxo informacional é constante e a demanda de informação é assustadora.

Neste contexto Amaral (1995) afirma que:

A informação é um fator imprescindível para impulsionar o desenvolvimento da sociedade constituindo-se em um insumo de fundamental importância de geração do conhecimento que por sua vez, possibilitará de modo eficiente a satisfação das diversas demandas da população [...]. Na sociedade, as tecnologias de informação estão presentes, definindo um novo modo de pensar, falar e de trabalhar, sendo que os principais instrumentos de trabalho são as informações e o conhecimento.

As tecnologias ocupam hoje um lugar de extrema importância no dia-a-dia, e vem crescendo rapidamente, provocando mudanças de comportamento nas sociedades. Na verdade, a tecnologia está gerando grandes transformações que estão ocorrendo a nossa volta de forma ágil e útil.

Desse modo, realizar atividades como ver televisão, conectar-se a internet, falar ao celular mostra como a atual sociedade está "mergulhada" e dependente da tecnologia, gerando transformações que tendem a se intensificar, ocasionando impactos que já são perceptíveis em diversos setores. No contexto político-econômico geram mudanças nas relações entre as sociedades, capitais e mercadorias. Já no âmbito social, auxilia a promoção da integração diminuindo a distância entre as pessoas e proporcionando mais uma fórmula de acesso à informação. Assim:

As novas tecnologias estão provocando uma mudança fundamental na natureza do trabalho do homem, na maneira como os negócios são conduzidos, na maneira como a riqueza é criada e na própria natureza do comércio [...].

Esta possibilita as pessoas fazer mais em menor espaço de tempo, de modo que a eficiência resulte em economia e tempo que, por sua vez, pode reinvestida eficácia pessoal. (SANTOS; FREITAS, 2005).

A tecnologia traz consigo a necessidade de mudança cultural, passando a exigir das pessoas a capacidade de reciclar seus conceitos e paradigmas e o desenvolvimento das comunicações e computação proporciona o desenvolvimento de novas tecnologias que por sua vez irão auxiliar na construção e difusão do conhecimento. Neste sentido,

A tecnologia de informação esta permeando a cadeia de valor, em cada um de seus pontos, transformando a maneira como as atividades são executadas e a natureza das interligações entre elas. Está também afetando o escopo competitivo e reformulando a maneira como os produtos e serviços atendem às necessidades de seus clientes. Estes efeitos básicos explicam por que a tecnologia de informação adquiriu um significado estratégico e diferencia-se de muitas outras tecnologias [...]. (CARMO, 200-?)

Então, as tecnologias avançadas de informação, ou seja, os sistemas de informações computadorizados são componentes indispensáveis às organizações, às pessoas e às sociedades.

5 TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO NAS BIBLIOTECAS

A expansão da TI mudou consideravelmente a sociedade, penetrou em todos os seus setores, modificando as bibliotecas e centros de documentação – principais locais de armazenamento de informação, isto trouxe mudanças na formas de organização e acesso aos dados e obras armazenadas.

A TI mais especificamente o computador oferecem maior capacidade de armazenagem, organização e manipulação das informações. Neste sentido "[...] percebemos que à medida que o desenvolvimento tecnológico favorece o aumento da produção do conhecimento, simultaneamente oferece ferramentas de controle e organização dos mesmos". (COELHO; SANTOS, 2005, p. 60).

Com isso, os avanços tecnológicos exercem influência no perfil dos usuários assim como nos sistemas de armazenamento, controle e recuperação da informação. E como era de se esperar essas mudanças não alteraram só as rotinas das bibliotecas, estas modificaram também o profissional, este passa a adquirir habilidades nunca antes vista, "[...] passando de um simples controlador de aquisição, preservação e armazenamento de informações para um colaborador auxiliando na manutenção de sistemas automatizados de acesso à informação". (COELHO; SANTOS, 2005, p. 60).

Dessa forma, no mundo globalizado em que vivemos não ha como ignorar a TI, pois está presente em todos os níveis da vida do homem havendo apenas duas alternativas, ou acompanhar as inovações ou ficar para trás, pois a tendência atual do mundo é se automatizar cada vez mais.

5.1 Perfil do Bibliotecário

A TI esta em pleno auge, alcançando cada vez mais as pessoas, modificando suas rotinas de vida. Estas tecnologias devem ser usadas para auxiliar a qualidade da educação e o bem estar social. Nesta perspectiva, Duarte (200-?) vem nos alertar acerca do papel do bibliotecário, assim:

Vêm a ser papel do bibliotecário, auxiliar nessa tarefa, planejando serviços e produtos adequados a todos os tipos de usuários, os que dominam e os que ainda encontram dificuldades no manuseio das novas tecnologias, e isso só

será possível se o bibliotecário se adequar à realidade atual e pensar no futuro.

Porem, como é de conhecimento de todos que o comportamento do bibliotecário em relação a esta nova realidade varia de profissional para profissional. Os bibliotecários que estão abertos a novos conhecimentos, a assimilação desta evolução, certamente reagiram bem, em contrapartida os que não apresentam tais características evitarão tais mudanças. Esta postura compromete não só a profissão mais também a existência da mesma em si.

No que diz respeito a estas mudanças Dias (1995, p.199 apud DUARTE, 200-?) vem dizer algumas características que devem ser incorporadas ao profissional da informação:

- a) dedicar-se menos aos processos técnicos e mais ao usuário;
- b) adotar estratégias de marketing no seu trabalho;
- c) desenvolver "visão econômica";
- d) saber manipular as novas tecnologias;
- e) atuar na gerência da informação.

Alem destas características podemos agregar ainda: flexibilidade, intuição e criatividade. Não podemos nos esquecer que o bibliotecário deve possuir o lado técnico e humano, cada um, utilizado de acordo com o grau de necessidade da unidade de informação e do usuário. O bibliotecário não deve favorecer um em detrimento do outro.

A adoção de recursos automatizados nas rotinas da instituição e nos processos técnicos possibilita ao bibliotecário ter mais tempo para se dedicar a outras tarefas que irão contribuir para o crescimento da unidade de informação, a saber – estudar mais, conhecer e adequar-se aos seus usuários. O bibliotecário pode e

deve ainda fazer uso do marketing, não só para divulgar os serviços existentes, mais para divulgar a profissão.

No que diz respeito à manipulação das novas tecnologias, Duarte (200-?) afirma que:

Um ponto a destacar é a habilidade em manipular as novas tecnologias, pois o bibliotecário que não souber usar as novas tecnologias em prol da informação estará limitado a fornecer informações desatualizadas que nada interessam, e que na maioria das vezes não suprirá as reais necessidades dos seus clientes.

Na realidade, o profissional da informação não pode se resumir ou se especializar somente em fazer o trabalho rotineiro da biblioteca e os processos técnicos, deve somar a estas habilidades analíticas e gerenciais par que sejam aplicadas na aquisição e organização da biblioteca assim como na promoção da mesma e de seus usuários.

5.2 O Usuário

Inserido neste contexto informacional temos os usuarios, estes assim como os bibliotecários reagem às tecnologias de formas distintas dependendo do seu perfil. Mas como saber o perfil deste usuário. Duarte (200-?) relata que devemos levar em consideração o perfil partindo dos princípios abaixo:

- a) existem pessoas que se adaptam facilmente as mudanças;
- b) existem pessoas que tem dificuldade em assimilar essas mudanças;
- c) existem pessoas que ignoram totalmente essas mudanças.

Diante desta diversidade de casos, o bibliotecário mais que qualquer outro profissional deve ser proativo em relação ao ambiente e especificamente em relação aos seus usuários fazendo uso em paralelo a isso da intuição e sensibilidade. Uma vez que cada papel acima citado apresenta particularidades distintas.

É de fundamental importância a interação entre o bibliotecário e seu usuário, afim de que este consiga expressar suas verdadeiras necessidades. Munidos de tais informações o bibliotecário será capaz de ajudá-lo a despertar sua consciência crítica em relação a situação econômica, política, social, cultural e educacional. E isto despertará no usuário o interesse pelas mudanças que devem ocorrer em todas as áreas, sendo que todas irão ajudar amenizar as desigualdades existentes na sociedade e a quebrar o ciclo vicioso da desinformação.

5.3 Impacto da Tecnologia da Informação na Prática Informacional

A TI modificou e modifica a vida do homem nos mais diversos segmentos. No que diz respeito às práticas informacionais, "as tecnologias de informação transformaram de maneira fundamental as práticas informacionais na medida em que operam a separação entre suporte e informação". (MARCONDES, 200-?).

Partindo desse pressuposto, percebemos mudanças no que diz respeito às práticas informacionais, sendo que esta deve ser repensada, gerando novos problemas conceituais e didáticos. Neste sentido, Marcondes (200-?) relata que:

A diversidade de novos documentos em meio eletrônico, hipertextos, imagens também diminui o peso relativo do livro em relação a outras matérias e as facilidades de acesso proporcionadas pelas redes demandam que sejam pensadas novas formas de tratamento e recuperação dos mesmos.

Paralelo a isso, há outro impacto que afeta diretamente o usuário, sabe-se que as novas tecnologias propiciam novas facilidades de acesso que por sua vez alteram consideravelmente o papel desempenhado pelas bibliotecas – tradicional intermediária entre os usuários e recursos informacionais. Este desenvolvimento tecnológico faz com que os usuários se tornem mais autônomos.

No entanto, não podemos nos esquecer de uma parcela considerável de usuários que ainda não descobriram as potencialidades dessas novas tecnologias, porém, este fato abre espaço "[...] para um trabalho informal de promover, capacitar, organizar e prover acesso a esses novos recursos". (GONÇALVES, 1998 apud MARCONDES, 200-?).

É de conhecimento de todos que na década de 90, advento da internet, o número de informações disponíveis no meio eletrônico cresceu consideravelmente. Nesse sentido, Marcondes (200-?) vem novamente ressaltar que:

As políticas de acervo de todas as bibliotecas tem que ser repensada à luz dessa nova realidade. Todo o ciclo informacional que inclui etapas como identificação, localização, acesso a documento, manipulação e uso deve ser repensado. O foco do trabalho informacional se desloca do tratamento para a facilitação do acesso, a "explosão informacional" torna mandatório que sejam desenvolvidas novas propostas de "catalogação na fonte" de documentos eletrônicos.

Esses impactos e transformações ocorridas nas práticas informacionais pelo uso da TI devem ser tratados com bastante cuidado especialmente no que diz refere ao usuário, este deve ser reconhecido incorporando-se definitivamente nas práticas informacionais, assumindo um papel fundamental na sustentação e nas práticas do dia-a-dia das unidades de informação. "Ora, informação é meio, só tem sentido como viabilizadora de outros fins demandados pela sociedade:

cultura, ciência, ensino, aprendizagem, atividades econômicas". (MARCONDES, 200-?).

Desse modo, a TI deve ser vista como agente potencializador no que diz respeito à melhoria dos novos serviços aos usuários, aumentando desse modo a utilidade social da biblioteca.

5.4 Ensino das Tecnologias de Informação no Currículo Atual

Os conceitos de ensino das tecnologias de informação na formação dos profissionais de informação estão ligados aos anos 80, período em que ocorreu a última versão do currículo mínimo do curso de Biblioteconomia. O crescente uso da TI nas bibliotecas proporcionou certo reflexo na formação profissional através de disciplinas específicas no currículo de Biblioteconomia. Sendo que:

Atualmente estas são: uma disciplina do ciclo básico de Fundamentos ou Introdução à Computação, genérica, oferecida a diferentes cursos, e uma disciplina específica, no ciclo profissional, de Processos de Automação em bibliotecas. Esta prática didática concentrada em poucas disciplinas corresponde a um estágio inicial de emprego das tecnologias de informação em bibliotecas igualmente concentrado, quando o processo de automação era um dentre outros momentos nas atividades e uma biblioteca. (MARCONDES, 200-?).

Desse modo, percebemos que hoje há um número relativamente expressivo no que diz respeito aos diversos recursos informacionais, de documentos e de referências de documentos que já são produzidos naturalmente e diretamente em suporte eletrônico.

Atualmente, o uso da TI não se resume à mera automação de um acervo, este envolve um ciclo de produção, transferência e uso da informação, isto pode

ser facilmente percebido quando falamos em políticas de acervo e desenvolvimento de coleções temos que mencionar os recursos da internet, ao falarmos em seleção e aquisição este implícito as facilidades geradas pelas consultas aos catálogos eletrônicos. Quando falamos em bibliografias e na construção de repertórios bibliográficos, não podemos deixar de lado o uso cada vez mais intenso dos recursos da internet. No que diz respeito aos serviços de referência e as fontes bibliográficas, devemos observar a quantidade de recursos informacionais eletrônicos, tais como: bases de dados em CD-ROM ou remotas, recursos da internet, dentre outros. Assim:

A localização, o acesso ao documento final, a obtenção de cópias ou o empréstimo entre bibliotecas, não se fazem hoje sem o suporte das tecnologias de informação, como CCN [...], [Catálogo Coletivo Nacional], Comut [...], e correio eletrônico. Bons serviços aos usuários requerem cada vez mais a organização de bibliotecas em redes e sistemas que dependem da tecnologia da informação para viabilizar a cooperação e compartilhamento de recursos. A formação profissional através das disciplinas que correspondem a essas atividades deve também refletir a realidade dessas práticas. (MARCONDES, 200-?).

Percebemos que o ensino da TI deveria estar presente nas mais diferentes disciplinas da formação do profissional afim de que estas sejam usadas como meio para melhorar, potencializando e otimizando as práticas bibliotecárias.

Para que isso ocorra é preciso existir paralelo a isso um trabalho de "reciclagem" dos professores, sendo que:

O enfoque deve ser alterado da automação de bibliotecas como um momento singular e excepcional da vida das instituições de informação para um enfoque abrangente das tecnologias da informação, centrada nos usuários, nas suas necessidades e no potencial das tecnologias de in-

formação como um meio de viabilizar novos e melhores serviços e produtos. (MARCONDES, 200-?).

A proposta a ser adotada para a melhoria da realidade atual seria a complementação das disciplinas existentes com conteúdos como redes, sistemas operacionais, aplicativos como editores de texto, planilhas eletrônicas gerenciadoras de bases de dados, bem como a introdução de conteúdos novos como navegação na internet, uso do correio eletrônico, dentre outros.

Além disso, poderiam ser adotadas extensões das atuais disciplinas de caráter administrativa e gerencial para bibliotecas, onde seriam incluídos conteúdos como gestão, avaliação, seleção e administração da TI, bem como estado da arte e novas potencialidades de tecnologias de informação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema abordado neste artigo mostra o quanto a tecnologia da informação está presente no cotidiano das pessoas. Olhando criticamente, reconhecemos que a humanidade usa a informação a milhões de anos, porém, nos últimos anos esta teve seu papel reconhecido em grandes proporções através do uso das tecnologias, mais especificamente a utilização intensa dos computadores.

Ao mesmo tempo em que temos rápido acesso a informação esta se deteriora de modo inacreditável. A utilização da tecnologia da informação assume papel de vital importância para a democratização da informação sendo que esta ganha importância na sociedade da informação.

Procurou-se de modo claro e objetivo para, desse modo contextualizar o que é tecnologia da informação e quais os seus impactos na sociedade da informação.

THE INFORMATION TECHNOLOGY: and your impacts in the society of the information

ABSTRACT

The study introduces the information technology as indispensable writ of error for the development and democratization of the information, and this wins importance in the society of the information. It introduces the historical context of the technology, embracing since the first technologies until in excess current. It boards to you in the libraries changing the routine of the libraries and exercising influence in the professional's profile of the information and also in the user profile. It shows the impacts of the you in the practices informacionais and concludes giving with the current curriculum according to you.

Keywords: Technology of the Information. Society of the Information. Professional of the information.

REFERÊNCIAS

- ALECRIM, Emerson. **O que é tecnologia da informação (TI)**. 2004. Disponível em: <<http://www.infowester.com/col150804.php>>. Acesso em: 10 dez. 2007.
- AMARAL, Sueli Angélica do. Serviços Bibliotecários e Desenvolvimento Social: um desafio profissional. **Ciência da Informação**, v. 27, n. 2, 1995.
- BERTGES, Luis Antônio. Tecnologia da Informação. Disponível em <http://www.powerline.com.br/~bertges/LIVRO_i.htm>. Acesso em: 2 dez. 2007.
- CARMO, Romeu Mendes do. **Gestão da Tecnologia da Informação**. Disponível em <<http://www.giarh.com.br/p39.html>>. Acesso em: 30 nov. 2007.

COELHO, Elizmeire Silva; SANTOS, Neide Daiane Silva. O Ensino das Tecnologias de Informação no Currículo Atual do Curso de Biblioteconomia. In: **Revista Bibliomar**. São Luis. v. 4, n.2, p.57-76, jul./dez. 2005.

DUARTE, Luciano Soares. **A Biblioteconomia e a situação frente às novas Tecnologias e ao novo usuário**. Disponível em <<http://www.br.geocities.com/lucianoduarte/novatec.pdf>> Acesso em: 30 nov. 2007.

GUEDES, Sandra. **Sociedade do Conhecimento: a exclusão como herança histórica**. São Paulo. Mar. 2006. Disponível em <http://www.miniweb.com.br/servicos/artigos_homil/e-learning.html>. Acesso em: 11 dez. 2007.

LAURINDO, Fernando José Barbin et al. **O papel da tecnologia da informação (TI) na estratégia das organizações**. [2001?]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/gp/v8n2/v8n2a04.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2007.

MARCONDES, Carlos H. **Tecnologias da Informação e Impactos na formação do Profissional da Informação**. Disponível em <<http://www.professores.uff.br/marcondes/automacao%20Bibliotecas.htm>>. Acesso em: 30 nov. 2007.

NEITZEL, Luiz Carlos. **O bit na galáxia de Gutenberg**. [s.l., 2001]. Disponível em: <<http://abn.com.br/artheca34guten.htm>>. Acesso em: 15 nov. 2007.

PANTOJA, Verônica Costa et al. **Tecnologia da Informação e Comunicação e a Sociedade da Informação: uma contribuição para a inclusão**. Disponível em <<http://www.reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/17170/1/R1887.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2007.

QUEIROZ, Rita de C. R. de. **A informação escrita: do manuscrito ao texto virtual**. São Paulo, [200-?]. Disponível em: <http://www.cinform.ufba.br/vi_anais/docs/RitaQueiroz.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2007.

REZENDE, Denis Alcides; ABREU, Aline França de. **Tecnologia da informação aplicada a sistemas de informação empresariais: o papel estratégico da informação e dos sistemas de informação nas empresas**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 78.

SANTOS JUNIOR C, Silvio; FREITAS, Henrique; LUCIANO, Edimara Mozzomo. **DIFICULDADES PARA O USO DA TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO**. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1676-56482005000200005&script=sci_pdf>. Acesso em: 08 dez. 2007.

SOARES, Magda. **Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura**. Campinas, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2007.

TECNOLOGIA da informação. [200-?]. Disponível em: <<http://www.infowester.com/coll50804.php>>. Acesso em: 08 dez. 2007.

TECNOLOGIA da informação. [2001?]. Disponível em: <<http://www.inf.pucrs.br/~gilberto/Microinformatica/TI.pdf>>. Acesso em: 08 dez. 2007.

LEITURA E MOTIVAÇÃO INFANTIL*

Cecilia de Jesus Rodrigues[†]
 Creusa Madeira Abreu^{**}
 Leididaina Araújo e Silva^{***}
 Célia Regina Bertulucci^{****}

RESUMO

Leitura como instrumento de motivação no processo de ensino-aprendizagem e sua influência na formação e construção do desenvolvimento cognitivo. Aborda a utilização de instrumentos de motivação para a leitura na infância, ressaltando a relação educador-educando. Enfatiza a interação dos pais, mestres e toda sociedade neste processo. Destaca a potencialidade de cada indivíduo no e os tipos de motivação existente.

Palavras-chave: Leitura. Desenvolvimento cognitivo. Motivação.

1 INTRODUÇÃO

O processo de ensino-aprendizagem é dinâmico, e tratando-se da infância, requer cuidado ao que diz respeito à percepção e nível em que cada criança se encontra, mas para realizar um trabalho eficaz e flexível antes de tudo precisa-se de estratégias que permitam alcançar a área cognitiva que contribui para o desenvolvimento de habilidades e competências nesta fase da vida. É válido frisar, que

* Artigo produzido e apresentado à revista *Bibliomar* do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

** Aluna do 5º período do curso de Biblioteconomia da UFMA e bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET).

*** Alunas do 5º período do curso de Biblioteconomia da UFMA e bolsistas do CNPq.

**** Psicóloga e Mestre em Gestão Empresarial pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Orientadora do grupo na produção do artigo.

a família por ser a instituição primária de um cidadão, tem papel preponderante nesta empreitada.

A perspectiva da convivência em um meio harmônico e propício a este desenvolvimento cognitivo, proporcionarão a criança ter um gosto maior pela leitura. É necessário que os pais despertem em seus filhos o fascínio pela leitura, deixem a disposição materiais para o manuseio, planejem ocasiões para fazer leituras e contar histórias até tornar-se uma prática constante. Visto que a leitura exerce influências em nossa vida, a família não pode se omitir da responsabilidade na formação de leitores críticos e conscientes.

Sabendo que o comportamento é orientado pelo desejo consciente, a partir de então a escola também passa a exercer um papel fundamental nesse processo de construção e descobrimento da leitura nas séries iniciais, pois os maiores responsáveis em apresentar e divulgar a leitura nesta fase de formação enfatiza-se que são necessárias atividades vitais para a socialização do ser humano como: organizar-se, viver em grupo, comunicar-se, criar e leituras que favoreçam o pensamento a organiza-se e trocar de informações quer seja falada ou escrita.

Conforme Meirieu (1998), o papel do educador é suscitar e desenvolver na criança um certo número de estados físicos, intelectuais e morais que tanto a sociedade política quanto o meio social ao qual está, particularmente destinada exigem dela.

É importante frisar que se pretende também focalizar a prática do bibliotecário em relação à aprendizagem dos usuários, procurando uma concepção educacional que concentre o potencial humano para a criatividade e a liberdade no interior das estruturas política, econômica e cultural que produzem oportunidades e informações relevantes.

A escola deve utilizar [...] em contato com os pais [...] seus objetivos, recursos, problemas e também sobre as questões pedagógicas. Só assim eles vão se sentir comprom-

tidos com a melhoria da qualidade escolar. [...] é preciso ter objetivos bem definidos e conhecer as famílias e a comunidade em que a escola está inserida. (REVISTA DO PROFESSOR NOVA ESCOLA, 2003, p. 39).

Concordando com este pensamento Foucambert (1994, p. 120) deixa claro que [...] ser leitor e sentir-se comprometido com seu estar no mundo e com a transformação de si, dos outros, das coisas [...] essa compreensão é inseparável da ação para transformá-lo. A realidade do aluno deve ser respeitada pela escola, o sucesso de sua aprendizagem depende também deste elemento e do ponto de vista psicológico a motivação é uma necessidade de reconhecimento social e dividindo-se em motivação: intrínseca e extrínseca.

O objetivo deste trabalho é analisar o uso eficaz da leitura motivacional; saber como ela se reflete na educação da sociedade e como as bibliotecas estão inseridas neste processo enriquecedor de descobertas.

2 LEITURA E MOTIVAÇÃO

Pais e professores têm influência decisiva no interesse que pela promoção e prospecção da leitura nos filhos que quando estimulados, a leitura transcende-se viabilizando também o aparecimento de leitores criativos, perceptivos com um desenvolvimento de qualidade devido ao processo de maturação construído cedo e organizado.

Trabalhar em bibliotecas para as séries iniciais reafirma-nos que é preciso garantir o caráter lúdico nesta fase da vida e a motivação para cultivar o gosto pela leitura, pois o bibliotecário tem condições também didáticas que melhor favoreça sua prática educativa.

Kato (2004) destaca que o gosto pela leitura segue um desenvolvimento natural, isto é, biológico que está iniciando a prática leitora. Desse modo, entende-

se que o ato de ler é um processo natural, porém consolida-se de forma harmônica quando a criança recebe estímulos motivacionais dos pais ou professores e em contrapartida, conseguem realizar leitura, primeiramente por imaginar personagens que geralmente encontram-se nos textos e que mais tarde constituirão os processos psicolinguísticos envolvidos na leitura, ou seja, as fases de aprendizagem lingüística seguem uma ordem hierárquica que se inicia respectivamente com: o imaginário, pictograma, ideogramas, alfabeto e a formação de palavras.

A motivação no contexto da Psicologia baseia-se em estímulos comportamentais resguardadas em teorias como

- a) Behaviorista que centraliza o impulso humano a agir e as respostas aos estímulos pode ser gratificante ou não. (iniciado com John B. Watson).
- b) Cognitiva adquire-se e elabora-se facilmente informações em experiências (percepção, pensamento, raciocínio, valores etc.) que regula a conduta para uma meta almejada.
- c) Psicanalítica o comportamento determina a motivação inconsciente e impulsos instintivos da estrutura Id da personalidade e que busca a satisfação completa do inconsciente. (Sigmund Freud)
- d) Humanista não é redutível à sua fisiologia mecânica ou cognitiva a estímulos apoiada por Maslow e Rogers.

E integrando o pensamento de Santos (1983), a leitura é um processo que se constitui da identificação das palavras; interpretação e compreensão o texto. O conhecimento sobre este processo, nos ajuda a organizar a linguagem, pois a Psicologia e a Biblioteconomia enquanto ciências se tornam responsáveis em conduzir o comportamento das pessoas para uma mudança (aprendizagem) em direção aos objetivos da educação nos variados contextos sociais proporcionar aos leitores a compreensão e crédito de suas próprias convicções, pois quando

estimulados e dispostos a contribuir no desenvolvimento educacional da sociedade ajuda consideravelmente os bibliotecários no sucesso da disseminação da informação.

O desenvolvimento e aprimoramento que da leitura a partir da prática, resulta em pessoas mais comunicativas: com raciocínio mais sistematizado, coerente e argumentativo.

O acesso à informação e à leitura é condição básica para uma participação ativa na sociedade, além de se constituir em condição fundamental para o desenvolvimento de práticas sociais, culturais e práticas que determinam a nossa existência no mundo e as nossas atuações profissionais. (CASTRO, 2007, p. 189).

A educação para a vida social deve suscitar o processo mobilizador de reflexão, proporcionando também a interação com o meio em que se encontra

[...] a importância de bibliotecas e museus que impulsionam o conhecimento da realidade e ampliam os horizontes. A ausência de ambientes dessa natureza provoca uma fome diferente, uma fome de leitura, uma debilidade mental, repercutindo diretamente na falta de criatividade, de usar idéias para solucionar problemas. (BLATTMANN, FRAGOSO, 2003, p. 62).

Apesar das campanhas e projetos de incentivo à leitura, percebe-se que na conjectura socio-econômica contemporânea, atrelada aos sistemas tecnológicos, que alegam indisponibilidade para dedicar-se à leitura, verifica-se o elevado índice de crianças que decodificam frases, porém mal compreendem seu sentido.

3 O PROCESSO DA LEITURA

Apresentar de imediato o gosto por algo desconhecido é uma insensatez enorme, mas de acordo com Hilgard (apud ATKINSON 2000, p. 270-271) [...] as causas da motivação variam de eventos fisiológicos no cérebro e no corpo até nossa cultura e interação social com outros indivíduos a nossa volta.

E segundo Campos, (1980 p. 104) a motivação humana representa para o educador uma necessidade amplamente reconhecida, principalmente em uma sociedade democrática, onde o conteúdo e os métodos da educação devem, sempre que possível, respeitar os motivos individuais e os da comunidade em que vive o educando que a partir de tal situação o determinará como um leitor ativo ou receptor de estruturas e regras lingüísticas da informação.

A partir das definições citadas por esses autores, observa-se que o propósito da motivação está sempre relacionado ao grupo social e uma posterior aceitação; um bom desempenho individual ou de uma equipe.

[...] as experiências das pessoas com a leitura e a escrita variam muito conforme a classe social a que pertencem. Em certas famílias, a leitura e a escrita fazem parte da vida cotidiana [...] Na maioria das famílias pobres, porém, os atos de leitura e de escrita são raros ou mesmo inexistentes, seja porque as pessoas não aprenderam a ler, seja porque suas condições de vida e de trabalho não exigem o uso da língua [...] as motivações das pessoas são diferentes e a escola se engana quando supõe que a leitura e a escrita têm o mesmo sentido para todos. (CARVALHO, 1994, p. 13-14).

Outro fator importante, é que o estímulo à leitura dentro das bibliotecas, elas devem criar um local onde a aprendizagem possa ser eficiente. Pois o suces-

so do usuário e sua efetiva aprendizagem serão evidenciados, pelo desempenho do bibliotecário.

Vale lembrar que cabe ao pedagogo e ao bibliotecário, como profissionais da educação e informação respectivamente, ter um profundo conhecimento da teoria e prática da área de cada um como todo com muita disposição e interesse.

A pessoa pode começar a aprender com um nível relativamente baixo de motivação; mas, à medida que progride, que experimenta êxito e competência crescente, ou que e, de algum modo beneficiada pelo fato de estar aprendendo, seu nível de motivação pode elevar-se de modo significativo. (PFROMM NETO, 1987, p. 113).

A descoberta e a implementação de alternativas libertadoras na interação e transformação sociais, via o processo de conscientização definida como o processo, o qual as pessoas atingirão uma profunda compreensão, tanto da realidade sócio-cultural que conforma suas vidas, quanto de sua capacidade para transformá-la.

A motivação intrínseca parte do próprio indivíduo; sua necessidade de aprender e ser reconhecido por seu aprendizado. A motivação extrínseca está relacionada com o meio em que vive e os elementos que favoreçam ou desfavoreçam suas atividades, pois a leitura é uma atividade que às vezes requer certo esforço para obtenção do correto entendimento, talvez até recorrendo a pesquisas em outras fontes como dicionários, textos de internet, enciclopédias entre outros.

Alguns alunos não se envolvem em uma ou outra atividade. Outros fecham-se completamente ao saber, não querem participar e nada fazem para aprender. Esses casos extremos se desenvolvem a partir de situações aparentemente sem importância (um jovem desligado ou inquieto). O professor deve observar atentamente o aluno e fazer

intervenções sempre que qualquer tipo de desinteresse aparecer. (BORUCHOVITCH; BZUNECK, 2003, p. 14).

A ação tomada a partir do reconhecimento deste quadro de situações proporciona atuação prática e determinante da criança que inicia no mundo dos livros que se transformara em um adulto que optará ou não pela valorização da leitura, expressão coincidentemente apoiada pela professora de Literatura da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e autora, de diversos livros, Marisa Lajolo em entrevista a revista Nova Escola.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os profissionais da informação, que se preocupam com o processo do desenvolvimento cognitivo de seus leitores, a motivação é algo que precisa ser constantemente trabalhado por profissionais da área de formação e afins, cabendo a estes profissionais utilizar a leitura no processo de construção de ensino-aprendizagem que além de preservar a memória e a cultura acima de tudo a necessidade de ir além do proposto, pode dar visibilidade e credibilidade do que é ser e fazer bibliotecário.

Durante milênios, o saber ler, foi uma forma de discriminação social. [...], o saber ler esteve ligado às esteras do poder e da religião. Na idade média, a leitura era concebida como possibilidade de acesso de um sujeito a um tesouro. (LUCAS, 2000, p.36 e 37).

Portanto, adotar práticas de incentivo a leitura dentro das bibliotecas contribuem maciçamente para o estímulo a diminuição da evasão escolar e valorização dos educadores (professor e bibliotecário), pontos que são alcançados mediante planejamento e outros princípios norteadores que impulsionam as transformações da realidade social em produtivos relatos de experiência.

READING AND INFANTILE MOTIVATION

ABSTRACT

Reading as motivation instrument, as well as all in the process of readers' formation the need of the influences of the middle for whole that formation process and construction of the teaching apprenticeship the reading in the childhood cognitive development. It is treating the reading in the process of construction of the learning in several areas of the knowledge. It also seeks to the elaboration of the knowledge get through the social and cultural way. He/She also treats from the relationship educator and educated, emphasis to the reading as motivation, as that process is accomplished in the childhood. And group in consideration the parents' interaction, masters and every constituted society, emphasize the potentiality of each person of the

Keywords: Read. Cognitive development. Motivation.



REFERÊNCIAS

- ATKINSON, L. Rita et al. **Introdução à psicologia de Hilgard** 13. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2002.
- BENCINI, Roberta. Como atrair os pais para a escola: veja como é possível estreitar a relação com a família e formar uma parceria produtiva. In: _____, **Revista do professor nova escola**, 166. ed. São Paulo: Abril, p. 38-39, out. 2003.
- BIRCH, David; VEROFF, Josep. **Motivação**. São Paulo: Herder, 1970.
- BORUCHHOVITCH, Evely; BZUNECK, José Aloyseo (Orgs.). **A motivação do aluno**. São Paulo: Vozes, 2003, p. 183.
- BLATTMANN, Ursula; FRAGOSO, Graça Maria (Org). **O zapear a informação em bibliotecas e na Internet** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

CAMPOS, Souza de Martins Dinah. **Psicologia da aprendizagem**. São Paulo: Vozes, 1980.

CASTRO, César Augusto (Org). **Conhecimento, pesquisa e práticas sociais em Ciências da Informação**. São Luis: Edufma, 2007.

CARVALHO, Marlene. **Guia prático do alfabetizador**. São Paulo: Ática, 1994, p. 95.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre: ARTMED, 1994.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Tradução de Moacir Gadotti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

KATO, Mary A. Como a criança aprende a ler: uma questão platoniana. In: _____, **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2004. p. 30-37.

LUCAS, Clarinda Rodrigues. **Leitura e interpretação em biblioteconomia** Campinas: Unicamp, 2000.

MEIRIEU, Philippe. **Aprender... sim, mas como?** 7. ed. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

MORGAN, Clifford Thomas. **Introdução à psicologia**. São Paulo: McGrawhill do Brasil, 1997.

PFROMM NETTO, Samuel. **Psicologia da aprendizagem e do ensino**. São Paulo: Epu, 1987.

SANTOS, Eli Rozendo Moreira. **Por que lemos mal e como ler e estudar melhor**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1980.

WAJNSTEJN, Alessandra Caturani; WAJNSTEJN, Rubens. **Dificuldades Superáveis**. São Paulo: Arzems, 2005.

PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO: uma perspectiva para a Unidade de Informação¹

Analina de Jesus Rodrigues²
Rafaela Soares³

RESUMO

Estudo sobre Planejamento Estratégico como uma perspectiva de direcionamento para uma Unidade de Informação. Relata sobre Planejamento numa perspectiva global, destacando aspectos inerentes a sua estruturação, bem como, seus conceitos, características e finalidades, apontando reflexões sobre as contribuições do mesmo para a Unidade de Informação. Aborda sobre o Planejamento Estratégico como processo que permite a sistematização das ideias de forma clara e objetiva, contribuindo para o processo da tomada de decisões. Descreve procedimentos pressupostos, fazendo uma breve discussão sobre a visão de Carvalho e Laurindo (2003) acerca dos passos para a elaboração do Planejamento Estratégico.

Palavras-chave: Planejamento estratégico. Unidades de Informação.

1 INTRODUÇÃO

O Planejamento Estratégico como método pelo qual a empresa (Unidades de Informação) define a mobilização dos seus recursos para alcançar os objetivos propostos é um instrumento fundamental para estabelecer caminhos a serem seguidos, visando elevar o grau de interações com os ambientes internos e externos.

¹ Artigo apresentado a Disciplina de Planejamento em Unidade de Informação, ministrada pela Prof.^a Msc. Raimunda Marinho, no 5º período do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

² Estudantes do 6º período do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão.

Para tanto, no intuito de discutir a importância do planejamento será feita uma breve síntese do mesmo no âmbito geral.

Percorreremos, a seguir, as concepções de estratégia com o fim de aprofundar a discussão quanto a importância do Planejamento Estratégico para a Unidade de Informação, destacando-se neste texto, a visão de Carvalho e Laurindo (2003), sobre esse contexto.

Para compreender tais discussões, torna-se imprescindível a contribuição de alguns autores, em que Almeida (2005) será uma das principais referências e suas reflexões constituirão a base do estudo sobre o Planejamento Estratégico. Far-se-á também, uma breve discussão da visão de Carvalho sobre os passos para a elaboração do Planejamento Estratégico.

2 PLANEJAMENTOS por onde começar a pensar?

Após a Segunda Guerra Mundial o planejamento passou a ser considerado como um procedimento lógico capaz de auxiliar efetivamente os esforços e desenvolvimento econômico e social. Nesta perspectiva, Carvalho (1978, p. ?) afirma que:

O planejamento deve ser entendido como um processo através do qual se pode dar maior eficiência à atividade humana para alcançar, em um prazo determinado, um conjunto de metas estabelecidas. Compreende-se planejamento, antes de tudo, como um processo lógico que auxilia o comportamento humano racional na concepção de atividades intencionais voltada para o futuro. Para um futuro mediato, ou seja, aquele que é previsto através do raciocínio, e não para o futuro apenas imediato obtido pela prática do existir predominantemente sensorial.

Portanto, planejar significa estabelecer objetivos, definir planos para a realização desses objetivos. Além de que, planejar consiste em grande parte na tomada de decisões seqüenciais e, por isso, hierarquizáveis que controlam ação futura e permitem prever o que fazer a médio e longo prazo.

O planejamento como um processo sistematizado contribui para chegar-se a certo resultado e, objetiva também, aumentar a cientificidade do processo de tomada de decisões. No entanto, o planejamento deve ser um processo contínuo, permanente e dinâmico, visto que, com a realização constante dessa prática consegue-se obter alguns resultados imediatos. Em concordância com isso, Almeida (2005, p. 2) afirma que:

[...] reduz-se o grau da incerteza dentro da organização, limitam-se ações arbitrárias, diminui-se riscos ao mesmo tempo em que se dá rentabilidade máxima aos recursos, tira-se proveito de oportunidades, com a melhoria da qualidade de serviços e produtos, e garante-se a realização dos objetivos visados.

O planejamento é constituído por um conjunto de fases que se sucedem e interagem sistematicamente. Essas fases, em sua generalidade são: conhecimento da realidade, decisão, ação e crítica, que tornam possíveis a redução de riscos e permitem ao profissional da informação análise e compreensão das ameaças e oportunidades do ambiente interno e externo possibilitando o monitoramento das ações.

Tendo em vista os objetivos almejados, o planejamento é, justamente, a inteligência que dá eficácia às tomadas de decisões. Em concordância com isso Tosi (2003, p. 85) afirma que:

Planejar significa estabelecer objetivos bastante amplos, descobrir a realidade social concreta, observar recursos disponíveis (humanos, materiais e financeiros), determinar

uma metodologia prática viável e que unifique os diferentes recursos, estabelecer um tempo mínimo e o máximo para a execução das etapas, e viabilizar itens que permitam a efetivação desse plano inicial [...] não trabalha com detalhes, mas sim com princípios.

Nesse sentido vê-se o planejamento como direcionamento de uma instituição e seu caráter é amplo. Diz respeito à necessidade de se mudarem os rumos, a fim de obter um domínio completo da realidade, para se conseguir maior sucesso. Esse sucesso está fundamentado no percurso do planejamento e na prática do planejador.

Portanto, o planejar consiste em definir o que se almeja, tomar direcionamento para realizar ações, estabelecer metas e definir quais os métodos para atingir as propostas traçadas. Requer também, um cuidado com instruções e treinamento das pessoas quanto aos objetivos a serem alcançados e no uso e orientação dos recursos (utilização da infra-estrutura) e manter o foco nas atividades e tarefas a serem implementadas.

3 ALARGANDO A VISÃO SOBRE ESTRATÉGIA

A palavra estratégia vem do grego *estratego*, que significa general. Na clássica divisão dos aspectos da guerra entre o operacional, tático e estratégico, sendo que, o aspecto estratégico está ligado ao âmbito mais geral e abrange um tempo mais longo. Embora esse significado tenha mudado através dos anos, desde as guerras napoleônicas engloba aspectos militares, políticos e econômicos. Nesse contexto, entende-se por estratégias a mobilização de todos os recursos da empresa (Unidade de Informação) no âmbito global, visando atingir objetivos previamente, trata-se de uma metodologia gerencial que permite estabelecer o

caminho a ser seguido pela empresa (Unidade de Informação), visando elevar o grau de interações com os ambientes internos e externos.

Em concordância com isso, Christen (1997 apud CARVALHO; LAURINDO, 2003) destaca que o problema na elaboração da estratégia reside no fato de que, usualmente essa atividade não é exercida todos os dias, o que implica não está no cerne das atividades dos executivos. A estratégia deve apresentar coerência com o meio ambiente na qual a instituição se insere e os recursos dessa instituição devem ser alinhados com a execução dessa estratégia. Desse modo, acredita-se que há uma deficiência na vinculação e no alinhamento entre o processo de conceber a estratégia e o processo da implementação da mesma.

Acredita-se que elaborar estratégia implica assumir postura revolucionária que afetam de maneira significativa a maneira das empresas operarem, isso significa que as estratégias devem ser bem elaboradas visando suprir as necessidades da instituição no momento em que forem aplicadas.

Portanto, entende-se que a essência da estratégia está na instituição (biblioteca) selecionar uma posição que possa sustentar como sua, além disso, deve entender que desenvolver a estratégia é um processo que envolve elaborar questões, gerar alternativas e fazer escolhas. Essas questões de escolha segundo Carvalho e Laurindo (2003) envolvem três dimensões: quais clientes focar, quais produtos oferecer e como realizar essas atividades de maneira eficiente. As respostas a essas três questões resultam a posição estratégica da instituição se ela será bem ou mal sucedida.

4 PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO: *uma perspectiva para a Unidade de Informação*

O planejamento estratégico, na visão de Gandin (1994) recebe o nome de Planejamento Político. Este por sua vez é o planejamento do "para quem".

do "para quem", incluindo o "quê", mas abrangente; trata dos fins; é globalizante; dá ênfase a criatividade, às abordagens gerais, buscam a eficácia; realiza-se no longo e médio prazo; tem o plano como expressão maior.

O planejamento político ou estratégico nutre-se na Ideologia, na Filosofia, nas Ciências buscando estabelecer o rumo, firmar missão da instituição, do grupo ou do movimento que está em planejamento, é o chamado planejamento institucional, da alta administração. Com relação a esse aspecto, Almeida (2005, p. 7) enfatiza: "[...] é o planejamento estratégico que consiste no processo de decisão relativa aos objetivos da organização e, a partir de observações das ameaças e oportunidades têm-se noção das decisões a serem tomadas".

Ainda na visão de Almeida (2005, p. 8), o planejamento em bibliotecas e Unidades de Informação:

[...] localiza-se frequentemente nos níveis intermediário e operacional, mas, sendo o planejamento estratégico uma prerrogativa dos níveis de direção da organização a que pertencem. Isso não quer dizer que a Unidade de Informação não possa planejar de maneira estratégica, ou seja, levando em consideração as forças restritivas (problemas e limitações) e as forças propulsoras (vantagens) do seu ambiente e da instituição mantenedora, definindo objetivos, traçando prioridades, avaliando alternativas de cursos de ação. Apenas significa que o Planejamento em Unidade de Informação deve ser coerente com os objetivos e estratégias definidas pela direção da organização e não, como às vezes observamos navegar na direção oposta.

Para tanto, este deve ser executado com maior frequência nas bibliotecas e Unidades de Informação, visto que o planejamento estratégico é um processo que permite estabelecer um direcionamento a ser seguido pela organização, cujo objetivo é manter uma relação entre a organização e o ambiente através da execução de objetivos pré-estabelecidos.

Na Unidade de Informação, o Planejamento estratégico deve ser flexível e servir de referência e guia para a ação organizacional. Para tanto, Carvalho e Laurindo (2003) pressupõe que a elaboração do Planejamento estratégico envolve os seguintes passos:

- a) **formulação dos objetivos organizacionais** - a empresa define os objetivos globais que pretende alcançar a longo prazo e estabelece a ordem de importância e prioridade em uma hierarquia de objetivos.
- b) **análise interna das forças e limitações da empresa** - neste item, faz-se uma análise das condições internas da empresa para permitir uma avaliação dos principais pontos fortes e dos pontos fracos que a organização possui. Os pontos fortes constituem as forças propulsoras da organização que facilitam o alcance dos objetivos organizacionais - e devem ser reforçados, enquanto os pontos fracos constituem as limitações e forças restritivas que dificultam ou impede o seu alcance - e que devem ser superados. Essa análise interna envolve: análise dos recursos (recursos financeiros, máquinas, equipamentos, matérias-primas, recursos humanos, tecnologia etc.) de que a empresa dispõe para as suas operações atuais ou futuras; análise da estrutura organizacional da empresa, seus aspectos positivos e negativos, divisão de trabalho entre departamentos e unidades e como os objetivos organizacionais foram distribuídos em objetivos departamentais; avaliação do desempenho da empresa, em termos de lucratividade, produção, produtividade, inovação, crescimento e desenvolvimento dos negócios.

- c) **análise externa** - trata-se de uma análise do ambiente externo à empresa, ou seja, das condições externas que rodeiam a empresa e que lhe impõem desafios e oportunidades. A análise externa envolve: mercados abrangidos pela empresa, características atuais e tendências futuras, oportunidades e perspectivas; concorrência ou competição, isto é, empresas que atuam no mercado, disputando os mesmos clientes, consumidores ou recursos; a conjuntura econômica, tendências políticas, sociais, culturais, legais etc., que afetam a sociedade e todas as demais empresas;
- d) **formulação das alternativas estratégicas** - nesta quarta fase do planejamento estratégico formulam-se as alternativas que a organização pode adotar para alcançar os objetivos organizacionais pretendidos, tendo em vista as condições internas e externas. As alternativas estratégicas constituem os cursos de ação futura que a organização pode adotar para atingir seus objetivos globais. De um modo genérico, o planejamento estratégico da organização refere-se ao produto (bens que a organização produz ou serviços que presta) ou ao mercado (onde a organização coloca seus produtos ou bens ou onde presta seus serviços).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As decisões planejadas ajudam a dar estabilidade à organização e, conseqüentemente, criam um ambiente mais equilibrado e mais produtivo. Nesse intuito, a Unidade de Informação deve, portanto, identificar, atrair e adotar o planejamento estratégico como uma prática constante, tendo em vista, que é um processo administrativo que visa determinar a direção a ser seguida para alcançar um resultado desejado. É uma espécie de "bússola" que direciona a organização, a fim

de possibilitar que se perceba a realidade, avalie os caminhos, construindo um referencial futuro, sendo, portanto, o lado racional da ação que busca alcançar da melhor forma possível, os objetivos pré-definidos.

Nesse sentido, vê-se o planejamento como o norteador das tomadas de decisões de uma instituição, visto que diz respeito à necessidade de se mudarem os rumos, a fim de obter um domínio mais completo da realidade, para se conseguir maior sucesso. Portanto, o planejar consiste em definir o que se almeja, tomar direcionamento para realizar ações, estabelecer metas e definir quais os métodos para atingir as propostas traçadas. Requer também, um cuidado com instruções e treinamento das pessoas quanto aos objetivos a serem alcançados, mantendo o foco nas atividades e tarefas a serem implementadas. Nessa perspectiva, o planejamento tem caráter de controlar métodos, padronizar, capacitar e incentivar a tomada de decisões, através de estratégias diferentes, racionalizadas, mediante hipóteses que colocam em prática suas idéias, a fim de notarem sucessos e insucessos nas bases teóricas da administração de uma Unidade de Informação.

STRATEGIC PLANNING:

a vision for the units of information

ABSTRACT

Study on Strategic Planning as the prospect of directing for a Unit of Information. Reporting on planning a global perspective, emphasizing aspects inherent in its structure, and its concepts, characteristics and purposes, pointing reflections on the contributions of the same for the Intelligence Unit. Addresses on the Strategic Planning as a process that allows the systematization of the ideas in a clear and objective, contributing to the process of decision-making. Describes procedures assumptions, mak-

ing a brief discussion on the vision of Carvalho and Laurindo (2003) about the steps for the preparation of Strategic Planning.

Keywords: Strategic Planning. Units of Information.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Christina Barbosa de. **Planejamento de Bibliotecas e serviços de informação**. 2. ed. rev. e ampl. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2005. 144p.
- CARVALHO, Marly Monteiro de; LAURINDO, Fernando José Barbin. **Estratégias para a competitividade**. São Paulo: Futura, 2003.
- GANDIN, Danilo. **A prática do planejamento participativo**: na educação e em outras instituições, grupos e movimentos dos campos culturais, social, político, religioso e governamental. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. 183p.
- TOSI, Maria Raineldes. Planejamento. In: _____. **Didática geral**: um olhar para o futuro. 3. ed. rev. e atual. Campinas: Alinea, 2003. p. 83-91.

O FUTURO DO LIVRO IMPRESSO *VERSUS* A REALIDADE VIRTUAL

Denise Sousa de Carvalho^{*}
 José Marcelino Nascimento Veiga Júnior^{**}
 Josimary Lira Costa^{**}
 Ellen Marlene Costa Couto^{***}

RESUMO

Estudo sobre a evolução do livro em suas várias fases, desde a escrita até os livros virtuais. Relata fatos sobre sua história, destacando as contrariedades e os aspectos em comum entre Rogier Chartier e Arlindo Machado no que se refere ao suposto desaparecimento do livro impresso pela substituição do livro eletrônico, ressaltando visões de outros autores a respeito deste contexto. Descreve a importância do livro escrito e a do livro eletrônico, como formas de se conservar e preservar o conhecimento humano.

Palavras-chave: Livro. Evolução. Conhecimento.

1 INTRODUÇÃO

A evolução do livro se constitui de inovações técnicas que permitiram a melhoria da conservação do conhecimento e do acesso à informação, da facilidade em manuseá-lo e produzi-lo. Essa história é fortemente ligada às contingências políticas e econômicas, a história de ideias e a história das religiões. Há cerca de 30 mil anos, o homem fazia registros talhados nas paredes das cavernas, para gravar fatos e mensagens. Entre os sumérios, a escrita era realizada em tijolos de

* Artigo apresentado à disciplina História do Livro e das Bibliotecas, ministrada pelo Prof. Dr. Cesar Castro.

** Estudantes do 7º período do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão-UFMA.

*** Estudante do 6º período do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão-UFMA.

barro cozido com textos gravados. Já os egípcios faziam rolos de papiro que chegavam a vinte metros de comprimento, escritos em hieróglifos. Os chineses, por sua vez, utilizavam rolos de seda para fazer seus livros e os romanos escreviam em tábuas de madeira cobertas de cera. Hoje, chamamos de livro a reunião de folhas contendo informações impressas presas por um lado e montadas em capa. Com o surgimento da tecnologia, a interação entre os homens se tornou mais ampla, pois proporcionou maior agilidade nos meios de acesso à comunicação. Esse avanço trouxe discussões, ora divergentes ora similares, sobre o futuro do livro impresso, destacando-se, neste texto, a visão de Roger Chartier (1994) e Arlindo Machado (1994b) sobre esse contexto.

Enfim, as novas tecnologias vieram alterar as formas de apropriação mudando o suporte do texto e o modo de lê-lo, facilitando o acesso à informação. Porém, o livro continuara sendo um instrumento importante para conservação da cultura da humanidade.

2 A ESCRITA COMO INSTRUMENTO DE PODER

Antes de se falar propriamente do livro impresso, é necessário voltar à antiguidade e comentar sobre aquilo que o antecedeu, a escrita. A escrita consiste na forma de transmitir e conservar as ideias, os costumes, os feitos etc., de um povo. Para Martins (2002, p. 33), "a escrita é apenas um - provavelmente o mais perfeito e o menos obscuro - entre inúmeros outros sistemas de linguagem visual [...]".

Há três mil anos a.C. a escrita era realizada em tablete de argila, tijolos de barro cozido com textos gravados, conhecida como cuneiforme, pois os traços são em forma de cunhos, originária no sul da Mesopotâmia, entre os sumérios.

Segundo Pereira Junior

Quando o tablete de argila estava fresco, o escriba, com um estilete cuja ponta estava talhada em bico de flauta

(a maior parte das vezes um simples fragmento de cana), imprimia os sinais sem os traçar, apoiando a extremidade de seu estilete, numa posição quase horizontal, crivando, assim a argila de pequenos cunhos, de cauda mais ou menos curta, segundo a inclinação do estilete. Esta é a razão [...] pela qual se dá à escrita, cujos traços são em forma de cunhos, o nome de cuneiformes. (PEREIRA JUNIOR, [19--?], p. 4)

A escrita cuneiforme foi o primeiro registro humano da escrita, utilizada até a era cristã por vários povos que habitavam o antigo Oriente Médio. Em peças maiores, pela impossibilidade dos escribas manuseá-los com a mão esquerda, a direção da escrita e a disposição das colunas são modificadas, as linhas passam a ser horizontais e as várias letras seguem a direção da esquerda para a direita.

No terceiro milênio a.C., ocorre a primeira evolução desse registro entre os egípcios, que utilizavam o papiro, espécie de junco cortado obliquamente e colados em folhas fixadas em faixas largas, com altura máxima de trinta e sete centímetros que banhados numa tinta escura a base de carvão vegetal possibilitava as inscrições da escrita hieroglífico, heróica e demótica.

[...] a arte da escrita nascera antes. Os sumérios e assírios já tinham um sistema de traços para anotar a fala. Só que o faziam em pedras ou plaquetas de argila, materiais de difícil escrita e de transporte complicado. O papiro egípcio, ao contrário, além da facilidade do registro, apresentava grande mobilidade por se apresentar sob a forma de rolos. (GONZAGA, 2002)

No século VI a.C., na Grécia, o papiro era usado freqüentemente e nos séculos seguintes, já havia uma enorme quantidade de livros, indicando o hábito da leitura da elite grega. Sendo a biblioteca de Alexandria, construída por Ptolomeu II, a síntese da cultura antiga. Os romanos também contribuíram para a história do livro, através de suas cópia. Em média duzentos exemplares de cada original;

das livrarias que anunciavam em cartazes seus lançamentos; e da distribuição dos textos a livreiros situados nas maiores cidades.

Além da escrita no papiro (vegetal), surgiu também a escrita em pergaminho (pele de animal), sendo mais resistente, entre tudo aos ataques de insetos e à umidade.

Na Europa o livro sofre, as consequências do fervor religioso, e passa a ser considerado em si como um objeto de salvação. A característica mais marcante da Idade Média é o surgimento do monges copistas, homens dedicados em período integral a reproduzir as obras. Apareceram nessa época os textos *didáticos*, destinados à formação dos religiosos. Os mosteiros cristãos mantinham bibliotecas de pergaminhos, onde monges letrados se dedicavam a cópias de manuscritos.

A produção, confecção e circulação dos livros medievais eram sempre cercadas por obstáculos que lhes tornavam difíceis o acesso. O primeiro e principal obstáculo era de ordem econômica. Um livro requeria grande quantidade de pergaminho (de acordo com o formato, obtinha-se de dez a dezesseis folhas por pele) e o pergaminho era um material caro, mas podia ser apagado e cortado em forma retangular, formando páginas, em seguida encadenadas e enumeradas para evitar o extravio destas. Muitos deles eram ornamentados com gravuras, miniaturas e desenhos feitos com tintas e pó de ouro. Originando assim, o *codex* ou *códice*, livro manuscrito, o qual estruturou o que atualmente chamamos de livro.

O papel, tal como o conhecemos hoje, teve origem na China, em 1405, misturando cascas de árvores e trapos de tecidos. Depois de molhados, eram batidos até formarem uma pasta. Esta pasta, depositada em peneiras para escorrer a água, depois de seca tornava-se uma folha de papel. A invenção do papel tornou-se uma condição indispensável para a invenção da imprensa.

O alemão Gutenberg, por volta do ano 1450, inventou a primeira "oficina impressora" com "tipos" móveis, cobertos de tinta. A prensa de Gutenberg revo-

lucionou a impressão, tornando-a mais ágil. O primeiro livro impresso foi a *Bíblia*, em latim. No entanto, houve resistência por parte dos copistas, pois a impressora punha em causa a sua ocupação. Mais tarde, Gutenberg aprimorou seu invento, modificando seus "tipos" móveis para metal, usado pela tipografia moderna.

De acordo com Gonzaga (2002), a imprensa surgiu na época do Renascimento, momento de enormes transformações na Europa, sendo o mais extraordinário delas:

[...] em 1456 – como um raio que cai do céu azul – Johannes Gutenberg surpreendeu o mundo usando fragmentos de chumbo fundidos que continham letras em relevos. Estas, embudadas em tintas e sob prensa de madeira, ficavam reproduzidas no papel. (GONZAGA, 2002)

Com essa invenção foi possível fazer vários exemplares de um mesmo livro, a um preço acessível, popularizando e democratizando a leitura. Neste contexto, o monopólio do saber da Igreja é enfraquecido e o livro passa a ser guardado em casa, sendo democratizado.

Segundo Martins (2002, p. 35), "[...] A evolução da escrita é uma vista puramente teórica e lógica que se lança sobre episódios muitas vezes contemporâneos, mas desligados entre si [...]". Portanto, a evolução da escrita não ocorreu de uma só vez, mas em longas etapas, da sua produção até o seu aperfeiçoamento.

3 TRAJETÓRIA SEM FIM DO LIVRO AO COMPUTADOR

A história do livro está inteiramente vinculada à história da humanidade e sua evolução nos diversos meios sócio-culturais e geográficos, pois apesar dos diferentes contextos e tempos históricos, muitos conhecimentos educacionais, filosóficos, científicos, políticos, culturais etc., foram e são de fundamental relevância para o desenvolvimento do livro e da própria humanidade.

Com o surgimento das novas tecnologias de informação ocorreram alterações nas formas de apropriação, mudando o suporte do texto e o modo de lê-lo. Por esse motivo, muito tem se discutido sobre a permanência e a funcionalidade do livro em meio eletrônico, visto que os meios informatizados baseados em sistemas de hipertextos, possibilitados pelos avanços tecnológicos, serão prováveis sucessores do livro impresso. Uma série de fatores nos conduz a tal afirmação, um deles é o custo de produção que sem dúvida no meio eletrônico é mais barato.

Em relação a esse debate, Roger Chartier (1994) em "Do código ao leitor: a trajetória do escrito" e Arlindo Machado (1994b) em "O fim do livro?", apresentam seus pontos de vista, que por um lado se contradizem e por outro se relacionam entre si, pois remete-nos à trajetória revolucionária da história do livro, um seus aspectos de produção, transmissão e recepção do escrito até os dias atuais, onde os textos eletrônicos vêm ganhando espaço como objeto de um novo tipo de leitura, atingindo o leitor, que se apropria do texto em um monitor.

Entretanto, para Chartier (1994), o livro, importante registro do conhecimento humano, encontra-se ameaçado diante das inovações tecnológicas, pois vem cedendo lugar ao monitor, diante de sua agilidade, eficácia e economia, já que o livro impresso requer um custo alto na sua elaboração, edição e aquisição, além de não fornecer a compactar imensidão de informações fornecidas pela informática. Mas apesar do surgimento dessa nova tecnologia o livro impresso ainda e poderá ser por muito tempo um instrumento de difusão de conhecimento e de arte com grande poder transformação quanto a práticas sociais de leitura do impresso.

Por outro lado, Machado (1994b) trata o livro como um dispositivo através do qual uma civilização grava, fixa, memoriza para si e para a posteridade o conjunto de seus conhecimentos, de suas descobertas de seus sistemas de crença e os vãos de sua imaginação.

No entanto, Machado afirma que:

Bancos de dados inteligentes deverão substituir os inexpressivos fichários atuais, novos softwares ajudaram na tarefa de localizar, selecionar e compreender a informação, novos canais de distribuição muitos deles online deverão condenar ao esquecimento as atuais livrarias, tudo isso acontecerá, mas cedo do que se imagina [...] (MACHADO, 1994a, p. 1)

O futuro do livro em questão – como um meio de transmissão de conhecimento – será substituído por bancos de dados inteligentes contidos em softwares, tornando-se assim uma poderosa ferramenta, hoje online, de pesquisa para seus leitores. Há algum tempo a rede mundial disponibilizou livros em forma virtual, ou seja, um produto revolucionário do qual ainda não se tinha conhecimento: feitos de bits e elétrons ao invés de papel, tinta e cola. Sendo assim, uma significativa forma de redução de gastos comparada ao custo de produção dos livros impressos que crescem de forma geométrica não só no Brasil, mas em todo mundo. Muitos intelectuais conservadores já admitem que o livro se tornará obsoleto, devido a tais tecnologias.

Em contrapartida, para Chartier (1994), as transformações trazidas pela passagem do rolo para o códice – manuscrito retalhado em folhas soltas, reunidas em caderno e encapado com material resistente – foram as mais importantes porque transformaram os hábitos de leitura e deixou o livro tal como o conhecemos. Mas mesmo depois de Gutenberg as coisas não mudaram muito, pois a ideia de um livro com páginas, numeração, índice e capa surgiu com essa primeira revolução, que também liberou o leitor para escrever ao mesmo tempo em que lê, coisa impossível quando se segurava o rolo com as duas mãos.

De acordo com uma entrevista de Roger Chartier à Cristina Costa, no X Bienal do livro (2001), em resposta as mudanças trazidas pelo computador, co-

menta que "São três: a leitura descontínua, a leitura hipertextual e a leitura tematizada [...]". Na tela do computador, a prática de leitura se organiza geralmente a partir de temas. Os textos eletrônicos são consultados mais como banco de dados do que como obra. Com isso, há uma tendência à fragmentação, porque se perde a referência à obra completa, como início, meio e fim. Este suporte apresenta o hipertexto, que oferece a oportunidade para o leitor de romper com a ordem sequencial do texto impresso e praticar uma leitura particular, que continuamente introduz textos dentro de outros textos. Com isso, a leitura de um texto de história, por exemplo, pode transformar-se totalmente. O leitor pode consultar documentos digitalizados, conferindo as notas do autor com as próprias fontes.

Assim como Chartier, outros autores defendem a permanência do livro impresso, como Bellei (2002) em sua obra "O livro, a literatura e o computador", onde ressalta o impacto ocasionado pelo uso generalizado do computador:

[...] e preciso examinar a fundo a questão do futuro do livro impresso porque existe, hoje, a possibilidade de seu desaparecimento ou, pelo menos, de uma mudança radical na sua natureza, como resultado do aparecimento da informática e dos meios eletrônicos de acúmulo de fluxo de informação. E trata-se de uma preocupação culturalmente traumática porque a perda ou a modificação da natureza do livro [...] é muito mais do que a perda de um objeto de consumo (BILLEI, 2002, p. 10)

As alterações na forma de coletar e arquivar o conhecimento, seja pela mera reduplicação de textos no meio eletrônico, seja pela criação de hipertextos, vêm sendo frequentemente percebidas em termos de uma ameaça ao livro escrito, o que para Bellei (2002, p. 40), "[...] O livro [...] não precisa necessariamente desaparecer diante do computador porque é uma tecnologia suficientemente flexível para adaptar-se aos novos tempos [...]."

A respeito desse contexto, Braga mostra-se imparcial, pois, para ela,

[...] os leitores contemporâneos estão vivendo um grande desafio, tendo que enfrentar, ao mesmo tempo, uma incontrolável proliferação, velocidade e pulverização da informação [...] e conviver com registros nos mais diferentes suportes, ainda mais com as complexidades do virtual, que, conseqüentemente, impõem novas maneiras de ler. (BRAGA, 2002, p. 118)

Deste modo, a velocidade da informação gerada hoje quase que instantaneamente para seus leitores, proporciona um fator de transição do impresso à tela do computador, forçando assim novas mudanças na leitura: como aspectos estruturais e formas de consultas ao suporte. Assim se afirma que tais mudanças não ocorrem de forma homogênea, pois não se pode negar que a revolução do texto eletrônico é também uma revolução da leitura, e para esse processo gradual existirão diferentes adaptações no fator tecnológico, em diferentes formas de mídias, tendo com prioridade sempre espaço para o leitor.

Mas existem vantagens e desvantagens com esse avanço tecnológico, quando um texto se encontra disponível via eletrônica torna-se impossível controlar o número de pessoas que o visualiza ou que faz uma reprodução, já que isso está ao alcance de qualquer utilizador provido de um computador com acesso à Internet e de uma impressora.

A facilidade de acesso aos textos eletrônicos é vista, normalmente, como uma grande vantagem, por outro lado a circulação de textos de um leitor para outro, de forma incontrolada, pode resultar numa alteração gradual, tal como acontecia na transmissão manuscrita. O texto original irá, sem dúvida, acabar por ser alterado. Porém, não se pode ignorar o fato de que o computador é uma realidade em que a sociedade exige para usufruir das vantagens que ele oferece. A tecnologia cada vez mais vem avançando e logo possibilitará lermos todos os livros através da tela de um computador, o que para muitos pode trazer mais conforto e praticidade, pois dificilmente uma pessoa poderá ter, em sua casa, uma biblioteca

com livros diversificados e atualizados. mas através da informática, com apenas um clique, terá em seu alcance o livro que pretende ler e de forma imediata

Entretanto, o hábito e o gosto pela leitura, em livros impressos, sempre vai ser sinônimo de comodidade, especialmente, porque uma grande parte da população mundial ainda não teve oportunidade de acessar um computador. Nessa perspectiva, supõe-se que o livro impresso é um suporte que nunca deixará de existir, visto que faz parte do nosso cotidiano e que podemos tê-lo sempre junto, em um contato mais concreto, levando-o para qualquer lugar, manuseando-o e sentindo-o com as mãos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro não é – e nem será num futuro próximo – um objeto obsoleto. As novas tecnologias de informação continuarão a avançar a ritmos alucinantes, mas que não dispensam por completo o livro. O valor cultural do livro não será fácil de destronar. O início da chamada era dos computadores, previa-se que o consumo de papel diminuiria, no entanto, houve um resultado contrário, pois o consumo do mesmo tem sido maior.

Todos os livros existentes nas bibliotecas permanecerão lá e todo o seu conteúdo permanecerá dentro de nós. Esta é, pois, a questão importante: não podemos entender o livro apenas na sua forma material. Esta sim, de fato, possa vir a desaparecer, pois não leva consigo as vivências, as experiências, as sensações provocadas pelo seu conteúdo.

Há muitos caminhos ainda a percorrer até que o computador possa ser considerado o objeto maior para transmissão do conhecimento. O computador trouxe de novo a cultura do oral para o nosso cotidiano, mas uma cultura oral que, curiosamente, depende da escrita. Portanto, se ao computador cabe a facilidade

da comunicação, ao livro cabe manter a qualidade da escrita e da linguagem nos limites aceitáveis, sem cair na total confusão do seu uso.

THE FUTURE OF THE BOOK PRINTED MATTER VERSUS THE VIRTUAL REALITY

ABSTRACT

Study on the evolution of the book in its some important phases to evolution, since the writing until virtual books. It in common tells to facts on its history, detaching the oppositions and the aspects between Rogier Chartier and Arlindo Machado as for the presumption disappearance of the book printed matter for the substitution of the electronic book. standing out vision of other authors regarding this context. It describes the importance of the book written and of the electronic book as forms of if conserving and preserving the human knowledge.

Keywords: Book. Evolution. Knowledge

REFERÊNCIAS

- BELLEI, Sérgio Luiz Prado. **O livro, a literatura e o computador**. [Florianópolis]: UFSC, 2002. 169 p.
- BIENAL DO LIVRO, 10., 2001, Rio de Janeiro. **Bienal...** Rio de Janeiro: Trivia, 2001. Disponível em: <<http://www.jbonline.terra.com.br/destaques/bienal/entrevista1.html>>. Acesso em: 21 out. 2007.
- BRAGA, Maria de Fátima Almeida. Meios e modos de apropriação da informação e do conhecimento. In: CASTRO, Augusto Cesar (Org.) **Ciência da informação e biblioteconomia: múltiplos discursos**. São Luis: EDUFMA; EDFAMA, 2002. p. 109-119.

CHARTIER, Roger. **Cultura escrita, literatura e história** conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesus Anaya Rosiques, Daniel Goldin e Antonio Saborit. Porto Alegre: ARTMED, 2001. p. 139-159.

_____. Do código ao monitor: a trajetória do escrito. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 8, n. 21, maio/ago. 1994. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000200012>. Acesso em: 16 set. 2007.

GONZAGA, Sergius. Origem e significado do livro. **Educaterra**. São Paulo: Literatura Brasileira, 2002. Disponível em: <<http://www.educaterra.terra.com.br/literatura/temadomes/temadomes-livro-htm>>. Acesso em: 10 out. 2007.

MACHADO, Arlindo. "A fotografia sobre o impacto da eletrônica". In: _____. **Ensaaios sobre a contemporaneidade**. São Paulo: PUC, 1994a. 1 CD-ROM.

_____. O fim do livro? **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 8, n. 21, p. 185-199, maio/ago. 1994b. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000200012>. Acesso em: 18 set. 2007.

MARTINS, Wilson. Pré-história do livro. In: _____. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca**. São Paulo: Ática, 2002.

PEREIRA JÚNIOR, Anísio Cândido. **As origens da escrita: o cuneiforme**. [s.l.: s.n.], [19--?]. Disponível em: <<http://www.geocities.com/textosbec/candido.doc>>. Acesso em: 10 out. 2007.



Entrevista

Prof. Ms. Rubem Rodrigues Ferro

Rubem Rodrigues Ferro nasceu em São Luis, em 1944, no limite dos signos de libra e escorpião. Coração aberto e de bem com a vida reconhece, entretanto, ser perfeccionista e, em alguns momentos, ter dificuldades em dizer não. Graduou-se em Direito e Biblioteconomia pela UFMA e concluiu mestrado em Library Science, na Western Michigan University. Na sua trajetória profissional foi, por 18 anos, professor do Departamento de Biblioteconomia e atuou como técnico em centros de documentação e bibliotecas assumindo, em muitas ocasiões, cargos de direção, atividades essas que enriqueceram muito sua vida. Orgulha-se de ter sido docente do Curso de Biblioteconomia da UFMA e agradece a Deus pela oportunidade de ter ajudado a formar profissionais responsáveis e comprometidos. No decorrer de suas atividades confessa que em alguns momentos falhou, mas tem a convicção de que fez o melhor, dentro das suas limitações. É otimista, sem preconceito e flamenguista de coração. Visitando o passado não se envergonha, e quando se volta para o futuro não tem medo.

BIBLIOMAR - Poderia nos falar sobre a criação do Curso de Biblioteconomia da UFMA?

Ferro - A origem do Curso de Biblioteconomia deu-se em decorrência da criação da Universidade Federal do Maranhão, em 1966. O reitor da época, Cônego José Ribamar Carvalho, um homem brilhante, culto e de larga visão, não concebia uma Universidade sem boas bibliotecas, conduzidas por profissionais competentes e conscientes de suas responsabilidades. Em São Luis, o número de bibliotecários e/ou documentalistas era restrito. Contavam-se nos dedos os profissionais que haviam concluído o antigo Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, com a duração de um ano, ou que concluíram o Curso de Documentação Científica, a nível de especialização, no Instituto Brasileiro de Bibliografia e

Documentação-IBBD, hoje Instituto Brasileiro de Informação Científica e Tecnologia- IBICT. Era, portanto, óbvia a necessidade urgente da criação do Curso de Biblioteconomia da UFMA.

Iniciado em 1969, em caráter intensivo, aulas pela manhã e à noite, instalou-se no Instituto de Letras e Artes-ILA, sediado no Palácio Cristo Rei, na Praça Gonçalves Dias. Esse Instituto era então, dirigido pelo saudoso e brilhante Prof. Fernando Moreira que, de início, juntamente com a Prof.ª Jesus Muniz, Diretora da Biblioteca Central e aluna do Curso, entusiasmaram-se com o mesmo e foram defensores da sua implantação em caráter permanente, pois a ideia inicial era de que fosse temporário, ou seja, formados os profissionais necessários para atendimento da demanda local, naquele momento, o curso seria suspenso. Devido à carência de profissionais na área, as disciplinas técnicas foram ministradas por profissionais de outras instituições de ensino superior, a saber: Ruth Chelala, grande mestra, da Universidade Federal do Pará, Maria Esther Ortega de Araújo do já citado IBBD e Maia Irene Bezerra, da Universidade Federal Fluminense, ministrou a disciplina Paleografia (História da Escrita). As demais matérias do Curso foram ministradas por professores da UFMA.

BIBLIOMAR - Como você avalia a condução do Curso de Biblioteconomia da UFMA ao longo da sua existência?

Ferro - Pra umas turmas iniciadas a partir de 1970 não foi mais necessário buscar, em outras universidades, profissionais para ministrar as matérias técnicas do curso. A Prof.ª Ruth Chelala aposentou-se da Universidade Federal do Pará e fixou residência em São Luís, e alguns alunos da primeira turma que se destacaram durante o curso e que possuíam outra graduação, no caso, a Prof.ª Luzimar Silva Ferreira e eu, fomos convidados para lecionar algumas das mencionadas disciplinas. Rosário Almeida, Iade Muniz e Rosa Maria Allen, em 1971, foram para o Rio de Janeiro, onde fizeram o Curso de Documentação Científica, no IBBD, com objetivo de reforçar o corpo docente do Curso de Biblioteconomia, quando do seu regresso.

Cumpre ressaltar que a seriedade e o zelo pelo trabalho que caracterizam as personalidades de Ruth Chelala e Luzimar Silva Ferreira foram fundamentais para delinear o perfil do Curso de Biblioteconomia. O compromisso e a responsabilidade com que o trabalho foi conduzido desde seu início, tornaram-se característicos do nosso Curso, o qual até os dias de hoje goza de bom conceito na UFMA e em outras Instituições de Ensino Superior.

Sempre buscamos inovar, transformar, melhorar. Alguns dos que denomino primeira geração de profissionais buscaram fazer pós-graduação *stricto sensu* como foi o meu caso, e o das professoras Luzimar Silva Ferreira, Maria da Paz Luis Rodrigues, Joana Rita Vilas Boas Muiem e Maria do Rosário Guimarães Almeida, que concluíram seus mestrados ainda nas décadas de 1970 e 1980. No caso específico de Rosário Almeida, convém destacar que foi a única da primeira geração a concluir o doutorado em Biblioteconomia na Universidade Comunitária de Maricá, na década de 1990. É bom lembrar que nos anos 70 e 80, os cursos de mestrado na área eram poucos no país e não havia sequer um doutorado em Biblioteconomia no Brasil.

Outros, que por motivos particulares não tiveram a titulação de mestre, mediante esforço pessoal e comprometimento com o processo de ensino-aprendizagem deram excelente contribuição para firmar o conceito do Curso. É o caso de Aurora da Graça Almeida, Ihelma Maria de Sousa Almeida, Cecília dos Santos Nahuz, Maria Eugênia Salles Branco de Almeida, Maria da Graça de Faria Moura, Rosália Aguiar, Sonia Acosta Martins e Rita Gonçalves Martins Portella Fontello (que mais tarde concluíram o mestrado), Anaiza Caminha Gaspar, Maria do Joo Martins Braga, Magnolia Bandeira de Melo, Elizabeth Barbosa e Maria Cândida Mohana, entre outros.

Tais comportamentos foram incorporados por nossos alunos, hoje professores do Curso, os quais, carinhosamente chamo de segunda geração, ou seja, os que passaram a ser docentes a partir da década de oitenta até o presente. A mesma dedicação, êxito e responsabilidade para com o curso continuam sendo nossa marca registrada, agora com uma diferença: com o aumento da oferta de cursos;